



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM

NÚBIA ALVES DA SILVA

**UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS E DA REPRESENTATIVIDADE DA
PERSONAGEM ANNALISE KEATING EM *HTGAWM***

CAMPINA GRANDE – PB
2023

Núbia Alves da Silva

UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS E DA REPRESENTATIVIDADE DA
PERSONAGEM ANNALISE KEATING EM *HTGAWM*

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao
Departamento de Comunicação Social,
curso Jornalismo, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel
em Jornalismo.

Linha de Pesquisa: Estudos Midiáticos e
Culturais

Orientadora: Profa. Dra. Robéria Nádia
Araújo Nascimento

Campina Grande – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586u Silva, Nubia Alves da.
Uma análise dos conflitos e da representatividade da
personagem Annalise Keating em HTGAWM [manuscrito] /
Nubia Alves da Silva. - 2023.
102 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo
Nascimento, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. HTGAWM. 2. Ficção seriada. 3. Personagens negras. 4.
Protagonista Annalise Keating. 5. Representações sociais. I.
Título

21. ed. CDD 070.18

Núbia Alves da Silva

UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS E DA REPRESENTATIVIDADE DA
PERSONAGEM ANNALISE KEATING EM *HTGAWM*

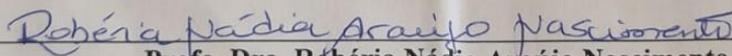
Trabalho de Conclusão (Monografia)
apresentado ao Departamento de
Comunicação Social, curso Jornalismo,
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Linha de Pesquisa: Estudos Midiáticos e
Culturais

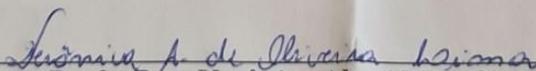
Orientadora: Profa. Dra. Robéria Nádia
Araújo Nascimento

Data da aprovação: 30 de junho de 2023

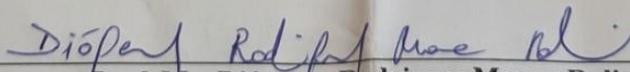
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Orientadora



Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Examinadora Interna



Prof. Me. Diógenes Rodrigues Moura Rolim
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Examinador Externo

À todas as mulheres que enfrentaram o mundo e me
possibilitaram chegar até aqui, dedico.

Viva à educação pública!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por, diante de todas as dificuldades vividas até aqui, ter me concedido saúde para enfrentá-las e ir em busca dos meus sonhos. Acredito que, sem ele, nada disso seria possível.

Agradeço a minha mãe, que soube ser mãe e pai durante toda a minha vida, me ensinando que não há outro caminho para conquistar aquilo que desejamos, se não pela educação. Estendo esses agradecimentos aos meus irmãos, Guilherme, Bruna e Letícia, que complementam o meu seio familiar e me fornecem momentos de alegria e descontração.

Costumo dizer que meus amigos são a extensão da minha família, sempre me apoiando, me ouvindo e, sobretudo, me ajudando a desopilar quando o mundo se torna um caos. E, em nome de todos, darei destaque para André e Francine, que são para mim como irmãos, prontos para rir e chorar comigo em qualquer situação. Principalmente quando “é muito triste o que elas estão vivendo”. Aos demais amigos, saibam que estou pensando em cada um de vocês enquanto escrevo esses agradecimentos, lembrando do quanto sou sortuda por tê-los em minha vida.

E por falar em vida, não há como vivê-la plenamente sem um amor, por isso agradeço ao meu “Pin”, que desde o primeiro instante foi meu maior incentivador, meu sinônimo de dedicação e perseverança. Obrigado, Lucas.

Um agradecimento especial para a “MeLhOr TuRmA”, 2017.1, que, durante os últimos 4 anos, tornaram a caminhada acadêmica mais “fácil” e prazerosa. Me conheceram e me permitiram conhecê-los, compartilhando comigo suas histórias, personalidades; e contribuindo para o meu aprendizado profissional e humano. Em especial, gostaria de agradecer a Artur, Alexandre, Bruna, Brenda, Rayssa, Dvanilson e Vitão, minha equipe de atividades/pagode, que já fazem parte do meu dia a dia afetivo. A vocês, meu muito obrigado.

Eterna defensora do ensino público, agradeço à Instituição UEPB, por me permitir crescer profissionalmente e descobrir tantos amores em um único lugar. Estendo esse agradecimento a todos os professores que compartilharam comigo o seu saber, me permitindo chegar até aqui e me tornar a profissional que sou hoje, me possibilitando amar não apenas o jornalismo e todas as suas facetas, mas também a vida acadêmica. A vocês, todo o meu carinho e apreço.

Durante toda a minha caminhada como estudante, muitos professores me impulsionaram a acreditar firmemente na educação, por isso, em nome da mulher que me fez amar as palavras, Fabiana Borges, agradeço a todos os professores que fizeram/fazem parte da minha vida e torcem pelo meu sucesso.

Em especial, gostaria de agradecer a minha orientadora, Robéria Nádia, como costumo chamá-la, a MARAVILHOSA, que, para mim e todos que a conhecem, vai muito além de uma professora. É uma amiga, uma protetora, que sempre segurou minha mão diante das dificuldades acadêmicas. Que me introduziu na pesquisa e me fez amar ainda mais aquilo que eu já amava: as narrativas seriadas. Que eu possa seguir aprendendo ainda mais contigo, não só sobre séries e filmes, mas sobre a vida. A você, todo o meu carinho e eterno agradecimento.

Por fim, tenho dois agradecimentos importantes a fazer. Primeiro, gostaria de agradecer a mim. Livre de qualquer narcisismo, agradeço a mim por ter seguido firme na caminhada acadêmica e na busca da concretização deste sonho. Quando conheci o jornalismo, algo em mim se encaixou. Desde o primeiro encontro, eu sabia que essa relação seria duradoura e repleta de amor, e segue sendo assim a cada nova descoberta nessa área. Contudo, chegar até aqui não foi fácil, principalmente vivendo uma pandemia, repleta de incertezas e convivendo entre telas. Por isso, Núbia, tenho muito o que te agradecer.

Segundo, como gosto de frisar em todos os meus projetos, ser mulher é viver entre as dores e os prazeres de ser quem somos. E se hoje é possível vivenciar esses prazeres, é porque muitas abriram as portas para que eu pudesse passar e caminhar sem maiores amarras. Por isso, agradeço a todas as mulheres que me possibilitaram estudar e concretizar minha formação.

“A única coisa que separa mulheres negras de
qualquer outra pessoa é a oportunidade.”

- *Viola Davis (2015)*

RESUMO

O presente trabalho centraliza uma análise da representação da personagem Annalise Keating, interpretada por Viola Davis como protagonista no seriado *How to Get Away With Murder* (doravante, HTGWM). O objetivo geral é compreender de que forma a construção ficcional da protagonista e os conflitos por ela vivenciados ajudam a desconstruir estereótipos de gênero, raça e sexualidade. A ficção seriada atua na recriação de sentidos da vida coletiva refletindo o mundo das mulheres na estrutura histórico-cultural. Sob essa perspectiva, o presente estudo parte das representações produzidas com ênfase no debate feminista e antirracista. Os aportes teóricos são embasados em Gonzalez (1988) na discussão do movimento feminista e o movimento feminista negro, aliada à abordagem das mediações da teleficção (MARTÍN-BARBERO, 2004; 2014). A compreensão do viés dramático considera a complexidade narrativa (MITTEL, 2012) para verificação das representações e construções identitárias (HALL, 2004; CHARTIER, 2002). Para a leitura das narrativas seriadas em suas relações com o cotidiano social buscamos respaldo em Sant'Anna (2008). Para embasar o movimento interpretativo, destacamos referências importantes da cultura de séries: Anaz (2018) e Nogueira (2010). A análise temática da narrativa articulou contribuições de Motta (2013) agregando as percepções de um Grupo Focal (COSTA, 2005) com espectadores da produção americana de modo interseccional e dialógico. Em razão disso, o percurso metodológico é de caráter descritivo-interpretativo, cujos pressupostos de observação partem da construção e do contexto da trama, considerando a análise temática das seis temporadas. São apresentadas situações dramáticas nas quais foram verificados: a) a construção de uma personagem com arquétipos e estereótipos multifacetados; b) a representatividade da personagem por meio de experiências culturais e sociais do grupo espectador; c) a criação de uma estrutura temporal anacrônica, que quebra a linearidade e apresenta a personagem em diferentes épocas de sua vida (MITTEL, 2012); e d) a desconstrução de estereótipos raciais sobre a protagonista. Os principais resultados apontam que os estereótipos atribuídos à mulher negra no âmbito do mundo ficcional e social são ressignificados na série, sobretudo no que tange à sexualidade feminina.

Palavras-chave: HTGAWM; Ficção Seriada; Personagens Negras; Protagonista Annalise Keating; Representações sociais.

ABSTRACT

The present work focuses on an analysis of the representation of the character Annalize Keating, played by Viola Davis as the protagonist in the series *How to Get Away With Murder* (hereinafter, HTGWM). The general objective is to understand how the fictional construction of the protagonist and the conflicts she experiences help to deconstruct gender, race and sexuality stereotypes. Serial fiction works to recreate the meanings of collective life, reflecting the world of women in the historical-cultural structure. From this perspective, the present study starts from the representations produced with emphasis on the feminist and anti-racist debate. Theoretical contributions are based on Gonzalez (1988) in the discussion of the feminist movement and the black feminist movement, allied to the approach of telefiction mediations (MARTÍN-BARBERO, 2004; 2014). The understanding of the dramatic bias considers the narrative complexity (MITTEL, 2012) to verify representations and identity constructions (HALL, 2004; CHARTIER, 2002). For the reading of serial narratives in their relationships with everyday social life, we seek support in Sant'Anna (2008). To support the interpretative movement, we highlight important references of series culture: Anaz (2018) and Nogueira (2010). The thematic analysis of the narrative articulated Motta's (2013) contributions, adding the perceptions of a Focus Group (COSTA, 2005) with spectators of the American production in an intersectional and dialogical way. As a result, the methodological path is descriptive-interpretive, whose observation assumptions depart from the construction and context of the plot, considering the thematic analysis of the six seasons. Dramatic situations are presented in which the following were verified: a) the construction of a character with multifaceted archetypes and stereotypes; b) the representativeness of the character through cultural and social experiences of the spectator group; c) the creation of an anachronistic temporal structure, which breaks the linearity and presents the character in different periods of his life (MITTEL, 2012); and d) the deconstruction of racial stereotypes about the protagonist. The main results indicate that the stereotypes attributed to black women within the fictional and social world are re-signified in the series, especially with regard to female sexuality.

Keywords: HTGAWM; Serial Fiction; Black Characters; Protagonist; Annalise Keating; Social Representations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Conheça Annalise Keating (01x01)

Figura 2: Eu quero que você morra (02x07)

Figura 3: Pôster da primeira temporada

Figura 4: Pôster da segunda temporada

Figura 5: Pôster da terceira temporada

Figura 6: Pôster da quarta temporada

Figura 7: Pôster da quinta temporada

Figura 8: Pôster da sexta temporada

Figura 9: Eve e Annalise no fim da sua vida

Figura 10: Cena final de Annalise

Figura 11: Participante 6

Figura 12: Participante 1

Figura 13: Participante 3

Figura 14: Participante 8

Figura 15: Participante 2

Figura 16: Participante 5

Figura 17: Participante 8

Figura 18: Participante 6

Figura 19: Participante 3

Figura 20: Participante 5

Figura 21: Participante 1

Figura 22: Participante 2

Figura 23: Participante 2

Figura 24: Participante 3

Figura 25: Participante 1

Figura 26: Participante 6

Figura 27: Participante 5

Figura 28: Participante 8

Figura 29: Participante 1

Figura 30: Participante 5

Figura 31: Participante 2

Figura 32: Participante 3

Figura 33: Participante 8

Figura 34: Participante 6

Figura 35: Participante 1

Figura 36: Participante 8

Figura 37: Participante 3

Figura 38: Participante 2

Figura 39: Participante 5

Figura 40: Participante 6

Figura 41: Participante 2

Figura 42: Participante 3

Figura 43: Participante 8

Figura 44: Participante 1

Figura 45: Participante 5

Figura 46: Participante 6

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: primeira temporada

Quadro 2: segunda temporada

Quadro 3: terceira temporada

Quadro 4: quarta temporada

Quadro 5: quinta temporada

Quadro 6: sexta temporada

Quadro 7: quadro dos participantes

LISTA DE ABREVIATURAS

A referência aos episódios segue o modelo Temporada x Episódio. Exemplo: 01x07 indica o sétimo episódio da primeira temporada.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: PROTOCOLANDO O PROCESSO	16
2. ÔNUS DA PROVA: TRAJETOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	20
2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	20
2.2 CONSTRUÇÃO DO CORPUS	22
3 MÉRITO DO PROCESSO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE	36
3.1 AS ONDAS DO MOVIMENTO FEMINISTA	36
3.2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO NEGRO	40
3.3 DISCUTINDO RAÇA, COR E IDENTIDADE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	44
4 ALÍBI: A DEFESA DE ANNALISE	48
4.1 ANNALISE KEATING E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NEGRA EM SERIADOS	48
4.2 COMO SE DEFENDER DE UM ASSASSINATO?	57
4.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E NARRATIVAS SERIADAS	65
4.4 CONCEITUANDO A CULTURA DE SÉRIES	68
5 AUTOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES	71
5.1 SELEÇÃO DO JÚRI: FORMAÇÃO DO GRUPO FOCAL	71
5.2 O QUE DIZEM OS JURADOS? ANÁLISES DOS PARTICIPANTES	74
6 A SENTENÇA: CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	94
ANEXO 1. FORMULÁRIO DISPONIBILIZADO AOS PARTICIPANTES DO GRUPO FOCAL	99
ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE	101

1. INTRODUÇÃO: PROTOCOLANDO O PROCESSO

O presente estudo contextualiza uma análise sobre a representação da protagonista negra (Annalise Keating), pertencente à narrativa seriada *How to Get Away With Murder* (doravante, HTGWM), disponível na plataforma de streaming NETFLIX. Partimos da premissa de que o estudo dessa produção ficcional pode colaborar para a desconstrução de estereótipos e arquétipos¹ étnico-raciais e de gênero. Desse modo, o objetivo geral é analisar a narrativa a fim de identificar os aspectos da construção identitária da mulher negra considerando a reprodução dos principais estereótipos socioculturais que lhes são atribuídos. Os objetivos específicos foram assim articulados: 1) Compreender os conflitos históricos e afetivos para a construção de uma personagem protagonista; 2) Expor o papel das narrativas seriadas no processo de produção de sentidos sobre a mulher negra; e, a partir das análises de um Grupo Focal, 3) Identificar as ressignificações e representatividade da personagem tomando como eixos de estudo as categorias gênero, sexualidade e sociedade.

Para o alcance desses objetivos são considerados os conhecimentos teóricos de Gonzalez (1988) e Davis (2006) que discutem o movimento feminista e como suas lutas possibilitaram direitos importantes para as mulheres, incluindo-se as causas do movimento feminista negro. Para a compreensão da teleficção no trânsito das relações socioculturais, elegemos os trabalhos de Martín-Barbero (2004; 2014). Para conhecer o conceito de complexidade narrativa (MITTEL, 2012) nos valem das categorias identidade e representações (HALL, 2004); (CHARTIER, 2002). No intuito de entender as relações das narrativas seriadas com o cotidiano social, buscamos reforço em Sant'Anna (2008). Nesse movimento, também destacamos referências importantes sobre a cultura de séries: Anaz (2018) e Nogueira (2010). Do ponto de vista metodológico, realizamos uma análise temática dos episódios (MOTTA, 2013) aliada a um Grupo Focal (COSTA, 2005), no propósito de conhecer e registrar as ideias de um grupo de espectadores da série. Em síntese, a configuração qualitativa se orienta por duas etapas que visam o alcance dos objetivos formulados: uma revisão bibliográfica e a realização de um Grupo Focal (COSTA, 2005).

O Grupo Focal reitera a importância metodológica dos pressupostos teóricos sugeridos por Martín-Barbero (2009), que aconselha atrelar a teoria à empiria nas

¹ Arquétipos são entendidos como imagens e símbolos mentais presentes em nossa psique, no inconsciente coletivo das pessoas por todo o mundo. Trata-se de conteúdos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos. (JUNG, 2002, p. 16).

pesquisas sobre produtos ficcionais, a fim de compreender a mediação dos significados. O grupo foi organizado via WhatsApp, devido à facilidade de integração possibilitada pelo aplicativo, no qual foram encaminhados os links dos episódios selecionados e as discussões propostas. Oito pessoas participaram da pesquisa, sendo três mulheres negras e uma parda; quatro homens, sendo três brancos e um pardo. Os recortes temáticos foram relativos às seis temporadas da série, a fim de analisar a representação dos conflitos importantes para a sociedade sobre a mulher negra.

A escolha da protagonista considerou sua imponência diante das representações femininas e sua potencialidade de romper com rótulos e estereótipos atribuídos à mulher negra (SANTOS, 2019). Dessa forma, o estudo também busca evidenciar a importância das narrativas seriadas como instrumentos capazes de discutir esse contexto, propondo uma análise das relações de poder que conduzem às opressões de gênero e raça, principalmente, no que tange ao feminino.

A série dramática de grande sucesso foi transmitida pela emissora estadunidense ABC entre 2014-2020. Na temática central, a famosa advogada e professora universitária Annalise Keating contrata cinco dos seus melhores estudantes de Direito para atuação na sua famosa firma de advocacia criminal. Com isso, Annalise se propõe a ensinar tudo o que eles precisam saber sobre “Como se livrar de um assassinato”. Exibida no Brasil pela Rede Globo em 2017, a série foi traduzida como “Lições de um crime”, ocasionando um tumulto nas redes sociais e diversas piadas em relação a tradução, já que o público conhecia a famosa série por “Como se defender de um assassinato”². Mas optamos por não desenvolver maiores discussões em torno disso – haja vista ser um trabalho que demanda conhecimentos não só linguísticos, como também culturais –, preferindo utilizar a nomenclatura em língua estrangeira.

O lançamento da primeira temporada aconteceu em 25 de setembro de 2014, e a série teve sua sexta e última temporada lançada em 2019, com o episódio final exibido em 14 de maio de 2020. Criada por Peter Nowalk, a narrativa tem como produtora executiva a cineasta, a roteirista e produtora de televisão norte-americana Shonda Rhimes, famosa por trazer protagonistas femininas fortes, independentes e muito bem-sucedidas em suas carreiras, demarcando seus territórios em um ambiente predominantemente masculino, a exemplo de Olivia Pope (Scandal); Miranda Bailey (Greys Anatomy) e Rainha Charlotte (Bridgerton).

² Tradução conhecida entre os fãs.

A delimitação do tema para esta monografia se deu através de três fatores. Enquanto mulher, poucas vezes vi representações femininas nas telas que contrariassem a visão tradicionalista da sociedade sobre “o papel da mulher”, explorando a força, a fragilidade e a sexualidade feminina de maneira a ultrapassar as barreiras impostas. As raras mulheres protagonistas de novelas, especialmente as negras, estavam sempre em posições subalternas, inferiorizadas, como empregadas, escravas, moradoras de rua, sempre longe das posições dominantes. Nesse sentido, o trabalho de representação da mulher na mídia teve grande influência sobre as visões que adquiri em torno dos lugares atribuídos a mulher negra na sociedade. Por isso, a primeira justificativa para a nossa escolha é uma inquietação pessoal com a reprodução dos estereótipos femininos.

Além disso, minha ligação com a pesquisa de narrativas seriadas também foi marcada pela Iniciação Científica. Durante minha caminhada universitária, fui bolsista do PIBIC (Programa de Iniciação Científica) da UEPB, também sob orientação da Prof^a Dr^a Robéria Nádia. Nesse processo, realizei estudos sobre narrativas seriadas, suas complexidades e como elas influenciam a visão do espectador na denominada cultura de séries. Tive a oportunidade de estudar as representações de empatia na série *This Is Us* e as narrativas híbridas na série *Modern Love*. Como consumidora assídua dos conteúdos disponibilizados pelas plataformas de streaming, como NETFLIX e AMAZON PRIME, passei a observar a forma como as narrativas seriadas dessas plataformas apresentam suas protagonistas, e como algumas ocupam papel de destaque em comparação às frequentes representações que reafirmam estereótipos de gênero e raça.

Ademais, como afirma Pine e Affini (2016), a complexidade das narrativas contemporâneas está intrinsecamente ligada à complexidade do próprio ser humano moderno. Dessa forma, as representações produzidas contribuem para um imaginário comum, visto que a ligação entre a representação e o seu significado é algo definido social e culturalmente. É a criação de sentidos e significados entre os indivíduos que possibilita a vivência em sociedade, assim como gera a possibilidade de discussões e questionamentos sobre essas mesmas representações. Logo, as narrativas ficcionais propõem um relevante debate a respeito da mulher negra quando questionam esses estereótipos.

Portanto, no que diz respeito a minha área de formação profissional, esta pesquisa busca contribuir para o conhecimento das relações midiáticas da ficção analisando a representação da mulher negra dentro das narrativas seriadas. Pensamos que figuras como Annalise Keating abrem portas para novas formas de representação feminina negra,

colocando a mulher em destaque nos debates sobre gênero, raça e sexualidade. A série pode ser ainda relevante objeto de estudo em disciplinas como Análise Semiótica e Tópicos Especiais em Jornalismo. A importância de pesquisas dessa natureza também pode ser corroborada nos trabalhos de Dalago (2017), Silva (2019) e Santos (2019), todos desenvolvidos na área de comunicação social, o que também justifica nossa opção pela temática da ficção seriada.

A fim de apresentar o estudo, organizamos a discussão em quatro capítulos. O primeiro capítulo delimita os procedimentos metodológicos. Em seguida, o segundo capítulo tem o intuito de conceituar e expor o surgimento do feminismo e a representação das mulheres negras numa perspectiva interseccional. No terceiro capítulo é abordado o teor da narrativa, destacando a protagonista, a complexidade da trama e a importância de Analise para a representação feminina no universo das narrativas seriadas; também discorre sobre o conceito de representação social, especialmente as representações negras; além de apresentar a cultura de séries como veículos propícios a esses enfoques. No quarto capítulo, apresentamos as análises a partir da formulação e discussões realizadas no grupo focal.

2. ÔNUS DA PROVA: TRAJETOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, iremos apresentar os recursos metodológicos que utilizamos na elaboração deste trabalho – pesquisa bibliográfica e análise da personagem – que nos ajudaram a alcançar as respostas da problemática lançada nesta pesquisa. No item 2.1, iremos abordar a classificação da pesquisa, dando enfoque à pesquisa bibliográfica e sua importância para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Já no subcapítulo 2.2, na construção do corpus, vamos apresentar a análise da personagem, especificando quais episódios foram selecionados para o grupo de discussão e como eles nos ajudaram a compreender a representatividade da protagonista.

2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa bibliográfica é o pontapé inicial para a organização de um estudo. Stumpf (2006) afirma que para desenvolver um bom trabalho, é preciso um aprimoramento bibliográfico, através de uma seleção de obras e autores que efetuem uma boa explanação do assunto discorrido na pesquisa. Deste modo, a pesquisa bibliográfica ajuda a avançar no entendimento dos conceitos, bem como do próprio objeto da pesquisa. Ele entende que:

Para estabelecer as bases em que vão avançar, alunos precisam conhecer o que já existe, revisando a literatura existente sobre o assunto. Com isto, evitam desperdiçar esforços em problemas cuja solução já tenha sido encontrada. (STUMPF, 2006, p. 52)

Com base no entendimento do autor, a pesquisa bibliográfica foi o primeiro passo para a elaboração deste trabalho. Através das leituras, obtivemos base para a compreensão e aprofundamento de conceitos que integram essa pesquisa, como feminismo, feminismo negro, interseccionalidade, raça, cor, identidade, narrativas seriadas e representação social. A pesquisa possibilitou, além do entendimento dos conceitos e teorias, a formação das conclusões que se apoiaram na análise da personagem Annalise Keating, de como ela impacta os espectadores quando se trata de representatividade negra feminina. É importante salientar que entrar em contato com autoras como Ângela Davis, Bell Hooks, Lelia Gonzalez e tantas outras pesquisadoras citadas ao longo do texto, foi um processo muito enriquecedor.

O segundo e o terceiro capítulo enquadraram as lutas femininas, apresentando como as mulheres lutaram através das décadas por direitos e liberdade; e como essas lutas tinham visões e significados distintos quando se tratava de mulheres negras, que lidavam com as questões de cor, raça e identidade. O quarto capítulo apresentou a série a

personagem que irá servir de objeto empírico neste trabalho, bem como a série que ela faz parte, *HTGAWM*, um produto midiático contemporâneo; além de discutir as representações sociais nas narrativas seriadas e como isso influencia para a identificação do público com a narrativa. O primeiro e o quinto capítulo preocuparam-se em trazer explicações a partir da pesquisa bibliográfica e como é possível discorrer sobre autores que contribuem para solução da problemática lançada nesta pesquisa.

O segundo recurso metodológico utilizado neste trabalho, foi a Análise Temática (MOTTA, 2013), na qual apresentamos o foco central da narrativa, para fundamentar as abordagens dos episódios selecionados. Essa delimitação aponta o Plano da História de cada episódio, a fim de descrever seus aspectos constitutivos. Para facilitar a interpretação da série *HTGAWM*, realizamos uma breve contextualização das temporadas no capítulo 3 deste trabalho, a fim de delimitar suas temáticas-chave e selecionar a amostra exposta para o Grupo Focal. A série é composta de 90 episódios de 42 minutos, exibidos em plataformas de TV por assinatura e em serviços de streaming. Nosso terceiro recurso metodológico diz respeito ao Grupo Focal (COSTA, 2005), composto por um grupo misto, com seis pessoas, sendo três delas mulheres (negras e parda), e 3 homens (brancos e pardo), que analisaram recortes temáticos das seis temporadas da série, a fim de analisar como a personagem apresenta conflitos importantes para a sociedade e retrata representações significativas para a mulher negra. A operacionalização do trabalho foi realizada a partir da observação sistemática das seis temporadas.

Os episódios da série selecionados para discussão do Grupo Focal (GF) foram nomeados e compilados em seis tabelas ilustrativas, delimitando as questões centrais de cada episódio. Selecionamos episódios de todas as temporadas para problematizar as temáticas discutidas, sendo 4 episódios da primeira temporada, 3 da segunda, 2 da terceira, 3 da quarta, 3 da quinta e 3 da sexta, totalizando 18 narrativas para aprofundamento analítico. Em cada episódio selecionado, apresentamos o Plano da História, a fim de problematizar os encadeamentos do enredo, os conflitos e representações da personagem; além de explicar como os *flashbacks* são fundamentais na compreensão dos conteúdos. A respeito da análise dos episódios realizada pelo Grupo Focal, destacamos que as diferentes interpretações do público espectador colocam em circulação, via linguagem, os sentidos decorrentes da historicidade cultural, pelas quais os indivíduos e grupos constroem um sentido para os fatos históricos. Por isso, os episódios são apresentados anteriormente às discussões, para favorecer a compreensão das temporalidades e circunstâncias retratadas, a fim de nortear a discussão dos

conteúdos, que configura a etapa empírica da pesquisa. Sendo assim, a etapa que sucede este subcapítulo é a construção do corpus, onde apresentamos os episódios analisados pelo GF, que será explicada a seguir.

2.2 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Como vimos no tópico anterior, um dos métodos de análise deste trabalho será por meio da análise narrativa, também chamada de análise de conteúdo. Na perspectiva de Fonseca Júnior (2006), a análise de conteúdo é um procedimento das ciências humanas, que se destina a uma apuração dos fatos através de inúmeras técnicas de pesquisa, realizando análises de mensagens, bem como a análise semiológica ou a de discurso.

A análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma – ou objetiva – porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias a mesma amostra de mensagens, possam chegar às mesmas conclusões (LOZANO, 1994 *apud* FONSECA, 2006, p. 286).

O que determina que cada pessoa poderá analisar o conteúdo de uma maneira diferente, a partir dos signos, representações e referências próprias que se interligam com aquilo que foi visto por ela. Dessa forma, o método de análise temática e análise do Grupo Focal se complementam no que propomos para este trabalho.

A análise de conteúdo se elenca em diferentes modalidades, como qualitativa e quantitativa, sendo diferenciadas pela sua forma de ação. Segundo Bardin (2016), a pesquisa quantitativa é realizada através de dados descritivos, através de um método estatístico. Já a pesquisa qualitativa corresponde a um procedimento mais intuitivo, mais adaptável a índices não previstos, à evolução de hipóteses, “já que permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou diversas variáveis do locutor (ou da situação de comunicação)” (BARDIN, 2016, p. 145).

Nesse sentido, nossa pesquisa se configura em uma metodologia qualitativa, pois, como afirma a pesquisadora Bortoni-Ricardo (2008), busca entender e interpretar os fatos sociais diante de contextos específicos. Essa natureza direciona o nosso trabalho para um viés interpretativista, por ter “compromisso com a interpretação das ações sociais e com o significado que as pessoas conferem a essas ações na vida social” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Sendo assim, a análise narrativa dos episódios selecionados para o Grupo, será feita através da interpretação e uso de significados próprios de cada participante, de acordo com sua vivência, trajetória e compreensão social.

Para uma melhor compreensão dos episódios selecionados, as tabelas a seguir trarão a descrição e nomenclatura dos recortes dos episódios aos quais nos detivemos para a avaliação do Grupo Focal. Trata-se das delimitações dos 18 episódios selecionados para aprofundamento analítico:

Quadro 1 – Primeira Temporada			
EPISÓDIO	DURAÇÃO	TÍTULO	PLANO DA HISTÓRIA
EP 01x01	44m	Piloto	Apresentação da narrativa da trama; apresentação da personagem, como uma mulher negra, professora, advogada, poderosa, imponente e com amplas questões sexuais. O episódio usa do anacronismo já nos primeiros minutos, ao apresentar os personagens que colaboram para o enredo da trama (seus alunos) envolvidos em um assassinato.
EP 01x04	43m	Vamos dar uma espiada	Annalise assume o caso de uma velha amiga, Marren Trudeau, que está sendo acusada de fraude e insiste que é inocente e está sendo injustiçada. Wes entrega a Annalise o celular de Lila e ela descobre fotos do pênis de Sam Keating no celular, que resulta em uma cena forte da narrativa. <i>Flashforward:</i> observa-se que Wes já havia entregado as provas do celular para Annalise antes do seu encontro com Sam.
EP 01x09	43m	Me mate, me mate, me mate	Annalise e Sam discutem seriamente após ela descobrir sobre o envolvimento de seu marido no assassinato de Lila Stangard. Sam briga violentamente com Rebecca e na tentativa de fazer Sam soltar Rebecca, Michaela empurra Sam sobre o corrimão da escada e ele cai no chão abaixo. Sam é dado como morto. Rebecca, Wes, Michaela, Connor e Laurel pensam em seus próximos passos, até que Sam levanta e ataca Rebecca. Wes atinge Sam

			na cabeça com o troféu de Asher, matando-o. Então, eles fogem para a floresta, mas acabam retornando para pegar o corpo de Sam e destruir todos os vestígios do assassinato. Após dormir com Nate, Annalise deixa uma mensagem pedindo desculpas a Sam pela briga. Os alunos movem o corpo de Sam pela floresta e o queimam em uma fogueira. Em seguida, cortam os restos em pedaços e os colocam em sacos de lixo. Um <i>flashback</i> final mostra uma cena de quando Wes voltou até a casa de Annalise para recuperar o troféu e é flagrado por ela, que está sentada numa mesa, e mostra a Wes sua cumplicidade no assassinato de seu marido, dando os direcionamentos de como eles devem se livrar do corpo.
EP 01x13	43m	A mamãe chegou	A mãe de Annalise chega na cidade e a questiona sobre o seu envolvimento na morte de Sam, seu estilo de vida e sua infância. É revelado que, quando criança, o tio de Annalise a estuprou e, sem Annalise saber, sua mãe revela que ela o assassinou, colocando fogo na casa, com ele dentro.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na primeira temporada, através dos episódios e recortes selecionados para o GF, observa-se a apresentação da personagem Annalise Keating, sua complexidade, as questões pessoais e todas as suas versões que serão aprofundadas ao longo de toda a trama. O primeiro episódio aborda algumas versões de Annalise: uma professora temida e imponente com seus alunos, sendo objeto de apreço e estima por eles; uma advogada hostil e sarcástica, que faz o possível e o impossível para vencer suas causas, mesmo indo contra a ética jurídica em alguns momentos; uma esposa, casada com um homem branco, mas que o trai com um policial; uma mulher negra, que explora sua sexualidade e usa isso a seu favor. No decorrer do segundo episódio analisado, observa-se com maior

intensidade a Annalise esposa, que não confia em ninguém além de si mesma, por entender como as pessoas podem ser mentirosas quando as convém, devido a sua profissão. Annalise descobre a traição do marido (Sam), e com isso, demonstra uma camada que é escondida por ela dos demais, uma Annalise frágil. Ao se desmontar da estética Annalise Keating, a protagonista deixa de lado seu arquétipo de guerreira e passa a trazer sua verdadeira versão.

No episódio 09, Annalise discute com Sam sobre a traição e o expulsa de casa, dando início a uma briga intensa e agressiva entre eles. Neste momento, observa-se uma Annalise hostil, agressiva, desafiadora, que afronta o seu marido sobre suas ações e confessa as suas próprias, sendo acusada por ele de ser uma pessoa hipócrita. Após uma briga intensa, seu marido a descreve de maneiras cruéis, a delimitando às questões sexuais e estéticas. Com o decorrer do episódio, vemos o assassinato de Sam por um de seus alunos e sua ação enquanto protetora, utilizando o arquétipo da Grande-mãe, que busca proteger os seus filhos a todo custo, nesse caso de Annalise, proteger os seus alunos do crime.

Por fim, no episódio 14, a personagem aparece no seu íntimo, deprimida, frágil, necessitando da ajuda da sua mãe para lidar com o luto da morte de seu marido. Neste episódio, podemos observar a história da personagem, abusada pelo tio enquanto criança, traumatizada por esse abuso, acredita ter sido negligenciada pela mãe, gerando uma relação conflituosa. No fim, é revelado que sua mãe – que também apresenta características fortes e hostis – que ela assassinou o tio de Annalise em um incêndio, após descobrir os abusos.

Nesta temporada, a personagem apresenta questões complexas e conflituosas, em que utiliza de arquétipos importantes para a formulação da sua identidade enquanto mulher negra e que serão maiores aprofundamos ao longo das temporadas, como o arquétipo de Guerreira, Grande-mãe, Mãe-Terrível e Mulher-fatal.

Quadro 2 – Segunda Temporada			
EPISÓDIO	DURAÇÃO	TÍTULO	PLANO DA HISTÓRIA
EP 02x01	43m	Hora de seguir em frente	Annalise e seus alunos tentam seguir em frente depois dos acontecimentos da primeira temporada, enquanto assumem o caso de Caleb e Catherine Hapstall, irmãos adultos adotados que são acusados de assassinar seus pais

			ricos. Annalise pede para uma advogada chamada Eve Rothlo (que mais tarde é revelada ser ex-namorada de Annalise) assumir o caso de Nate e ela aceita. Annalise vai para a balada com seus alunos após começar a se lembrar da época que estava na escola de lei com Eve, revelando fatos novos sobre sua sexualidade. <i>Flashforward</i> do episódio: dois meses depois, um tiro é ouvido na mansão dos Hapstall, e Wes foge da mansão onde Annalise encontra-se em uma poça de sangue depois de ser baleada.
EP 02X09	43m	O que foi que fizemos?	Depois de Sinclair falar mal do pai de Asher, Asher a atropela, matando-a. Annalise tenta ajudar a encobrir tudo e pede para Frank encontrar Catherine, para fazê-la levar a culpa pelo assassinato de Sinclair. Ela faz com que Bonnie e Asher joguem o corpo de Sinclair da sacada para fazer com que pareça suicídio e Annalise tenta desesperadamente fazer com que um de seus alunos atire na perna dela, para parecer que foi Catherine quem fez isso. Quando nenhum dos alunos quer atirar Annalise, ela revela a Wes que Rebecca está morta, fazendo com que Wes atire no intestino dela, em vez da perna, como ela pediu. Wes fica prestes a atirar em Annalise novamente, mas desta vez, no rosto. Mas, antes que pudesse apertar o gatilho, Annalise sussurra o nome de nascimento de Wes, Christopher. Chocado ao descobrir que Annalise sabe seu nome verdadeiro, ele abaixa a arma. <i>Flashback</i> : Com 12 anos de idade, Wes é entrevistado por uma detetive sobre o suicídio de sua mãe. É revelado que Annalise e

			Eve Rothlo, ainda jovens, assistem sua entrevista. Então, Eve diz: “Meu Deus, Annalise, o que nós fizemos?”.
EP 02x14	43m	Este é o meu bebê	Annalise conta a Wes a verdade sobre sua mãe. <i>Flashback:</i> Annalise e Eve assistem a uma detetive interrogando Wes. Mais tarde, Wallace Mahoney aparece no quarto de Annalise, ameaçando demiti-la, mas, antes de ele a demitir, ela revela o motivo de Rose ter se sentido ameaçada por ele: ele estuprou Rose há muito tempo. Assim, Christopher/Wes é filho de Rose com ele. Annalise decide revelar isso para a polícia, mas, no caminho para a delegacia, ela sofre um acidente de carro, fazendo com que seu filho seja morto.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na segunda temporada da trama, selecionamos mais três episódios para a análise do Grupo Focal. Os episódios selecionados abordam questões relevantes sobre a personagem e o objeto de nosso estudo, sua representatividade. Como foco desses recortes, temos uma Annalise que tenta lidar com os acontecimentos da temporada anterior, o assassinato de seu marido e a proteção de seus alunos no crime. Ao acusar seu namorado da morte do marido para livrar seus alunos, Annalise chama uma velha amiga advogada para o defender, Eve, sua ex-namorada e grande amor de sua vida. Essa revelação traz novas questões para a personagem, uma mulher negra bissexual, que ainda tenta lidar e entender sua sexualidade.

A justificativa dada por Annalise vai de encontro a fala de Dalcastagnè (2014), em que ela afirma que “ser mulher e ser negra são fardos muito grandes para serem carregados, pois a sociedade já menospreza a mulher e reduz os negros, imagina carregar o peso de ser homossexual ou bissexual? Quão grande seria esta cruz para uma só pessoa carregar, ativando marcadores sociais oprimidos pela sociedade, como do gênero, raça e orientação sexual?! “Ser mulher e ser negra marca um espaço de interseccionalidade – onde atuam diferentes modos de discriminação – que ainda é pouco reconhecido [...] (DALCASTAGNÉ, 2014, p. 11).

No segundo episódio analisado (02x09), mais um assassinato é cometido por um de seus alunos e, novamente, Annalise tenta os proteger, modificando a cena do crime e acusando outras pessoas, um de seus atuais clientes. Nessa tentativa de proteção, Annalise pede que Wes, um de seus alunos, atire nela para dar credibilidade a versão criada, e ativa o arquétipo da Mãe Terrível para o manipular, de forma agressiva, a realizar o que ela pediu. Por fim, no episódio (02x12), a narrativa utiliza do recurso *flashforward* por quase todo o episódio, mostrando uma versão mais nova de Annalise, grávida, que defende um caso de assassinato de uma poderosa família. Por não aceitar a verdade por trás da história dessa família e da testemunha, Annalise confronta o chefe da família e é discriminada por sua cor e condição gestante. Ao escolher proteger a testemunha, a mãe de Wes, Annalise é atacada e acaba perdendo seu bebê. Neste recorte, observa-se como essa perda tem relevância na complexidade da personagem, na sua forma de agir com seus alunos, na sua dureza diante dos problemas e das pessoas, e na sua constante dor e sofrimento pessoal.

Na temporada seguinte, a personagem apresenta questões importantes para a sociedade e que para ela mesma, como o uso do álcool. Isso gera perdas em fatores determinantes da sua personalidade, como o seu trabalho enquanto advogada e professora.

Quadro 3 – Terceira Temporada			
EPISÓDIO	DURAÇÃO	TÍTULO	PLANO DA HISTÓRIA
EP 03x03	43m	Sempre aposte no preto	Devido aos cartazes difamatórios contra Annalise no Campus, a direção da Universidade de Middleton pede que ela seja afastada do cargo de Professora e ela se recusa, ameaçando processar a direção. O escritório de Annalise assume o caso de um agressor/assassino sexual, o que retorna à reputação de Annalise no processo. Durante a defesa, Annalise pede que seu cliente (culpado) aceite o acordo da Promotoria. Com sua recusa, ela o agride fisicamente. A agressão de Annalise é levada a Ordem dos Advogados e ela perde sua licença para advogar. Com tantos problemas, Annalise se afunda na bebida, como válvula de escape. Na busca por retornar aos seus postos de

			atuação, Annalise assume ser alcoólatra e assina um acordo de tratamento para conseguir sua licença.
EP 03x12	43m	Vá chorar em outro lugar	Annalise é acusada do assassinato de Wes e tem sua fiança negada. Nenhum acordo é feito com o promotor público, Denver, o que faz Annalise continuar presa, mas, agora, sem nenhuma esperança. Em uma visita dos seus pais a prisão, Annalise os confronta e acaba descobrindo que sua mãe está sofrendo de demência. Ela acha que Annalise está sendo indiciada no lugar dela por ter incendiado a casa que matou o tio abusivo de Annalise, o que inicia um confronto privado entre Annalise e seu pai, por causa da negligência dele em relação a esta situação. Ao decidir sair e ajudar sua mãe, Annalise inicia uma briga com uma detenta para conseguir uma reclamação de abuso e consegue ser liberada sob fiança.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na terceira temporada, selecionamos dois episódios para aprofundamento analítico, sendo estes os episódios (03x03) e (03x12). Como foco desses recortes, temos uma Annalise afrontosa, que confronta lideranças da Universidade em que ensina e da Ordem dos Advogados. No primeiro episódio analisado, (03x02), observa-se uma Annalise que não se dobra às intimidações. Após ser difamada no Campus como assassina, a direção da Universidade pede o afastamento da professora, que se recusa a deixar de ensinar seus alunos. Lidando com esse problema e com todas as questões de sua vida, Annalise volta a utilizar o álcool como válvula de escape, relevando seu problema com o alcoolismo. Enquanto personagem feminina alcoólatra, Annalise vai de contra às afirmações de Filho (2004), em que o estereótipo do alcoólatra era associado a duas vertentes na mídia: O primeiro era composto pelos trabalhadores miseráveis e pelos desempregados. Segundo o autor, “deixavam mais à mostra os ‘estigmas’ do progresso; ‘inválidos da civilização’ [...]” (FILHO, 2004, p. 57). O segundo era a figura que habitava

os presídios. No caso das mulheres, eram sempre as negras e eram julgadas da seguinte maneira: “mulatas ou negras, fúfias da última classe, alcoólicas e desordeiras” (FILHO, 2004, p. 58). Sendo assim, Annalise rejeita esta projeção, já que ela é uma mulher com uma carreira bem estruturada e ainda assim, enfrenta essa doença, por ter que lidar com diversos traumas do seu passado e problemas no seu presente. Porém, dentro dessa configuração apresentada por Filho (2004), a personagem se enquadra enquanto alguém de raça negra. Ainda que ela exiba outras qualidades e molde essa representação, a cor da sua pele não muda. As questões que levam a sua personagem a desenvolver o alcoolismo é a ruína de sua vida pessoal, que afeta o lado profissional, motivando-a a beber. Devido ao uso do álcool, Annalise acaba agredindo fisicamente um de seus clientes e o descontrole é levado até a Ordem dos Advogados, que retira sua licença para advogar. Ao se ver perdendo sua carreira de professora e advogada, Annalise retoma sua versão imponente, assume ser uma alcoólatra para a direção da Ordem e assina um acordo para retomar sua licença. Na sequência, ameaça processar a direção da Universidade caso a afastem do cargo de professora.

Nos *flashforwards* da temporada, observa-se um incêndio na casa de Annalise e um corpo sendo retirado, que posteriormente é revelado se tratar de Wes, seu aluno favorito e com forte ligação pessoal com Annalise. Após ser acusada da morte de Wes, Annalise é presa e precisa provar sua inocência. Durante sua estadia na prisão, no nosso segundo episódio analisado, Annalise recebe uma visita dos pais e durante a discussão com seu pai, um homem ausente na sua criação, Annalise o acusa de negligenciar seu abuso na infância e revela como esse abuso moldou sua vida e a levou até aquela situação. Nesse momento, observa-se como esse abuso foi um fator determinante na personalidade e identidade da personagem, a levando a questões e relações conflituosas e até mesmo dependentes, como o alcoolismo, a falta de confiança nas pessoas, sua constante depressão, e a camada forte e implacável que ela criou para si.

Quadro 4 – Quarta Temporada			
EPISÓDIO	DURAÇÃO	TÍTULO	PLANO DA HISTÓRIA
EP 04x02	43m	Eu não sou ela	Em sua segunda sessão com o Dr. Isaac, Annalise lhe conta como foi a semana em que ela decidiu assumir o caso de Jasmine, uma de suas companheiras de cela de quando estava na prisão. O episódio destaca a busca de Annalise por justiça e reparação, que na

			visão do seu terapeuta, atravessa questões pessoais da advogada.
EP 04x06	43m	Aguenta firme, mamãe	Annalise revela para Isaac que depois que perdeu seu bebê, ela tentou se suicidar. Que embora se mantenha forte para o mundo externo, está cansada de ter que passar essa visão de força que todos esperam dela. Embora esteja incomodado com suas semelhanças ao trauma de Annalise, Isaac se recusa a transferir Annalise para um novo terapeuta, apesar dos pedidos de sua própria terapeuta, sua ex-esposa.
EP 04x13	43m	Lahey contra o Estado da Pensilvânia	Annalise pede que Olivia Pope a ajude com a ação coletiva e, depois que as duas colocam o caso no tribunal para ser ouvido pela Suprema Corte, Olivia prepara Annalise para convencer o júri. Antes de iniciar o julgamento, Annalise começa a entrar em pânico e pede a Olivia para tomar seu lugar. Olivia diz a ela que é preciso fazer isso e a ajuda a se levantar novamente. Annalise vai para a Suprema Corte e defende sua ação contra o sistema de justiça do Estado, apontando como a questão do racismo contribui para os altos números de encarceramento e a negligência na defesa dos encarcerados. Annalise consegue vencer a ação e alavancar sua carreira. Este episódio faz parte de um crossover com <i>Scandal</i> , uma série que também possui uma protagonista negra de destaque, com produção de Shonda Rhimes.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Nos recortes da quarta temporada, selecionamos trechos para enfatizar uma das versões de Annalise que carrega diversas representações, a Annalise Keating Advogada. No primeiro episódio analisado pelo Grupo Focal (04x02), observamos a protagonista em

uma sessão de terapia, algo obrigatório para que ela continue com sua licença para advogar. O episódio destaca a busca de Annalise por justiça e reparação para os mais injustiçados pelo sistema prisional, a população negra, dando início a um projeto de ação coletiva. Na sequência de análise, no episódio (04x06), as fraquezas da personagem voltam à tona, abordando sua tentativa de suicídio após a perda do bebê. Também é dito pela personagem que está cansada de representar o papel de mulher forte para o mundo, tendo que se sacrificar para proteger os demais.

No último episódio (04x13), a trama recebe uma outra protagonista negra de narrativas seriadas, Olívia Polpe, da série *Scandal*, que neste crossover³, vem auxiliar Annalise na defesa de seu caso contra o Estado da Pensilvânia, na Suprema Corte. Neste recorte, observa-se a projeção de duas mulheres negras em carreiras bem-sucedidas, desconstruindo o padrão exibido por Araújo (2000), que afirma que nas mídias televisivas as negras ocupam papéis como perfeitas domésticas, voltando sua atividade de trabalho em servir suas patroas brancas. Nessa desconstrução, as personagens ocupam a representação de destaque, sendo protagonistas das suas histórias e comandando importantes ações para o país e, consecutivamente, para as narrativas. Ativando seu arquétipo de Guerreiro, “defensor da verdade e da justiça, pronto para morrer por aquilo que acredita e/ou ao serviço daqueles que não podem defender a si mesmos” (Randazzo, 1996, p. 160), Annalise enfrenta os maiores juízes do Estado para apontar como o racismo contribui para os altos números de encarceramento; e como o governo tem negligenciado a defesa dos encarcerados, cortando os orçamentos do sistema de defensoria pública. Annalise Keating utiliza sua brilhante atuação na advocacia para vencer a ação, tornando-se uma das maiores advogadas do país e um alvo para o governo do Estado.

Quadro 5 – Quinta Temporada			
EPISÓDIO	DURAÇÃO	TÍTULO	PLANO DA HISTÓRIA
EP 05x07	43m	Eu fui manipulada	A morte de Nate Sênior é considerada um homicídio justificável, pois ele teria atacado um dos guardas durante o transporte. Annalise acredita que a governadora a está manipulando. Isso é confirmado quando a governadora informa a Annalise que o Projeto de

³ Crossover: colocação de dois ou mais personagens, cenários ou universos de ficção distintos no contexto de uma única história.

			Defesa Justa da Pensilvânia não estará avançando. Como resultado, Annalise a enfrenta e ameaça destruí-la.
EP 05x13	43m	Os pais de vocês	Na véspera de Natal, Annalise convida todos para um jantar no apartamento dela. Após o jantar, Annalise conversa com sua mãe sobre estar cansada de encontrar homens/amores que a machucam e prefere estar sozinha. Sua mãe a aconselha sobre o amor e ela afirma estar cansada de ter que cuidar de todos.
EP 05x14	43m	Eu sou o inimigo	Annalise confronta Emmett sobre sua honestidade e eles discutem. Na discussão, Annalise releva estar cansada de homens brancos privilegiados, que tendam definir as regras do mundo e diz: “agora o mundo é meu”, afirmando não aceitar mais imposições sobre ela.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na análise dos recortes da quinta temporada, temos como foco o papel da advogada Annalise Keating, que após vencer a ação contra o Estado, precisa financiar o seu programa de defesa pública. Enganada pela governadora, Annalise a confronta e ameaça destruí-la, onde observa-se novamente o arquétipo de guerreira. No recorte seguinte (05x13), Annalise realiza um jantar de Natal e em uma conversa com sua mãe sobre ter uma companhia, revela estar cansada de ser machucada pelos homens e ter que cuidar de todos, ser uma Grande-mãe o tempo todo. No episódio seguinte (05x14), Annalise confronta seu chefe, Emmenett, sobre sua honestidade e diz estar cansada de lidar com homens brancos que querem definir as regras do mundo.

Durante toda a história, os homens brancos ocuparam o papel de chefes, fosse na ficção ou na vida real. Para os negros sobrava a cozinha, a senzala, nunca o comando. Davis (2016), lembra que o trabalho que as negras desempenhavam pós escravidão, relacionava se apenas a atividades no campo, mas sempre caminhando para o lado doméstico. Neste recorte, Annalise vai contra essa conjuntura e quebra a liderança masculina no mundo. Para ela, o mundo agora o pertence e as imposições não serão mais aceitáveis. Nesta fala, Annalise retrata uma questão importante levantada pelas mulheres, sobretudo as mulheres negras, que estão cansadas de ter que aceitar um sistema que as

oprime, uma das lutas atuais da quarta onda do feminismo, que foi abordada no capítulo 3 deste trabalho.

Quadro 6 – Sexta Temporada			
EPISÓDIO	DURAÇÃO	TÍTULO	PLANO DA HISTÓRIA
EP 06x01	43m	Digam Adeus	Após as sérias acusações do FBI contra Annalise, ela tem uma recaída da bebida e vai buscar tratamento em uma clínica. Durante as sessões de tratamento, Annalise descreve como se vê, citando palavras que outras pessoas já usaram contra ela. Em determinado momento, Annalise desconta sua raiva em seu travesseiro, desmentindo os dizeres anteriores sobre ela.
EP 06x12	43m	Vamos pegá-lo	Neste episódio, Annalise está lutando contra as acusações de assassinato e a possível determinação de pena de morte para ela. Em determinado momento do episódio, sua advogada, Tegan, conversa com Annalise para acalmá-la e dizer sobre como ela é um símbolo de motivação para ela.
EP 06x15	43m	Fique	No episódio final da trama, observamos a luta de Annalise contra as acusações de assassinato em seu julgamento. Durante sua apresentação para os jurados, Annalise realiza uma fala emocionante sobre como tem se apresentado para a sociedade, usando máscaras que agradariam as pessoas dos ambientes em que estava inserida, disfarçando quem ela realmente é.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na sua temporada final, selecionamos mais três episódios para análise do Grupo Focal, que retratam fortemente a visão das pessoas sobre Annalise e a sua própria visão sobre si mesma. No primeiro recorte (06x01), Annalise está em tratamento em uma clínica de reabilitação, após uma recaída no álcool, e durante uma atividade em grupo, descreve a forma que se enxerga e é vista pelos outros, como alguém suja, feia, à margem da sociedade, utilizando palavras que a depreciam. Essas palavras foram utilizadas por

outros personagens ao longo da trama para atacar Annalise, como, por exemplo: nojenta, mostro, câncer, doença, burra. Em uma atividade de aceitação, Annalise tem uma crise ao agredir seu travesseiro e se perdoar sobre essas ofensas e visões sobre si. Na sequência (06x12), observa-se como Annalise é vista como um símbolo de força, potência e representação por outras mulheres negras da trama, como Michaela e sua advogada, Tegan Price, que afirma enxergar Annalise como um símbolo de motivação. No episódio final da trama (06x15), Annalise enfrenta seu julgamento, em que é acusada por todos os assassinatos da trama. Em seu discurso final, Annalise retira a máscara criada para a advogada e professora Annalise Keating, e revela ser apenas uma mulher negra, bissexual, depressiva, brava, alcoólatra, frágil, que tentou durante toda a sua vida se adequar aos lugares que estava inserida para ser respeitada.

O enfoque dessa temporada é retratar as representações, os arquétipos e os conflitos que acompanharam a personagem até aquele momento final. Que com todas as suas complexidades, traz uma representação significativa para o cenário das narrativas seriadas, especialmente para a mulher negra, que ganha maior destaque no protagonismo e, principalmente, em um protagonismo que explora diversas questões importantes, como gênero, raça e identidade.

Diante dos recortes apresentados para a análise do Grupo Focal, vislumbra-se uma mulher negra que protagoniza uma série midiática e apresenta representações diferentes do que eram vistas anteriormente para uma mulher negra, sobretudo em relação ao protagonismo dramático, diferente do que era utilizado pelas narrativas seriadas, apenas o papel em comédias. O próximo passo da nossa análise será feito a partir do Grupo Focal, através do qual analisaremos os resultados e discussões da nossa pesquisa, a fim de identificar e apresentar as visões dos participantes a respeito da personagem, seus conflitos e suas representações sociais enquanto mulher e protagonista negra. Esta etapa estará presente no capítulo 5.

3 MÉRITO DO PROCESSO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE

Neste capítulo, vamos explicar os conceitos de feminismo, abordando uma breve história do movimento feminista e sua contribuição para os avanços das mulheres no espaço social. Essa contextualização ajuda a compreender a representação feminina dentro e fora das telas midiáticas. Também serão explanados o conceito de feminismo negro e de interseccionalidade. A partir de uma revisão bibliográfica, o tópico 3.1 irá expor as lutas do feminismo tradicional⁴ e, posteriormente, no item 3.2 as principais reflexões acerca do movimento feminista negro. Por fim, o tópico 3.3 discutirá as questões de gênero, raça e identidade. A intenção é refletir sobre as injustiças que afetam as mulheres em relação a sua cor, etnia, sexualidade e/ou classe social. A partir da perspectiva interseccional, compreende-se que muitas opressões socioculturais estão ligadas ao local de onde essa mulher vem e a qual classe social ela pertence.

3.1 AS ONDAS DO MOVIMENTO FEMINISTA

Desde a origem da humanidade, pelos olhos das escrituras bíblicas ou pelas descrições da ciência, a mulher sempre teve o papel de coadjuvante, quando ainda era lhe dado algum papel na história. Submetida ao que equivocadamente se considerava um determinismo biológico de subserviência e fragilidade. Nas complexas relações de poder entre os gêneros, as mulheres são colocadas em situação de inferioridade, sendo associadas ao ambiente do “cuidar doméstico”, dando a aparência de algo “natural” a uma identidade que lhes foi socialmente imposta pelo poder patriarcal. Isso resulta “no produto da relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, a qual está inscrita na realidade do mundo, enquanto estrutura fundamental da ordem social” (BOURDIEU, 1995, p. 145).

Com o passar dos anos, essas questões começaram a ser questionadas, quebrando a ideia de que a mulher nasce para ser subordinada, como questiona Simone de Beauvoir no livro “Segundo sexo”, que diz que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1949), desestruturando as ideias trazidas por Bourdieu e outros filósofos sobre o papel da mulher. Com essa onda de questionamentos às posições impostas às mulheres, nasce o

⁴ O Feminismo tradicional é aqui caracterizado como um movimento de lutas por igualdade de direitos encabeçado por mulheres brancas, de classe média alta e intelectualizadas. (RIBEIRO, 2006; AZEREDO, 1994.)

movimento feminista, caracterizado pela luta coletiva em busca da emancipação política e conquistas de direitos iguais.

As primeiras organizações em torno do que conhecemos como movimento feminista tiveram origem nos Estados Unidos na década de 60 (sessenta), e, logo depois, a discussão alcançou os países do Ocidente. Sua principal proposição era a libertação da mulher e não apenas a sua emancipação, em que o movimento sufragista⁵ foi o foco da primeira geração feminista, em que as lutas das mulheres, majoritariamente brancas, promoviam grandes manifestações em Londres e lutavam por direito ao voto, ao trabalho e à educação.

No Brasil, as sufragistas tinham a bióloga Bertha Lutz como figura representativa, uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que lutou e auxiliou na conquista do voto feminino, em 1932, quando promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro. Este feminismo inicial, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960, após o livro de Beauvoir e todos os debates sociais abordados por ele sobre as distinções entre os gêneros. Nessa corrente, as feministas rejeitam todas as formas de dominação masculina e acreditam que o patriarcado é a origem da opressão feminina.

Ao tratarmos da esfera jornalística, Sarmiento (2020) aponta em sua pesquisa como os jornais existentes entre 1921 e 1959 davam pouco caso às ondas feministas, menosprezando e trazendo notícias desrespeitosas a respeito das mulheres que integram os movimentos feministas, contribuindo para a construção do movimento no imaginário social de forma estereotipada.

A segunda onda do feminismo surge como consequência da resistência das mulheres à ditadura militar. Então, “Foi no ambiente do regime militar e muito limitado pelas condições que o país vivia na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970” (PINTO, 2009, p. 16). Nesse cenário de guerra e com influência dos movimentos internacionais, feminismo europeu e norte-americano, o feminismo de resistência eclode no Brasil na segunda metade do século XX, dando visibilidade à questão da mulher acerca da divisão sexual do trabalho e,

⁵ O movimento sufragista, iniciado no século XIX, consistiu em uma luta de reivindicação pela participação ativa das mulheres na política, concedendo a elas o direito de votarem e de serem votadas. Disponível em <<https://www.politize.com.br/movimento-sufragista-o-que-foi-e-qual-o-impacto-no-brasil/#:~:text=O%20movimento%20sufragista%2C%20iniciado%20no,votarem%20e%20de%20serem%20votadas.>> Acesso em 02 de jun. 2023

consequentemente, do papel tradicional da mulher na família e na sociedade. Com isso, mulheres começaram a se articular por todo o país, propagando ideias de direitos iguais para homens e mulheres e abrindo novas discussões sobre direito reprodutivo, violência contra a mulher, sexualidade e liberdade feminina.

Um dos principais jargões da segunda onda do feminismo é *sisterhood is powerful* (a irmandade entre mulheres é poderosa), que é o nome da primeira obra reconhecidamente de segunda onda, escrita por Robin Morgan. Nesse momento do movimento, as feministas realizavam a conscientização de outras mulheres por meio de atividades coletivas, possibilitando e favorecendo o empoderamento das mulheres enquanto coletividade, por mais que houvesse divergências existentes no movimento em geral.

Em termos de teoria, foi na segunda onda feminista que as mulheres buscaram identificar a origem da opressão feminina. E apesar de todas as diferenças entre as mulheres do mundo, elas perceberam que existia algo que as unia, a opressão com base no sexo. Foi a partir daí que as mulheres começaram a expandir seu leque de discussão, quebrando com a generalização que existia no movimento, buscando compreender as diferenças entre as mulheres que faziam parte desse movimento e buscavam pelos direitos de igualdade. É importante ressaltar que mulheres negras feministas sempre existiram, desde a primeira onda; e, justamente por serem negras, sempre analisaram sua condição enquanto mulheres também sob o prisma do racismo.

Ao mesmo tempo em que as feministas negras se apoiavam em análises materiais, empíricas e históricas para explicar sua opressão, também se fortalecia a busca pela ancestralidade — para fins, justamente, de fortalecimento da própria identidade negra, e, mais especificamente, de mulher negra. Sendo assim, a interseccionalidade não foi uma novidade da terceira onda, ela apenas não havia ganhado um olhar e estudo aprofundado sobre essas intersecções e divergências de caminhada de cada mulher.

Sobre a esfera jornalística, Sarmiento (2020) afirma que apenas o caderno de cultura dos jornais de São Paulo se dedicava a escrever sobre o feminismo, pautando discussões sobre a produção e o comportamento de artistas de diversos setores que simpatizavam e integram a causa. Para eles, o assunto era um “tema da moda”, voltado para as opiniões dos artistas sobre os comportamentos feministas e o próprio movimento

A terceira onda surgiu na década de 1990, com o objetivo de desconstruir alguns termos e questões fixadas nas mulheres, no movimento feminista e discutir as lacunas deixadas pela segunda onda, a exemplo das diferenças entre as mulheres, da diversidade

e da produção discursiva da subjetividade feminina. É nessa onda que as discussões femininas ganham espaço nas universidades, em centros de estudos e nos setores políticos. Essa onda é conhecida também como pós-feminismo, pois busca romper o significado de gênero fixado (MACEDO, 2006). Essa vertente do movimento rejeita quaisquer tentativas de identificação de objetivos comuns, gerais, padronizados e luta pela liberdade de escolha de cada mulher, recriminando termos misóginos e pejorativos utilizados pelos homens para reprimir as mulheres. Se a segunda onda tinha como proposta teórica o entendimento das estruturas que oprimiam as mulheres, assim como suas origens e as relações de poder intrínsecas a essas estruturas e instituições, a terceira onda não acredita em significados fixos ou intrínsecos a palavras, símbolos ou instituições, buscando estudar performances dentro de contingências. Levando em consideração não só raça/etnia, classe e sexualidade, mas também nacionalidade, idade e a religião das mulheres.

No contexto do jornalismo, Sarmiento (2020) aborda na terceira onda feminista, as organizações feministas, ativistas, especialistas já se comunicavam melhor com os veículos de notícia, o que trouxe maior amplitude para o tema na comunicação. A partir dos anos 90, as notícias veiculadas traziam poucos traços de estranhamento, como aparecia nas décadas anteriores.

De modo geral, cada onda feminista pontuava questões centrais. A primeira onda lutava por direitos básicos, como o voto, a educação, a igualdade de direitos entre homens e mulheres. A segunda onda, ampliava a questão da igualdade, mas trazia as questões da diferença existente entre homens e mulheres e o papel de inferioridade que era imposto ao gênero feminino, buscando por uma nova forma de concepção sobre liberdade e igualdade. A terceira onda, já vinha com toda a bagagem das ondas anteriores, com as conquistas e discussões mais ampla, buscando combater outras desigualdades existentes no movimento, como o preconceito de classe, o sexismo e as diferenças existentes entre as próprias mulheres, a respeito da interseccionalidade. É importante salientar que as ondas feministas não se sobrepõem.

Por fim, com a chegada da internet e o impulso das redes sociais nas discussões que rodeiam o feminismo, nasce o que chamamos de quarta onda do movimento feminista, a qual é massivamente pautada nas redes sociais para propagar suas ideias, discutir a amplitude do que é ser mulher atualmente, reforçar as lutas e abrir o espaço para mulheres transexuais que também sofrem as opressões da existência enquanto mulher. As palavras-chaves da quarta onda são liberdade e igualdade, e por acreditar que não se deve impor

rótulos às mulheres, muitas rejeitam o rótulo feminista, apesar de defenderem as lutas desse movimento. Para maior compreensão sobre essa onda, sugerimos a leitura de *Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais*, de Heloisa Buarque de Hollanda (2020).

3.2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO NEGRO

O feminismo negro começou a ganhar força a partir da segunda onda do feminismo, entre 1960 e 1980, por causa da Fundação da National Black Feminist, nos Estados Unidos, em 1973. Além disso, cansadas de verem outras mulheres falarem sobre as dificuldades femininas, escritoras negras passaram a escrever sobre o tema e criar a literatura negra. Porém, é importante lembrar que bem antes disso, muitas mulheres já lutavam pelo direito de serem mulheres e de terem seus direitos defendidos, apesar de sua cor, como Sojourner Truth, ex-escravizada, que discursou na Convenção dos Direitos das Mulheres, em 1851, em Ohio, onde falou no seu discurso “E eu não sou uma mulher?”, as diferenças radicais que existiam entre as mulheres brancas e as mulheres negras, e como muitas vezes a sociedade as esquecia enquanto mulheres.

Durante a luta abolicionista, os direitos das mulheres negras puderam ser vistos pelo movimento feminista, dando espaço ao movimento feminista negro nos Estados Unidos. Após anos de luta, a abolição foi conquistada em 1865 e a Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos foi aprovada, mas o racismo estava enraizado nas estruturas daquele país. No Brasil, a abolição foi conquistada em 1888, mas sem nenhuma política de reinserção da população negra na sociedade, o que contribuiu para as graves desigualdades existentes que expressam consequências negativas até os dias atuais. E enquanto a luta pelos direitos acontecia, as divisões eram realizadas na sociedade. As mulheres brancas conquistavam o direito ao voto, mas o homem negro ainda seguia proibido de votar, deixando claro como a sociedade enxergava essa população. Com isso, percebia-se que as mulheres negras eram deixadas de lado, mesmo contribuindo para o movimento e suas lutas, ainda assim, não eram vistas. É a partir daí que a mulher negra estadunidense passa a exigir mudanças e reivindica o reconhecimento de seus interesses, visto que eram, e infelizmente ainda são oprimidas pelo machismo, racismo e sexismo (GONZALEZ, 1983; DAVIS, 2016; hooks, 1981). Elas eram tão esquecidas, que tinham medo do feminismo:

Elas ficaram no seu lugar tanto tempo que têm medo de se moverem. Elas têm medo de abertamente confrontarem as feministas brancas com o seu racismo ou os homens negros com o seu sexismo, para não mencionar o confronto com

os homens brancos com o seu racismo e sexismo. [...] Eu sei que o seu medo existe porque elas viram-nos esmagadas, violadas, abusadas, massacradas, ridicularizadas e gozadas. Apenas poucas mulheres negras reacenderam o espírito da luta feminista que agitou os corações e as mentes das nossas irmãs do século XIX. Nós, mulheres negras que defendemos a ideologia do feminismo, somos pioneiras (hooks, 1981, p. 139).

Diferente do feminismo negro do Brasil, que apesar das diferenças com o movimento feminista “tradicional”, deixou de lado suas diferenças para lutar em prol da igualdade de direitos, da extinção das desigualdades sociais e da busca pela cidadania após a assombrosa ditadura militar. Mas, apesar disso, da busca pela igualdade das mulheres que pertenciam aos grupos do movimento feminista, a questão racial não era colocada como um aspecto fundamental no movimento. Enquanto as mulheres brancas buscavam os mesmos direitos civis que os homens brancos, as mulheres negras ainda suportavam, e suportam até os dias de hoje, o peso da escravização, com o racismo.

Lélia Gonzalez, figura de extrema importância no que diz respeito às relações raciais e de gênero no Brasil, contribuiu ferrenhamente para o movimento negro feminino, desempenhando um papel essencial no movimento feminista nas décadas de 70-80. Foi a partir de seus apontamentos teóricos que se estabelece a crítica a um movimento que ainda se prendia ao mito da democracia racial, que não oferecia respaldo para uma análise das desigualdades raciais enfrentadas pelas mulheres negras (GONZALEZ, 1986).

Em 1985, após o III Encontro Feminista Latino-americano em Bertioga, os primeiros Coletivos de Mulheres Negras começaram a surgir e realizar encontros. A partir daí surgiu o Primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras, em 1988, com o objetivo “criar nossos próprios referenciais, deixando de olhar o mundo pela ótica do homem tanto o negro quanto o branco ou pela da mulher branca.” (RIBEIRO, 2017, p. 48). Tal atitude foi criticada pelo movimento feminista, que vendo esses encontros, acusava as mulheres negras de dividir os movimentos sociais, mas, na verdade, essa divisão já existia e não queria ser vista pela ótica de quem lutava por uma igualdade de direitos que sequer existia para as mulheres negras.

Enquanto o feminismo branco lutava pelo direito ao aborto e criticava o casamento tradicional, o Movimento de Mulheres Negras pautava a esterilização em massa que era realizada em mulheres negras de forma involuntária (MOREIRA, 2017). Enquanto as mulheres brancas criticavam a constituição de família, as mulheres negras abordavam a questão da solidão romântica, pela falta parceiros fixos, dado que eram vítimas do racismo e do sexismo, tanto por homens brancos quanto negros. Como aponta Cardoso (2014) as representações negativas das mulheres negras na sociedade brasileira são decorrentes da

articulação entre o racismo e o sexismo e se manifestaram de diversas formas, desde a sexualização dos corpos negros aos abusos e violências sofridas por essas mulheres (GONZALEZ, 1984).

Os resquícios da escravidão geraram diversas atribuições e ataques para as mulheres negras, a exemplo das atribuições de “mulata” e “doméstica”. A autora Leila Gonzalez relembra o papel das mulheres negras na escravidão, servindo como mucamas, ora fazendo os serviços domésticos, ora acompanhando a sinhá da casa, ora sendo abusada pelo patrão. A percepção da mulata, segundo Gonzalez, é dada como objeto de raça, onde a “mulata é crioula, negra nascida no Brasil, não importando as construções baseadas nos diferentes tons de pele” (GONZALEZ, 1983, p. 240). Além disso, ela aborda a exploração e exibição comercial desses corpos quando convém para o homem branco, a exemplo do Carnaval. Nesse momento, a sociedade brasileira permite que a mulher negra ganhe destaque e saia do campo da invisibilidade, subindo ao palco para mostrar todo o seu talento no samba e nos belos corpos iluminados, ou seja, pelo viés da sexualização dos corpos das mulheres negras. É nesse pequeno período do ano que a cultura negra é exaltada e “descriminalizada” como se nunca tivesse sido oprimida pela sociedade, desfocando o racismo sofrido todos os outros meses do ano.

Em relação ao termo “doméstica”, também oriundo dos resquícios da escravidão, está ligado ao período em que as mucamas serviam como empregadas para realizar todos os serviços da Casa Grande. Esse termo segue como um estereótipo deixado sobre as mulheres negras, uma sombra que cega a sociedade em relação a sua classe social, profissão e posição de poder, as enxergando apenas como empregadas domésticas, que estão ali para servir. Essa é uma das inúmeras barreiras que as mulheres negras tentam quebrar na sociedade, a eterna visão imposta a elas de subserviência e a não aceitação da sua ocupação em espaços de poder. Casos de racismo são recorrentes às mulheres que tentam ir contra esse sistema, a exemplo da jornalista Maria Júlia Coutinho, a Maju, que foi vítima de ataques racistas⁶ ao assumir o comando do Jornal Hoje, em junho de 2017.

Assim, observa-se que as lutas feministas para ocupar espaços de poder não são tão iguais quando se trata das mulheres negras. Desse modo, entende-se que as discussões em torno dos conceitos gênero, sexualidade, raça e classe são indispensáveis para a compreensão das relações que se constituem e modelam a sociedade. Pois, por mais que as batalhas femininas sejam semelhantes, é importante entender as particularidades de

⁶ Disponível em: < <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/alvo-de-ataques-racistas-maju-coutinho-diz-que-esta-disposta-lutar-responsabilidade-41883>>. Acesso em 12 de abril. de 2023

cada mulher. Portanto, as intersecções entre gênero e outras esferas são essenciais para a compreensão das desigualdades.

A discussão feminista é complexa e ganha constantemente novas contribuições e críticas. Bebendo da fonte de Ângela Davis, a teoria interseccional busca propor um olhar crítico e reflexivo para qualquer que seja a linha que estamos seguindo no movimento feminista:

A interseccionalidade inicia um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. (...) Ela não provê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista. Ao invés disso, ela estimula nossa criatividade para olhar para novas e frequentemente neo-ortodoxas formas de fazer análises feministas (2008, p. 79).

Foi olhando por esse prisma da individualidade de cada mulher que a advogada afro-americana Kimberlé Crenshaw, precursora nos estudos da teoria interseccional, analisou as diferentes categorias identitárias sobrepostas, principalmente nas minoritárias, corroborando as injustiças sofridas pelas mulheres. Por um olhar individualizado, ela expõe como o gênero intersecta-se com uma série de conjuntos sociais, como raça, cor, religião, idade, orientação sexual, condição financeira, etnia, lugar de origem, criando, assim, opressões ou privilégios para determinados grupos de mulheres. Dessa forma, o feminismo se amplia para propor um olhar reflexivo, alertando sobre o mundo a nossa volta e suas diferentes camadas.

Kimberlé Crenshaw utilizou o termo “intersectionality” em casos jurídicos de discriminação por gênero e raça. Ela afirmava que “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação” (2002, p. 177) e que as diferentes formas de opressão atravessam as pessoas de formas distintas, a partir das suas individualidades. Por exemplo, o racismo enfrentado pelos homens negros molda os parâmetros das ações antirracistas, enquanto as mulheres negras vivenciam o racismo de forma diferente, normalmente aliado com o sexismo. Do mesmo modo em que o sexismo enfrentado pelas mulheres brancas não é o mesmo que atinge as mulheres negras, que vivenciam essa opressão juntamente com o racismo. Ou seja, para a mulher negra, a opressão é sempre acompanhada de outra opressão. A partir disto, a interseccionalidade fornece suporte para se pensar essas duas categorias, entre outras.

Ainda bebendo da fonte de Crenshaw, compreende-se que é através da interseccionalidade que podemos reconhecer e argumentar melhor sobre as diferenças entre os sujeitos. O feminismo tradicional, que teve sua identidade pensada por mulheres

brancas, intelectuais e em sua maioria de classe média (ALVAREZ, 2000), foi de suma importância para o início das lutas femininas e do debate sobre as categorias de cor e gênero. Sua persistência resultou na legitimação das demandas de feministas negras, vítimas de uma sociedade racista, sexista e patriarcal, que puderam explicar como suas próprias lutas eram ainda mais profundas que as das mulheres que lideravam o movimento inicial. Através dessa abertura, foi possível abranger movimentos feministas mais individualistas, como “o feminismo negro, feminismo lésbico, feminismo popular, ecofeminismo, feminismo cristão e assim por diante” (ALVAREZ, 2000, p. 393-394). Foram esses desmembramentos que permitiram que as mulheres, que não se sentiam representadas pelo discurso majoritário, tivessem espaço na luta feminista para transformar suas realidades e se sentirem verdadeiramente incluídas. Em síntese, o olhar interseccional possibilitou abraçar as singularidades de todos os grupos de mulheres citados por Alvarez, onde as características físicas e sociais refletem nas diferentes formas de opressão que transformam a vivência de cada mulher.

3.3 DISCUTINDO RAÇA, COR E IDENTIDADE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As discussões a respeito da raça vêm ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas científicas e no campo social, devido a necessidade de compreender as questões que envolvem essa definição. O termo “raça” foi utilizado primeiramente pela biologia, para categorizar as espécies de seres vivos, como uma forma de classificação. Esse discurso sobre raça foi construído em meados do século XIX, com a produção teórica do racismo científico, no qual a raça branca europeia descrevia a funcionalidade das coisas e apresentava superioridade em relação as demais raças humanas, enquanto “a raça negra ocupava o último nível nessa hierarquização biológica” (SILVEIRA, 2014). Isso deixou que o conceito sobre as raças fosse discutido apenas em papéis de níveis sociais, em que um lado é validado pela sociedade e o outro sofre discriminações. Contudo, é preciso compreender o conceito de raça como algo mais amplo, para além da visão biologizante, como argumenta o teórico Stuart Hall, que defende que o conceito de raça está sujeito a constantes definições e, por isso, não pode ser fixado definitivamente.

[...] dizer que raça é uma categoria discursiva é reconhecer que todas as tentativas de fundamentar esse conceito na ciência, localizando as diferenças entre as raças no terreno da ciência biológica ou genética, se mostraram insustentáveis. Precisamos, portanto — diz-se — substituir a definição biológica de raça pela sócio histórica ou cultural (HALL, 2015, p. 1).

A partir dessa visão de Hall, o conceito de raça pôde ser desnaturalizado e guiado para o campo sociológico, servindo como um meio de analisar as relações sociais e explicar as opressões raciais, a exemplo do racismo.

Um outro termo semelhante ao de raça, utilizado como sinônimo dessa definição, é o de cor. A cor da pele, a textura dos cabelos, o formato dos lábios e nariz, todos esses elementos são utilizados para definir as cores e classificar se o indivíduo é branco, negro, pardo ou amarelo. Quanto mais escura for a cor da pele do indivíduo, mais ele ficará sujeito a sofrer discriminação racial, principalmente se ele carregar consigo elementos definidores de sua negritude, como os mencionados anteriormente. É nesse contexto, como aborda Santos (2019), que surge um conceito que trabalha formas de preconceito baseada essencialmente na cor da pele do sujeito, em que quanto mais escura ou pigmentada, mais racismo e exclusão a pessoa sofrerá. Trata-se do colorismo, prática que, de acordo com Giovana Nascimento, “derivou-se de valores criados e reforçados pela supremacia branca” (2015, p. 171).

A partir dessa classificação racial do colorismo, quanto mais claro for o tom de pele da pessoa negra, mais ela poderá usufruir de ambientes em que a maioria é branca, criando uma espécie de inclusão ilusória, onde o indivíduo se sente parte daquele espaço, camuflando o racismo de uma sociedade, como aborda Silva (2017, p. 13):

Ao basear seus graus de receptividade do negro a depender da cor da pele, a branquitude não demonstra qualquer interesse na problematização da questão racial, ou, mais ainda, não induz qualquer entendimento no sentido de desenvolver mecanismos destinados a combater a desigualdade racial. Ela só camufla o seu preconceito.

É nesse cenário de divisões entre a própria raça que os indivíduos perdem um pouco da sua identidade enquanto pessoa negra, mas ainda assim, sofrendo as desigualdades do capitalismo. Apesar de terem seu tom de pele mais claro, outros elementos destacam sua raça, como a textura do seu cabelo ou o formato do seu nariz, e isso não impede que eles sofram a discriminação dentro desses ambientes majoritariamente brancos.

O Brasil tem 54% da sua população negra⁷, como aponta dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020, e é essa população que sofre com a

⁷ Informações fornecidas pelo IBGE disponível em: < <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/#:~:text=Dados%20do%20IBGE%20mostram%20que%2054%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%20%C3%A9%20negra,-Eunice%20Prudente%20destaca>>. Acesso em 24 de abril de 2023.

desigualdade social no país que inferioriza e coloca a população negra na base da pirâmide social. A Pesquisa Nacional por Mostra de Domicílio do IBGE de 2021 afirma que as mulheres recebem⁸ 20,50% a menos do que os homens, mesmo realizando as mesmas funções. E quando se trata de mulheres negras, esse dado é ainda menor. Cerca de 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza⁹, sendo o grupo que mais sofre com a desigualdade financeira, uma realidade social que corrobora nas relações de opressão e violência, refletindo na estruturação da identidade do indivíduo.

O conceito de identidade é estudado por Stuart Hall e está em uma construção constante, sofrendo influências sociais e culturais. Em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” (2006), Hall afirma que a identidade não é algo inato na consciência humana desde o nascimento, ela é formada ao longo do tempo, por meio de diversos processos inconscientes do sujeito. Sendo assim, as mudanças simbólicas e sociais dos últimos tempos vêm moldando os debates sobre identidade e ressignificando as relações sociais sobre como os indivíduos compreendem a sua própria identidade.

Para Hall, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, ela é formada e transformada constantemente em relação às representações nos sistemas culturais e sociais a sua volta. O que nos traz de volta para a individualidade existente em cada indivíduo, responsável por moldar sua identidade e definir os graus de dificuldades que poderão enfrentar em meio às desigualdades e opressões da sociedade. Em que as questões de cor, classe social, gênero e raça, demarcam e dividem seres humanos por um viés interseccional.

Por isso, utilizar os conceitos apresentados por Hooks, Gonzalez, Crenshaw e Hall, contribuem nas questões discutidas nesse trabalho a respeito da raça, gênero, sexualidade, classe e representação, estabelecendo um olhar empático e ao mesmo tempo relevante para a compreensão do objeto central desse trabalho, as mulheres negras e as inúmeras possibilidades de existência para além das que foram impostas para elas.

Por fim, julgamos pertinente citar a pesquisa de Jesus (2017), sobre como a construção dos referenciais, compartilhados entre os indivíduos a respeito dessas

⁸ Conforme matéria do portal de notícias G1 (2022) Disponível em: < <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-ganham-em-media-205percent-menos-que-homens-no-brasil.ghtml>>. Acesso em 24 de abril. de 2023

⁹ Conforme matéria do portal de notícias Carta Capital (2019) Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/no-brasil-63-das-casas-chefiadas-por-mulheres-negras-estao-abaixo-da-linha-da-pobreza/>>. Acesso em 26 de abril. de 2023

mulheres, são criadas e como isso contribui na estrutura de determinados discursos de alguns veículos de comunicação.

Na pesquisa de Jesus, foi determinado como a imagem da mulher preta é representada em algumas reportagens, associadas apenas a questões de religiões de matrizes africanas, quando tentam pontuar esses assuntos, na maioria das vezes, de forma equivocada, demonizando tais rituais. A segunda forma de representação imposta é a da mulher forte, capaz de superar todas as adversidades sociais, que serve como legitimação para a violência sofrida por essas mulheres. Esses tipos de representação contribuem para que a sociedade continue enxergando essas mulheres de forma opressora, desigual, e que são necessárias mudanças para reconstruir um imaginário social de maior equidade em meios às diferenças no que tange à mulher preta. Dessa forma, narrativas seriadas como HTAWM podem contribuir na construção de novos símbolos e representações para a mulher negra.

4 ÁLIBI: A DEFESA DE ANNALISE

Neste capítulo, vamos abordar a história da personagem Annalise Keating e sua contribuição para a quebra de estereótipos impostos às mulheres negras nas telas midiáticas, apresentando como sua personagem traz traços importantes para representatividade desse grupo. Também serão explanados os conceitos de representação social e narrativas seriadas, apontando como essas questões se integram e influenciam a cultura de séries. A partir de uma revisão bibliográfica, o tópico 4.1 irá expor a personagem central desse trabalho, Annalise, e como se dá as representações femininas negras nos seriados televisivos. Ainda no tópico 4.2, apresentamos o conceito das representações sociais e como elas influenciam no imaginário social, explanando isso dentro do universo das narrativas seriadas. Por fim, o tópico 4.3 discutirá sobre a cultura das narrativas seriadas. O objetivo central é abordar a perspectiva da personagem, seus traços marcantes e complexos que direcionam sua existência narrativa para além das que eram atribuídas às mulheres negras em outros produtos da ficção.

4.1 ANNALISE KEATING E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NEGRA EM SERIADOS

A narrativa apresentada por HTGAWM é constituída no gênero de mistério, um dos mais utilizados nas narrativas seriadas dos Estados Unidos, como *Scandal*¹⁰ e *Revenge*¹¹ e *Era uma Vez*¹². Entretanto, o diferencial da série está na abordagem que os personagens se apresentam, utilizando do anacronismo para (re)contar fatos importantes sobre eles. O seriado apresenta uma protagonista negra - Annalise Keating -, bem-sucedida, advogada criminalista formada em Harvard, renomada na profissão e docência,

¹⁰ *Scandal* é uma série de televisão de suspense político americano estrelada por Kerry Washington. Criado por Shonda Rhimes, foi ao ar na ABC entre 5 de abril de 2012 e 19 de abril de 2018 contando com 124 episódios em sete temporadas. A trama acontece em Washington, DC e concentra-se na empresa de gerenciamento de crises de Olivia Pope, Olivia Pope & Associates (OPA), e seus funcionários, bem como na Casa Branca e na cena política circundante.

¹¹ *Revenge* é uma série de televisão norte-americana de drama criada por Mike Kelley e estrelada por Madeleine Stowe e Emily VanCamp. A série estreou nos Estados Unidos pela emissora ABC em 21 de setembro de 2011 e teve quatro temporadas. A trama gira em torno de Amanda Clarke, que quando criança viu seu pai ser preso sob a acusação falsa e injusta de terrorismo e assassinado na prisão. Após alguns anos, Amanda—usando o nome Emily Thorne—volta para se vingar das pessoas que destruíram sua família.

¹² *Once Upon a Time (Era Uma Vez)* é uma série americana de drama e fantasia criada por Adam Horowitz e Edward Kitsis. Estreou em 23 de outubro de 2011 e terminou em 18 de maio de 2018, na emissora ABC. A série segue vários personagens de contos de fadas que foram trazidos para o mundo real e tiveram suas memórias originais roubadas por uma maldição poderosa.

com uma série de questões pessoais relevantes e complexas, além de ser uma notória professora de Direito Penal na famosa Universidade de Middleton.

O seriado HTGAWM se desenvolve através de um sistema de flashbacks¹³ e flashforwards¹⁴ (anacronismo), métodos utilizados dentro da complexidade narrativa para despertar o maior interesse dos espectadores sobre como se desenrolarão os acontecimentos de cada episódio. São esses dois sistemas que narram os acontecimentos e amarram a trama. A série apresenta seis temporadas, com 15 episódios a cada temporada, que duram em torno de 45 minutos.

A série é estrelada por Viola Davis – a primeira atriz negra ganhadora de um Emmy¹⁵ e a terceira mulher negra a conquistar o título EGOT¹⁶, um Óscar, um Emmy, um Grammy e dois Tony Awards, dessa forma alcançando todos os principais prêmios da indústria do entretenimento - ela interpreta Annalise Keating. A cada início de uma turma de calouros, Annalise escolhe um grupo formado pelos melhores alunos para trabalhar com ela em sua firma de advocacia, os Keating Five. Neste grupo, estão os estudantes Michaela Pratt (Aja Naomi King), Connor Walsh (Jack Falahee), Laurel Castillo (Karla Souza), Asher Millstone (Matt Macgorry) e Wess Gibbins (Alfred Enoch). Como funcionários de seu escritório particular, ela conta com o auxílio da advogada Bonnie Winterbottom (Liza Weil) e do investigador Frank Delfino (Charlie Weber), que a auxiliam na preparação dos estudantes para defesa dos casos dos clientes e demais problemas que vão surgindo ao longo da trama. Abaixo, uma sequência de imagens emblemáticas da série:

¹³ Interrupção de sequência cronológica pela interpelação de eventos ocorridos anteriormente. Disponível em:< <http://jornalismojunior.com.br>> Acesso em: 26 de abril de 2023.

¹⁴ Pequenas cenas que nos lançam meses à frente dos casos trabalhados em cada episódio. Disponível em:< <http://jornalismojunior.com.br/>> Acesso em: 26 de maio de 2023.

¹⁵ O Emmy Awards é o maior e mais prestigioso prêmio atribuído a programas e profissionais de televisão. Disponível em:< <https://www.estudopratico.com.br/a-origem-do-emmy-award-maiorpremiacao-da-televisao/>>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

¹⁶ EGOT é mais alto nível de premiações na indústria do entretenimento. Disponível em:< <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/02/viola-davis-vence-grammy-e-atinge-o-status-egot/>>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

Figura 1 – Conheçam Annalise Keating



Fonte: Episódio piloto (01x01), 2014.

Nesse sentido, vamos apresentar nosso objeto de pesquisa, Annalise Keating, e como a personagem ganhou relevância no cenário da dramaturgia seriada, premiando Viola Davis com o Emmy como melhor atriz em série de drama pela personagem. Annalise Keating se apresenta como uma mulher forte, destemida e poderosa. Essa foi a imagem construída pela advogada para esconder suas fraquezas e conquistar o respeito da sociedade em que está inserida e que vela tantos preconceitos. O fato de ser uma personagem protagonista negra, madura, imponente, mas, ainda assim, imperfeita, aproxima da vida real e traz novos olhares para a representatividade feminina negra. Annalise é uma mulher negra de mais de quarenta anos, o que já quebra com a jovialidade de protagonistas, indo contra um olhar da sociedade que coloca a mulher mais velha como um objeto de “pouco interesse e relevância” (SILVA, 2019). Trata-se de uma figura controversa no mundo das narrativas seriadas, pois exalta o feminino, a mulher negra, de uma maneira pouco explorada midiaticamente, mostrando sua fragilidade de uma maneira empoderada, sem o peso da submissão que é imposta ao universo feminino.

O fato de ser uma mulher negra traz ainda mais camadas de complexidade à protagonista, que precisa lidar, também, com o racismo e com toda a carga simbólica associada à sua condição (sobretudo em um ambiente dominado por homens brancos). (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2018, p.13).

Anna Mae Harkness (nome de batismo de Annalise) é retratada de maneira ambígua, através de arquétipos femininos e masculinos, positivos e negativos. Jung (2000, p. 15) afirma que o inconsciente coletivo é “idêntico em todos os seres humanos,

constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo”. Sendo assim, o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, sendo constituído essencialmente de arquétipos.

No que tange às definições de arquétipos, Jung afirma se tratar de imagens e símbolos mentais presentes em nossa psique, no inconsciente coletivo das pessoas por todo o mundo. “São conteúdos arcaicos- ou melhor- primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2002, p. 16). O pesquisador Randazzo (1996), estudioso sobre os arquétipos, pondera que, nas culturas ocidentais, alguns arquétipos estão associados a macho e fêmea e acabam determinando o que as pessoas consideram como feminino e masculino. Contudo, a mulher pode ter arquétipos masculinos como um instinto agressivo, de defesa, que é representado pelo arquétipo do Guerreiro. Como advogada, a protagonista constitui-se, primordialmente, deste arquétipo para defender os fracos. É possível identificar o arquétipo do guerreiro já na primeira aparição de Annalise.

No primeiro episódio da primeira temporada, aos 4 minutos e 45 segundos, quando entra em sua sala e diz:

Eu não sei que coisas horríveis vocês fizeram em suas vidas até o presente momento, mas está claro que seus carmas estão desequilibrados para terem sido escolhidos para minha aula. Sou a professora Annalise Keating e essa é a matéria Direito Penal 100 ou como prefiro chamá-la, como se defender de um assassinato.

Esse é o primeiro enunciado dito pela personagem que explana como a protagonista usa todas suas forças como advogada, nos tribunais, para vencer as batalhas.

Aprofundando-se nos detalhes da personagem, Annalise vem de família com problemas pouco abordados pelas produções seriadas. Negra, sofreu com a pobreza e o abandono do pai quando criança, sendo criada por sua mãe, como muitas mulheres negras e boa parte das famílias brasileiras, chefiadas por mulheres. Ainda criança, foi abusada sexualmente por seu tio, o que gerou diversos problemas nas suas relações sociais. Quando sua mãe descobriu sobre os abusos, preferiu fingir que o problema não existia e só mais tarde passou a acreditar na filha, o que gerou conflitos na relação maternal.

Um outro aspecto interessante sobre a personagem, que ganhou notoriedade e relevância na trama, é a sexualidade de Annalise e como ela é explorada durante a narrativa. Apesar de vir de um casamento heterossexual, como se observa na primeira

temporada da série, Annalise teve um relacionamento com uma mulher, Eve, sua *roomie*¹⁷, apresentando assim a bissexualidade da personagem.

Por utilizar uma linha cronológica entre passado, presente e futuro, essa relação homossexual é apresentada na segunda temporada, mas teve início em sua adolescência, quando estudava direito. Um dos assuntos pontuados pela narrativa, é o problema alcóolico de Annalise, que utiliza o álcool como escape enquanto lida com os problemas do seu passado e os que se configuram dentro da trama. Durante as temporadas, observamos como o problema com o álcool leva a personagem ao fundo do poço, pondo em risco suas relações e a carreira de prestígio que tanto batalhou para conseguir. Entre os traumas superados pela protagonista, podem ser contabilizados a perda de seu bebê; a morte de seu marido; as diversas mortes que vão sendo ligadas a ela ao longo das temporadas; e a morte de seu aluno favorito, Wes, que conheceu desde a infância e por isso foi tão difícil superar.

Através da sua sensibilidade e vulnerabilidade, Annalise demonstra força e se mantém sempre de pé diante dos problemas e dos seus adversários. A relação que tem com sua mãe, de mágoa e de amor, deixa de lado a sua polidez neste âmbito sentimental. Em uma das fortes cenas da trama, no quarto episódio da primeira temporada, a personagem afasta a ideia de ser fria e calculista ao se desmontar completamente à frente do espelho, quando retira sua peruca, a maquiagem e se desnuda das roupas de grife. Neste momento, observa-se uma desconstrução do arquétipo do guerreiro, uma mulher real, que se compõe todos os dias a fim de fortalecer sua imagem de prestígio e respeito, lutando dessa vez contra seus próprios sentimentos.

Como protagonista, a personagem não se abstém de seu arquétipo principal, o Guerreiro, nem mesmo quando este arquétipo flui para os outros que ela utiliza durante a narrativa, como o arquétipo da Grande Mãe, ao proteger seus alunos, mesmo após descobrir que eles foram os responsáveis pela morte de seu marido. Ainda assim ela os ajuda a se livrarem do corpo e esconder as provas que pudessem incriminá-los. Nessa fluidez entre o arquétipo do Guerreiro e o da Grande Mãe que deseja proteger sua prole, neste caso, seus alunos, a personagem demonstra um outro lado deste arquétipo, o da Mãe Terrível, transitando entre a moral e o imoral e manipulando seus alunos para que todos permaneçam livres de qualquer acusação, mas presos a ela. Vogler (2006) afirma que os arquétipos dos personagens são flexíveis e não tipos rígidos, sendo possível assim liberar

¹⁷ Colega de quarto. Disponível em:< <https://educalingo.com/pt/dic-en/roomie>>. Acesso em 27 de maio de 2023.

a narrativa. Isso explica como a personagem pode manifestar atribuições de mais de um arquétipo. Dessa forma, podemos pensar nos arquétipos como máscaras, usadas temporariamente pelos personagens à medida que são necessárias para o avanço da história. E a partir dessa fluidez arquetípica, muitas pessoas conseguem se conectar com os personagens de uma narrativa, uma vez que eles não possuem apenas um arquétipo fixo.

A manipulação se estende por toda a segunda temporada, quando a promotora Emily Sincler começa a investigar Annalise. Por meio de *flashforwards* de duas situações, vemos a promotora morta e Annalise agonizando, após ter levado um tiro, mas a verdade só é revelada ao público no nono episódio da temporada. Neste episódio, descobrimos que Asher é o responsável pela morte da promotora Sinclair e Annalise o ajuda a encobrir o crime. Para isso, ela manipula Wes e os demais alunos para encobrir o crime e proteger seus alunos, demonstrando mais uma vez o arquétipo da Mãe Terrível e o da Grande Mãe, ao se sacrificar, manipulando para levar um tiro e assim defender os alunos de qualquer acusação.

Ainda nessa temporada, é possível se aprofundar mais sobre a personagem. Descobrimos que ela havia ficado grávida e perdeu seu filho ao sofrer um acidente de carro. Mais tarde descobrimos que esse acidente foi arquitetado por um dos seus opositores da época, como uma forma de castigo por sua postura de advogada. Também vemos como a ligação entre Annalise e Wes é formada, já que ela conhecia a mãe dele, uma testemunha ocular de um caso de estupro em que Annalise defendia o acusado. Após a mulher se matar, ela pede para que Annalise proteja seu filho, que posteriormente descobrimos se tratar de Wes.

Por fim, outro arquétipo integra a personagem, o da Mulher Fatal. Randazzo (1996) diz que este arquétipo é equivalente ao contemporâneo das sereias, das ninfas e das demais criaturas femininas independentes, cuja beleza e charme tem um efeito perturbador, com resultados desastrosos. Ao longo de toda narrativa, Annalise demonstra seu poder de sedução e explora sua sexualidade. Mesmo casada, tem um caso extraconjugal com o policial Nate e, por diversas vezes, usa seu amante para beneficiar seus casos e defender seus alunos. No decorrer da trama, é abordada a relação de Annalise com outra mulher, Eve, que teve início na adolescência, mas devido ao preconceito e não aceitação de sua mãe, não se prolongou. Quando Eve retorna para sua vida no presente, Annalise revela sua bissexualidade e que Eve é quem ela sempre amou. Ao utilizar o arquétipo da mulher fatal, Annalise explora sua sexualidade e a utiliza para lutar, prover

e manipular os que estão ao seu redor. Sendo um fator marcante da personagem, a manipulação através da sua sexualidade/sensualidade.

O que também chama a atenção do público é o visual de Annalise, como ela é retratada esteticamente. Uma mulher negra, de mais de quarenta anos, robusta, de rosto oval, com fortes traços de negritude e um visual deslumbrante, poderoso e destemido. Para exemplificar esses traços e perfil, selecionamos a imagem a seguir:

Figura 2: Eu quero que você morra



Fonte: Episódio (02x07), 2015.

Nas seis temporadas analisadas, observamos o visual da personagem e suas inúmeras perucas. Sempre utilizando vestidos e saias que se alinham bem ao corpo, de modo elegante, a personagem utiliza diversas cores em suas roupas, que variam de tons claros e delicados a cores fortes e intensas, sendo essas últimas as mais usadas por ela. Nos dias frios, é comum observarmos Annalise utilizando casacos de luxo e sobretudos. Com um vasto uso de acessórios, Annalise sempre é vista com brincos que se destacam em meio a seus inúmeros modelos de cabelos, que variam dos mais curtos até os trançados; cintos, braceletes, pulseiras, relógios e sapatos de saltos, elementos registrados da personagem. Quanto a sua caracterização, observa-se o uso de batons nudes, em tons de vermelho e rosa. A pele sempre maquiada, com blush e contorno bem-marcados, cílios postiços, sombra e delineador. Tudo sempre moldando sua profissão enquanto advogada, que exige vestimentas mais formais, porém sempre marcantes e elegantes.

O que fica claro sobre a personagem, pelo olhar representativo de Shonda Rhimes, enquanto também mulher negra, é ir além dos estereótipos impostos às mulheres negras. Pode-se dizer que Annalise Keating é de fato uma personagem diferente do feminino abordado nas mídias seriadas, como é o caso de telenovelas como Xica da Silva,

Liberdade, *Êta Mundo Bom*, que as personagens negras eram descritas apenas como escravas ou empregadas domésticas, reforçando os estereótipos sociais.

A série traz um diferente tipo de proposta que desconstrói a figura romantizada da mulher e a aproxima da vida real, da realidade das mulheres pretas que estão e querem estar em lugares de poder, prestigiadas, portando artigos de luxo e bem-sucedidas. Indo contra o que estávamos acostumados a ver, as mulheres negras em lugar de subserviência, de servir. Além disso, Annalise rompe um sistema patriarcal, que evidencia uma sociedade machista e racista, que problematiza, que não se cala, que não se esconde, que luta contra o sistema que tenta oprimi-la e oprimir os seus. Annalise dá a voz às minorias, seja pela sua raça, personalidade imponente, sexualidade e/ou pela trama que vivencia.

Assim como no cotidiano, as mulheres demoraram para serem representadas na indústria cinematográfica, e quando ganharam espaço nas telas, tinham pouquíssima liberdade de expor as verdadeiras questões femininas, estavam ali apenas para serem sexualizadas ou subservientes aos protagonistas das tramas, os homens. Para entender a distinção de feminino e masculino nesse contexto, a autora do livro “As mulheres e o cinema”, Ann Kaplan, realiza uma crítica ao modelo cinematográfico que coloca o homem como dominante e a mulher como submissa, um objeto de desejo. Kristeva diz que enquanto devemos reservar a categoria “mulher” para exigências sociais e publicidade, à palavra “mulher” ela dá o sentido “daquilo que não representado, daquilo do qual não se fala, daquilo que é deixado de fora dos significados e das ideologias” (KAPLAN, 1995, p. 57).

A partir disso é difícil entender o que é ser mulher ou ser feminina dentro do olhar masculino, já que a falta de representação de uma personalidade resulta na dependência da mulher com o homem até em termos de narrativa dentro dos filmes. Essa estrutura patriarcal imposta nos filmes e seriados são resultados da padronização dos filmes industriais, que utiliza um estilo de vida idealizado para representar uma sociedade. Essa idealização acaba se relacionando com o desejo, na maioria das vezes inconsciente, de quem está produzindo o filme, participando como espectador e até como personagem.

As mulheres tiveram que lutar muito mais para conquistar um espaço nesse cenário televisivo, assim como foi para conquistar espaço no mercado de trabalho como um todo. Elas só conseguiam ganhar papéis que trouxessem liberdade sobre a vivência feminina, quando as histórias eram escritas ou dirigidas por outras mulheres, como a diretora Sofia Coppola, que igualava as mulheres aos homens, sem submissão. Como se pode observar, ainda nos dias de hoje, a participação feminina na indústria do

entretenimento como um todo, muda o cenário dos filmes podendo influenciar na representação de alguns símbolos. Mas apesar de ser crescente ao longo dos anos, essa participação feminina ainda é mínima, principalmente quando se trata de mulheres negras como protagonistas de narrativas seriadas.

Foi a partir da década de 90 que as mulheres começaram a ganhar mais visibilidade na mídia, com produções seriadas inovadoras. O feminino passou a ser representado por mulheres emancipadas deste padrão que a mídia vinha impondo desde então, onde apareciam em atividades tradicionalmente consideradas “femininas”. A mulher era retratada como a perfeita dona do lar, em atuações que desvalorizavam sua intelectualidade, colocando tudo que não estivesse envolto por cenas e questões dramáticas em segundo plano. Quando se trata das mulheres negras, o papel predominante que lhes cabia era o de escrava, doméstica ou pessoa de rua, sempre à margem da sociedade. Atualmente, podemos ver uma mudança neste cenário, tanto nos filmes, quanto nas narrativas seriadas que trazem um novo recorte do gênero feminino. As séries norte-americanas contribuíram notoriamente para este processo de desmitificação de paradigma, através de produções sobre o telespectador, implantando novas construções de personagens do gênero feminino, como *How to Get Away With a Murder*, *Scandal*, *Greys Anatomy*, entre outras.

A autora Ângela Davis destaca que o ambiente doméstico foi incutido na representação da mulher negra, também como produto do papel o qual elas foram obrigadas a ocupar após a abolição e com o desenvolvimento do capitalismo industrial. E os meios de comunicação, a dramaturgia, reforçavam esse estereótipo de serviçal, essa representação de inferioridade. Martin-Barbeiro (2004), afirma que as funções narrativas atuam como representações e mediações do cotidiano social, sendo assim, para a sociedade, a mulher negra estava apenas para servir. Outros estereótipos também foram sendo associados às mulheres negras, como da mulher “quente”, sexualizando de seus corpos; ou da mulher negra raivosa, que é hostil, desequilibrada e incapaz de agir de forma racional.

Após anos de luta do movimento negro por representatividade nas telas, que aos poucos o negro começou a protagonizar o cenário midiático e a mulher negra pôde sair da cozinha e ocupar cadeiras importantes na indústria. Embora uma melhora tenha realmente acontecido quanto a representação feminina negra no mundo midiático, ainda são raros os momentos em que a mulher negra é apresentada de forma empoderada e em

posições de liderança. São poucos os estúdios de cinema ou plataformas de streaming como a NETFLIX, que contribuem para a representação da mulher negra no audiovisual.

Dentre algumas das séries de sucesso disponíveis na plataforma, estas são as que contêm protagonistas negras: *Scandal* (Escândalos), *Dear White People* (Cara Gente Branca, (Cf. Gadea & Acosta, 2019), *She's Gotta Have It*, *Grown-ish*, *How To Get Away With a Murder*, *Seven Seconds* (Sete segundos) e *On My Block*. Percebe-se que a maioria das produções citadas coloca a mulher negra em um novo lugar; como advogadas, artistas, promotoras, cineastas, diferente do que até então se observava nas produções audiovisuais. E embora as mulheres negras sejam representadas a partir de uma nova ótica, as personagens tampouco estão livres de críticas, visto que são protagonistas que carregam não apenas a bagagem do sujeito, em sua esfera privada, mas também a articulação com um coletivo, ao unir as categorias de raça e gênero.

Por fim, no que concerne à personagem Annalise, observam-se diferentes camadas diante do contexto no qual se apresenta, como, por exemplo, sua atuação enquanto advogada, temida nos juris por ser forte, imponente e sem medo de represálias na hora de defender seus clientes. Já em questões íntimas e pessoais, demonstra fragilidade nas suas relações pessoais, como observa-se no episódio quadro, após descobrir a traição de seu marido e desmontar sua “armadura” de Annalise para voltar a ser Anna Mae.

4.2 COMO SE DEFENDER DE UM ASSASSINATO?

A série estreou em setembro de 2014, pelo canal americano ABC¹⁸ e teve seu último episódio exibido em maio de 2020. A série também está disponível na Netflix e em Fanpages da série na internet. No Brasil, ela foi exibida pela Rede Globo de produções, que a viabilizou na codificação de idioma dublado, traduzindo-a para “Lições de um crime”, virando piada na internet¹⁹ entre os fãs; além de ser exibida pelo canal pago Sony.

HTGAWM é escrita por Peter Nowalk, com produção executiva de Shonda Rhimes. A narrativa é centrada na protagonista Annalise Keating, interpretada pela atriz Viola Davis, que interpreta a advogada renomada e professora de Direito Criminal na Universidade Middleton, na Filadélfia.

¹⁸ American Broadcasting Company é um grupo midiático comercial estadunidense, que inclui várias mídias, sendo uma delas a televisão. Disponível em: <<http://abc.go.com/>>. Acesso em: 30 de abril de 2023.

¹⁹ Tradução realizada pela Rede Globo. Disponível em <<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,traducao-de-how-to-get-away-with-murder-na-globo-vira-piada,70001882281>> Acesso em 30 abril de 2023.

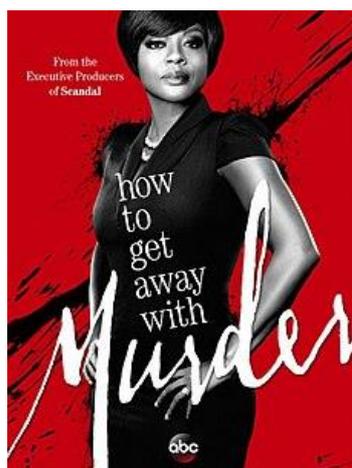
A série de cunho dramático, utiliza o suspense como ponto chave para atrair a atenção do público, trazendo debates sociais como sexualidade, gênero, racismo, machismo, alcoolismo, criminologia, violência sexual, à uma série de assassinatos no decorrer das temporadas. De acordo com Nogueira (2010), as histórias de cunho dramático impactam a sociedade devido a seriedade dos temas abordados, destacando a fragilidade dos personagens e os vícios do ser humano. Desse modo:

O objetivo dessas tramas é o ser humano comum, mostrado em situações corriqueiras mais ou menos complexas, mas sempre com grandes implicações afetivas causadoras de inescapável polêmica social (NOGUEIRA, 2010, p.29).

A partir de problemas sociais, a trama utiliza a intertextualidade na sua narrativa, pois como aponta Sant'anna (2008), evoca reconhecimentos a partir do espectador. Tal contexto permite entrever o potencial da série para suscitar diferentes leituras e ricos aprendizados sobre os dilemas da personagem que também fazem parte das questões sociais. Nesse sentido, ficções de caráter dramático apelam não somente às percepções identitárias da audiência, mas suscitam aprendizados, numa aproximação com as diferenças e vivências do outro. Não são, portanto, narrativas fabricadas apenas para emocionar o público, embora tal condição seja uma consequência, “mas produtos que forjam diversos reconhecimentos do outro em sensorialismos que se consolidam como novas ferramentas *intelectivas*” (SODRÉ, 2006, p. 17, grifo do autor.).

Na compreensão de Sodré, ficções no formato dramático, como HTGAWM, incitam novas inteligibilidades do cotidiano, fazendo “pensar” e “aprender” sobre a vida através das estratégias de fruição. Inspirando-se nesse horizonte social, os conteúdos narrativos organizam reproduções das problemáticas tomando como ponto de partida as complexidades dos personagens, por meio de alusões que se imbricam às questões identitárias contemporâneas. Nesse cenário, os enfoques narram dramas reais, dando cor e textura às suas ambivalências, despertando sentimentos, sociabilidades e ressonâncias no espectador. Assim, importa destacar, também, a relevância do universo temático de HTGAWM, no qual as matrizes de identificação cultural e simbólica (HALL, 2004) permeiam, de maneira entrelaçada, comportamentos e estereótipos na composição de personagens multifacetados como Annalise.

Figura 3: Pôster da primeira temporada



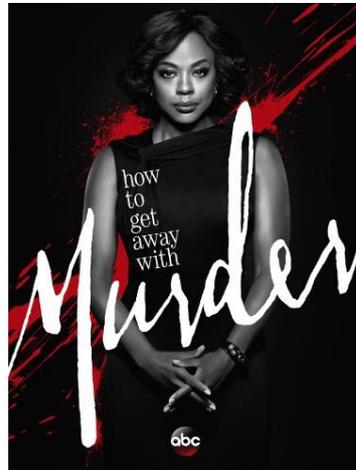
Fonte: Google.com/imagens

Na primeira temporada, Annalise é casada com Sam Keating, um conceituado psicólogo, porém mantém um relacionamento extraconjugal com Nate, um policial que também é casado. Ao selecionar cinco estudantes para estagiar em seu Escritório de Advocacia: Wes Gibbins, Connor Walsh, Michaela Pratt, Laurel Castillo e Asher Millstone, juntamente com os funcionários de Annalise, Frank Delfino e Bonnie Winterbottom, ela e seus alunos acabam tendo suas vidas viradas de cabeça para baixo ao se envolverem em um assassinato. No entanto, é neste momento que o grupo se torna uma família, onde compartilham segredos, tornando-os mais unidos. A cada episódio, os estudantes aprimoram suas técnicas na disciplina ministrada por Annalise, lidando com a constante transição do estado emocional e racional da advogada e observando como ela utiliza isso de forma convincente e intensa nos tribunais. Os próprios alunos precisam lidar com sua vida pessoal em constante turbulência, assim como os conflitos pessoais e familiares que cada um esconde.

HTGAWM é capaz de envolver e ao mesmo tempo instigar a curiosidade do espectador para o enredo, através da complexidade narrativa da trama. “A fruição proporcionada por narrativas complexas é mais rica e mais multifacetada do que aquela oferecida pela programação convencional do entretenimento” (MITTEL, 2012, p. 31). Nas tessituras complexas, os vestígios do fio narrativo parecem se repetir ou se mostram incoerentes requerendo maior concentração do público para compreendê-los em função da *não* linearidade argumentativa. Um outro fator importante da série é a ousadia na criação de personagens singulares, que em diversas ocasiões são capazes de levar o espectador a contestar seus julgamentos preestabelecidos. Ela traz um novo olhar não só

para o feminino, que deixa de ser visto como a tradicional mulher dona-de-casa, mas ajuda a dar ainda visibilidade para todas as minorias.

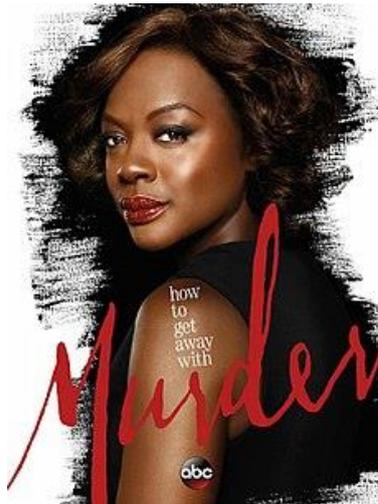
Figura 4: Pôster da segunda temporada



Fonte: Google.com/imagens

Na segunda temporada, Annalise e seus alunos tentam lidar com os traumas dos eventos anteriores enquanto assumem o caso de Caleb e Catherine Hapstall, irmãos que são acusados de envolvimento na morte de seus pais adotivos. A trama retorna ao passado e nos mostra uma Annalise mais nova, esperando a chegada de seu filho, que acaba perdendo devido um acidente de carro. Próximo ao fim da temporada, descobrimos que Frank foi o responsável pelo acidente, a mando de um dos envolvidos no caso em que Annalise estava trabalhando. Com o desaparecimento de Rebecca, envolvimento amoroso de Wes na primeira temporada, ele se junta ao irmão adotivo dela para tentar encontrá-la. Já Connor e Oliver lutam com problemas em seu relacionamento, enquanto Asher é obrigado a trabalhar com a promotora Emily Sinclair, a fim de proteger seus segredos. A promotora Sinclair começa a investigar Annalise e seus alunos, o que resulta em mais um assassinato, o da promotora. Com os *flashbacks* da trama, vemos Annalise baleada e a promotora morta. No nono episódio, entendemos que Asher foi o responsável pela morte de Sinclair, e Annalise manipula seus alunos para atirar nela e bolar mais uma trama para saírem impune desse assassinato. Durante a temporada entendemos que a perda do filho afetou Annalise para sempre, assim como o abuso sexual que sofreu do seu tio ainda criança. Com tantos traumas e dores do presente, Annalise recorre ao álcool como fuga da sua dor.

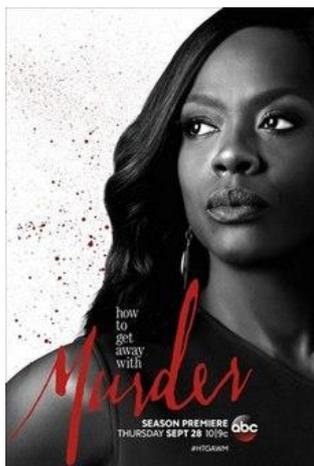
Figura 5: Pôster da terceira temporada



Fonte: Google.com/imagens

Na terceira temporada da trama, os alunos de Annalise tentam seguir em frente, mas um incêndio na casa da advogada traz um novo mistério. No início da temporada vemos um corpo ser retirado da casa, mas a identidade da vítima não é revelada até o fim da temporada. Trata-se de Wes, seu aluno favorito, com quem ela mantém uma relação de cuidado desde quando ele era criança, após o suicídio de sua mãe. A polícia decreta que o incêndio foi criminoso e Annalise é acusada e presa pelo assassinato de Wes. Annalise passa por momentos de total entrega ao fim de sua carreira, sofrendo pela morte de Wes e aceitando sua condição de presidiária. Entre os acontecimentos da temporada, vemos o relacionamento entre Michaela e Asher e sua tentativa de assumir o papel de Annalise, quem ela sempre se inspirou. Também vemos o relacionamento de Wes e Laurel, e que foi a partir dessa relação que Wes foi assassinado, pois foi Dominic, amigo da família de Laurel, o responsável pela morte de Wes. Annalise se entrega totalmente ao álcool por não conseguir superar a perda de seu aluno e fica um período na clínica de reabilitação. No último episódio da temporada, Laurel descobre que está grávida.

Figura 6: Pôster da quarta temporada



Fonte: Google.com/imagens

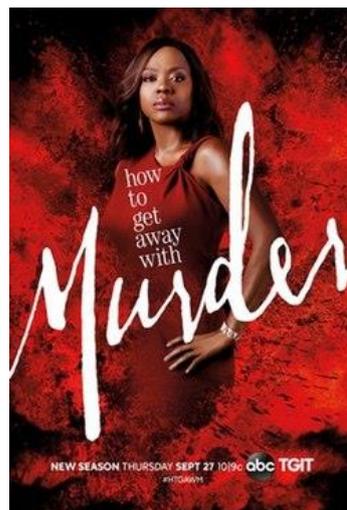
Na quarta temporada, Annalise dispensa todos os seus alunos, após se sentir culpada pela morte de Wes e cada um deles está tentando conseguir um emprego e seguir sua vida longe das amarras da advogada. Michaela e Oliver começam a trabalhar no escritório Caplan & Gold, com a advogada Tegan Price, uma mulher bissexual, que também incorpora traços, muitas vezes, apenas associados ao universo masculino, por sua força, seriedade, poder e competência. Após ficar sem emprego, Bonnie chantageia Denver para ganhar um cargo na Promotoria de Justiça, estratégia que acaba funcionando. No seu novo emprego, Bonnie toma atitudes que afetam diretamente Annalise, gerando uma grande rivalidade entre as duas. O que acaba fazendo Bonnie fingir ser outra pessoa para o terapeuta Iran Roan, o qual está ajudando Annalise a se recuperar dos problemas com o alcoolismo e as perdas que sofreu.

Após ser acusada pelo assassinato de Rebecca (da primeira temporada), Annalise é presa e enfrenta um dos piores momentos da sua vida, se mostrando extremamente frágil e derrotada, mas após um período consegue liberdade. Falida, com a casa destruída e sem local para morar e trabalhar, Annalise retoma sua vida profissional após ter recuperado sua licença. Seu primeiro caso é uma tentativa de reverter a condenação de sua ex-colega de cela, que lhe deu apoio no período em que esteve presa. Conseguindo uma vitória no tribunal, Annalise vai até a Defensoria Pública para participar de um programa em que os advogados particulares ajudam os defensores, devido ao excesso de trabalho. Com isso, ela assume o caso de um preso que havia sido condenado pelo assassinato de sua noiva. Enquanto cuida desse caso, a advogada recebe uma prova crucial que é capaz de mudar todo o rumo do julgamento, prova esta que já existia há doze anos, quando seu cliente foi julgado pela primeira vez. A advogada consegue provar que a sobrecarga de trabalho da

Defensoria Pública impediu que seu cliente tivesse uma defesa justa, levando-o a ser preso por um crime que não cometeu. Tal fato desperta em Annalise o desejo de propor uma ação coletiva contra o Estado e o sistema de justiça, em razão da Defensoria não estar proporcionando aos seus assistidos o direito constitucional a um julgamento justo. Após conseguir um número específico de clientes, ela consegue propor a ação coletiva contra o Estado da Pensilvânia e leva o caso à Suprema Corte dos Estados Unidos, com a ajuda de Olivia Pope (da série Scandal) - as duas séries se cruzam e sugerem que as personagens coexistem no mesmo universo espacial e temporal, gerando um crossover no décimo episódio - conseguindo decisão favorável ao caso e uma grande repercussão midiática.

Um outro grande momento da temporada é o nascimento do filho de Laurel e Wes. Laurel entra em trabalho de parto no elevador do prédio de Annalise e a advogada ajuda a socorrer o bebê, fazendo uma massagem cardíaca no recém-nascido, que sobrevive graças a sua ajuda. Nesse momento, é perceptível a presença do arquétipo materno que ronda a personagem ao longo das temporadas, sempre buscando proteger a todos, livrar os outros dos problemas, enquanto lida com seus próprios “demônios”. A temporada encerra com a chegada de um jovem misterioso, que atiça a curiosidade de Frank e dos espectadores, após Nate encontrar o documento de uma criança que estava supostamente morta, gerando a curiosidade no público sobre o parentesco daquele jovem.

Figura 7: Pôster da quinta temporada



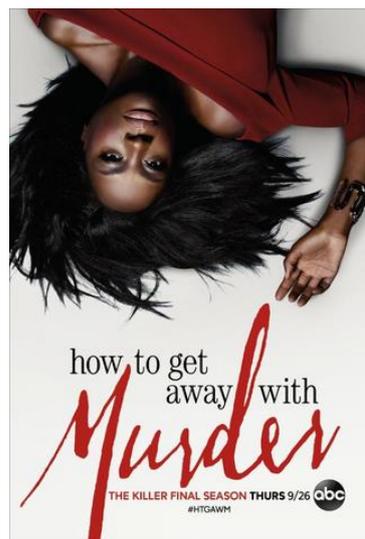
Fonte: Google.com/imagens

A quinta temporada inicia com a festa de casamento de Oliver e Connor, na qual todos procuram por Oliver, enquanto Bonnie segura o bebê de Laurel em meio a neve e sangue. Entendemos a seguir que se trata de mais um *flashback*, marca registrada da série

que mistura passado e presente dentro da narrativa. Isso dá início a uma série de questionamentos sobre quem teria sido assassinado nesta temporada. Annalise retorna para suas aulas de Direito Criminal e seu novo aluno, Gabriel Maddox, se destaca na turma, conseguindo uma vaga no grupo seletivo da professora. A narrativa fomenta o mistério sobre o jovem Gabriel, deixando a possibilidade de ele ser filho de Annalise, já que a temporada anterior deixou essa dúvida solta. Mas ao longo dos episódios descobrimos que ele é filho de Sam e sua aproximação com Annalise foi para descobrir mais detalhes sobre a morte de seu pai.

A morte do pai de Nate, na temporada passada, vai promover o suspense e as investigações sobre a morte do início da narrativa, agregando personagens como o promotor Miller - que fará par romântico com Bonnie - e a governadora Birkhead, peça importante para o futuro da trama. Na busca por provas importantes, Nate encontra informações existentes sobre Bonnie, que o filho dela pode estar vivo, reabrindo uma ferida do passado da personagem, que foi vítima de estupro quando ainda era muito jovem. Voltando a festa de casamento de Oliver e Connor, os *flashbacks* mostram o sangue da vítima pingando na neve e Bonnie aparecendo logo em seguida, onde descobrimos ser o sangue do promotor Miller, assassinado por Nate e Bonnie, por acharem que ele estava ligado a morte do pai de Nate e a governadora. A trama encerra com Laurel e seu bebê desaparecendo, deixando o suspense para a sexta e última temporada da série.

Figura 8: Pôster da sexta temporada



Fonte: Google.com/imagens

A temporada final também conta com 15 episódios e inicia com o funeral de Annalise, no qual seus alunos se mostram aliviados após sua morte. A câmera foca no

rosto da personagem dentro de um caixão e então ela abre os olhos. A partir disso, entendemos que tudo faz parte de um exercício terapêutico que Annalise está fazendo em um centro de reabilitação, após o sumiço de Laurel e seu filho, Christopher. Durante a terapia, Annalise tenta expor seu egoísmo, enquanto sua terapeuta tenta mostrar para ela o contrário, que ela sempre coloca os outros a frente de suas necessidades.

No desenrolar de fatos importantes, Michaela, Connor e Asher estão prestes a se formarem e junto com Gabriel, assumem a defesa de alguns casos nos tribunais, sendo supervisionados por Annalise e Tegan. Porém, os *flashbacks* nos mostram que mais uma pessoa foi assassinada. No nono episódio, é revelado que alguém repassou para o FBI informações relacionadas às mortes de Sam Keating, Rebecca Sutter, Emily Sinclair, Caleb Hapstall e Ronald Miller. Nesse momento o FBI tenta colocar uns contra os outros para incriminar Annalise. Nessa dupla jornada entre incriminar Annalise ou se safar dos crimes, Asher é assassinado e Connor decide se responsabilizar pelos crimes, pedindo divórcio de seu casamento com Oliver.

Acusada por todos os crimes, Annalise recebe a ajuda de Tegan e realiza a sua própria defesa. No momento final do julgamento, a protagonista realiza um discurso forte e emocionante: “Eu sou uma mulher de 53 anos, de Memphis, no Tennessee, chamada Anna Mae Harkness. Eu sou ambiciosa, negra, bissexual, brava, triste, forte, sensível, medrosa, feroz, talentosa, exausta e estou à mercê de vocês”. Com isso e sua brilhante defesa, Annalise é inocentada. Neste mesmo momento, um dos grandes desfechos da trama acontece e nos leva novamente a Sam. Durante sua investigação, Frank descobre um terrível segredo. Sam teve uma relação incestuosa com sua irmã, Sara, que gerou um filho, que descobrimos ser Frank. Tal descoberta gera revolta no advogado que vai ao tribunal com uma arma, na saída do julgamento de Annalise e provoca um tiroteio, resultando nas mortes da governadora, de Bonnie e do próprio Frank.

Figura 10: Eve e Annalise no fim de sua vida



Fonte: Print do episódio (06x15), 2020.

Figura 9: Cena final de Annalise



Fonte: Print do episódio (06x15), 2020.

No fim da temporada somos levados ao futuro, no qual alguns personagens retornam mais velhos, inclusive o personagem Wes Gibbins (Alfred Enoch), mas descobrimos se tratar do filho de Wes e Laurel, Christopher. Ele torna-se advogado e professor de Direito Criminal, seguindo os passos da sua mentora, a professora Annalise Keating. A trama encerra mostrando o envelhecimento de Annalise até sua morte, com um discurso comovente de Eve, seu grande amor.

Uma personagem tão complexa como Annalise nos faz refletir sobre os efeitos que sua representação pode ter na sociedade e sobre o espectador. Com a quebra de padrões estabelecidos pela indústria, com uma mulher com idade mais avançada, forte, de grande personalidade e abordando temas tão relevantes como racismo, machismo e sexualidade, os padrões arquetípicos e estereotipados sobre a representação da mulher negra no audiovisual, contesta concepções pré-estabelecidas pelo público, além de questionar seu senso de justiça. Annalise consegue trazer questões de gênero, raça e etnia, apresentando debates importantes sobre o papel da mulher negra em uma posição de prestígio, como também molda as multifaces de uma personagem negra, fugindo dos padrões descritos na maioria das produções televisivas

4.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E NARRATIVAS SERIADAS

Para o estudo das representações sociais na narrativa, alicerçamos a pesquisa em Hall (1932, 2014) e Chartier (2002), pesquisadores dos Estudos Culturais, que explicam o conceito de representação e como ela contribui para a construção de uma imagem social. De acordo com tal posicionamento, a historicidade e a cultura são, portanto, as instâncias que viabilizam a criação de signos, compartilhando-os, na tradução de intencionalidades discursivas difundidas e padronizadas coletivamente. Em sentido lítero-ficcional, implica o efeito de dramatizar algo a fim de expressar, de uma maneira diferente, porém similar, aquilo que a sociedade já conhece.

O ato de representar por similaridades contextos e sentimentos sinaliza um processo de liberação do discurso para comunicar o que já existe pela via de imagens mais próximas da realidade. Dessa forma, autores como Sant'Anna (2008) classificam a representação dramática como a outra face da paródia, uma vez que representar evoca informações presentes na vida social, promovendo ações de ressignificação, nas quais se lida com a dificuldade de se saber a autoria do discurso narrado, “pois os significados circulam e se intercambiam como num jogo de espelhos. Nesse sentido, a representação expõe a intertextualidade das narrativas sociais” (SANT'ANNA, 2008, p. 32).

Conforme alude Sant'Anna (2008), a intertextualidade se apropria do real, produzindo uma bricolagem de fatos para acionar e agrupar experiências da personagem na reconstrução de representações e identificações. A narrativa HTGAWM apresenta uma instância ontológica que chama atenção para os estereótipos, marcadores sociais, arquétipos, sensibilidades e silenciamentos da personagem em sua humanidade. Uma marca narrativa de tal teor propõe uma nova leitura das relações humanas e sociais, à medida que os sentimentos de Identificação da audiência são capturados pela empatia à trama. Como consequência, ficção e realidade se hibridizam alimentando reconhecimentos que podem ser entendidos à luz do conceito de identidade (HALL, 2004). Nesse sentido, as representações influenciam em diversos processos relacionados ao desenvolvimento pessoal e coletivo dos sujeitos, contribuindo na definição de suas identidades pessoais e sociais e na forma de se expressar. Hall (2004) afirma que as representações existem para que o ser humano possa se reconhecer perante o mundo que o cerca.

As narrativas, sejam elas escritas, visuais ou audiovisuais, são formas de representações sociais. A questão abordada neste trabalho, é que essa forma de representação da mulher negra na ficção seriada, pode contribuir para a construção da sua autoimagem, tanto de forma positiva quanto negativa. Portanto, as histórias difundidas pelas plataformas de streaming recorrem a essa prática de identificação com o espectador na tentativa de estabelecer uma conexão e provocar uma identificação, e a forma como essa representação é feita pode ou não fazer isso. Assim, compreendemos que as representações sociais formam um campo discursivo e social, com essência histórica e ideológica, que envolve as lutas por representações realmente condizentes com as possibilidades femininas, não apenas colocando personagens em caixas padronizadas pela sociedade.

Para Hall (2004), a identidade resulta das experiências culturalmente compartilhadas e das negociações de sentidos entre os indivíduos, assim como as diferenças são (re) criadas por intermédio dos sistemas de representação social. Sob essa lógica, os sentimentos identitários derivam de performances marcadas pela impermanência e inacabamento que transformam os modos de percepção de si nas trocas simbólicas do tecido cultural. Nesse raciocínio, as diferenças identitárias, atreladas às transições da historicidade, não são simétricas nem fixas, tampouco possuem eixos de estabilidade. E nesse processo de mudanças, a atribuição social de sentidos aos sujeitos guarda estreita vinculação com distinções hierárquicas, que muitas das vezes podem ser

perversas: incluir/excluir (estes pertencem; aqueles, “não”), demarcar fronteiras (nós e “eles”), adjetivar (bons e “maus”), normalizar (somos “normais”, eles, “não”), como se fosse possível existir uma identidade social sem costuras que justificasse qualquer nível de segregação. E esse é o fator em que nos atrelamos para apresentação da personagem Annalise, as suas mudanças e identificações nas espectadoras femininas negras, assim como sua quebra de padrões nas representações da mulher negra anteriormente.

Shohat e Stam (2006), explicam que no universo do mundo social, as representações são determinadas pelos interesses dos grupos que as estabelecem, de forma que os papéis subalternos são alegóricos, homogêneos e representados com características típicas daquele grupo, ou seja, dotado de uma série de estereótipos. Nesse sentido, as representações podem estereotipar um grupo e distorcer sua imagem e tirar dele sua complexidade e essência. Ou seja, pode determinar para a sociedade como aquele grupo e/ou sujeito pode ser visto. Tendo ciência de como esses estereótipos influenciam:

Enfatizar as representações que acontecem no cenário midiático, principalmente nas narrativas ficcionais seriadas, torna viável uma análise sobre a forma com que gêneros e artefatos culturais são utilizados para “forjar a aceitação do status quo e a dominação social” (FREIRE, 2005, p. 19).

Isso permite que esses grupos ganhem voz e espaço, contribuindo para combater as desigualdades e opressões sociais. Daí a possibilidade de analisar as representações, por um lado, como incorporação sob forma de categorias mentais das classificações da própria organização social, e por outro, como matrizes que constituem o próprio mundo social, na medida em que comandam atos, definem identidades (CHARTIER, 1990, p. 18; 2002, p. 72). Nessa busca por constituir um mundo que traga representações de todos os grupos e inclua a mulher negra em papéis importantes nas narrativas seriadas que Shonda Rhimes fundou a produtora Shondaland, onde, além de encabeçar a equipe, ela desenvolve roteiros para a televisão, roteiros de obras como *HTGAWM* e *Scandal*.

No contexto deste trabalho, os horizontes teóricos apresentados por Hall e Chartier se mostram fundamentais para explicar como as representações acontecem e quais são efeitos e consequências que elas podem trazer para os sujeitos da realidade concreta. Nesse sentido, de criar identificações entre as mulheres negras.

4.4 CONCEITUANDO A CULTURA DE SÉRIES

As séries estadunidenses surgiram da necessidade da televisão de manter uma programação contínua, alimentando com material audiovisual uma programação ininterrupta, adotando modelos de larga escala, onde a serialização e a repetição infinita

do mesmo protótipo constituem a regra (MACHADO, 2009, p. 86). A partir do século XXI, a narrativa seriada toma uma nova roupagem, devido ao forte consumismo norte-americano, fazendo uso de padrões, estereótipos, produzindo em grande escala, de modo industrial, no intuito de atingir o maior número de pessoas. Este fenômeno, Indústria Cultural, foi conceituado por Adorno e Horkheimer (1985):

A técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 57).

Através da ficção seriada – filmes e outras narrativas – a Indústria Cultural consegue alimentar a população sobre como agir, apresentando símbolos e códigos que estão diretamente relacionados à forma com que o sujeito produzirá sentido e atribuirá significado aos processos da vida social. Desse modo, os meios de comunicação ocupam um papel importante no que tange a formação social e cultural dos indivíduos. A indústria fornece todos os recursos e modelos para que a população saiba como agir em relação as situações, seja na questão sexual, amorosa, física ou financeira, auxiliando em como moldar estes signos.

Mittel (2012) afirma que as estratégias narrativas mudaram desde o início da indústria cinematográfica. Mudaram, em primeiro lugar, pelas implicações culturais das próprias sociedades. Embora mantenha o modelo episódico para contar histórias, incorpora as transformações na indústria midiática, nas tecnologias e no comportamento do público. Como acrescenta Silva (2014), a qualidade do produto seriado causa no espectador a impressão de estar diante de um conteúdo cinematográfico, o que instiga uma imersão contínua e prazerosa nas tramas. A narrativa de HTGAWM, feita no formato que foge da ordem cronológica dos fatos, sugere que a habilidade de contar uma boa história é mais valiosa do que demarcar o seu ponto final, sua análise não prescinde da verificação de tais artificios, que remetem às estruturas da “cultura de séries”.

Na atualidade, com a evolução tecnológica e o advento da internet, o segundo principal meio de comunicação do país, as narrativas audiovisuais podem ser mais distribuídas, contribuindo também para o desenvolvimento da cultura das séries. À vista disso, a televisão hoje, embora esteja consolidada na estrutura tecnológica de transmissão de sinal, divide espaço com múltiplas plataformas de produção de conteúdo, como a Netflix, GloboPlay, Amazon Prime, HBO, DisneyPlus, Star+, etc.

A chamada “cultura de séries” reincide através de eventos e “maratonas”²⁰ dos produtos ficcionais, proporcionando ao público, nos momentos de diversão e lazer, um maior envolvimento com os conteúdos. Maratonas são, na verdade, ações inspiradas no atletismo: sugerem corridas de longo percurso que exigem grande resistência dos participantes. No contexto ficcional, tanto se refere às programações específicas dos canais, que oferecem episódios em sequência para promover a recapitulação e beneficiar quem, porventura, os perdeu; como se refere ao ato de assistir vários episódios seguidos, sem intervalos entre eles. Essa cultura de séries é responsável por criar legiões de fãs das obras, assim como criar conexões entre o público e os personagens, compreendendo o observando situações que também fazem parte do seu cotidiano e da vivência.

Os estudos dedicados à análise de narrativas ficcionais têm se mostrado oportunos para compreensão da mídia como um fenômeno cultural, assim como, seu papel na construção do imaginário coletivo diante das representações. Segundo Bulhões (2009), analisar narrativas seriadas ficcionais se justifica pelo fato de fornecerem apropriações e traços de associação com o mundo social. Elas contribuem para formação das identidades e representações das pessoas através dos personagens representados e é através dessas representações que os estereótipos são formados e se fortalecem, principalmente, quando se trata de pessoas negras que, na maioria das vezes são representadas como pessoas humildes, sem espaço para criação ou complexidades.

O seriado *How to get away with murder* corresponde às expectativas emotivas e reflexivas que um drama procura abordar, principalmente com temas fortes como sexualidade; abusos; preconceito; alcoolismo, tudo isso em meio a um cenário de assassinatos que rodeiam a personagem Annalise Keating, uma protagonista multifacetada, que foge dos padrões, com grande impacto representativo e bem diferente do que o telespectador estava acostumado a assistir. Annalise Keating foge dos padrões representados anteriormente nas narrativas seriadas, ou seja, a personagem nos representa, e através dos enlaces que envolvem sua vida, retrata histórias reais, que nos tocam, nos aproximam e nos enlaçam.

A compreensão da narrativa ficcional não só apela à cognição do público, como “constrói a comunicabilidade por meio de informações e conhecimentos em rede pela (e para a) audiência” (ANAZ, 2018, p. 253). A cultura de séries, então, é um fenômeno

²⁰ “Maratonar” séries é um neologismo alusivo a corridas de longo percurso que exigem grande resistência dos participantes. No contexto ficcional tanto se refere ao ato de assistir vários episódios seguidos, sem intervalos entre eles. Para os fãs, a tarefa, longe de tirar o fôlego, significa uma prática de fruição prazerosa.

contemporâneo intelectual e interativo de comunicação/educação que reincide através de eventos e “maratonas”, em momentos de encontro, diversão e lazer, que não só multiplicam a sensorialidade dos envolvimento dos espectadores, como também promovem reflexões e subjetivações a respeito de questões importantes na sociedade. E analisar esse produto midiático é justificável para compreender como os personagens que o compõem contribuem para o entendimento e identificação do espectador. “A análise das narrativas ficcionais se justifica porque são produtos que fornecem apropriações e traços mínimos de associação com o mundo social, sem os quais a viabilidade da transgressão do ‘ato de criar’ não se efetivaria” (BULHÕES, 2009, p. 22). E isso permite que o espectador se reconheça dentro daquela narrativa, daquela personagem, pois muitos símbolos e representações expressas ali estão presentes no cotidiano do público.

Em HTGAWM, o espectador precisa de uma maior atenção ao assistir para compreender a linha cronológica utilizada na trama. O eixo espaço-temporal oscila entre passado e presente, através do *anacronismo*, onde uma história se torna várias, porque coloca em relação dois universos cronológica e ontologicamente distintos: o ontem e o hoje. Articulações ou imbricações dessa natureza não obedecem à estruturação definida por meio de núcleos e desdobramentos intrincados. Como afirma Nogueira (2010), a discordância ou imbricação entre esses elementos ajudam a tornar a narrativa imprevisível, uma vez que os eixos discursivos contrariam, coincidem, convergem ou divergem, sem uma sequência lógica, já que as cenas atribuem uma desconcertação crescente aos personagens, núcleos e/ou situações. Um artifício que captura a atenção do espectador e constitui parte fundante da série, sinalizando o tratamento criativo de novos nexos discursivos e instigando ainda mais a curiosidade do público sobre os futuros destinos da trama em suas incursões emocionais.

5 AUTOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, vamos explicar um dos métodos de análise utilizados neste trabalho, o Grupo Focal, e como esse método contribui para as análises representativas e sociais. Também serão explanados nos tópicos deste capítulo, os participantes que fizeram parte do Grupo Focal e quais os questionamentos realizados a partir dos recortes dos episódios da trama que foram abordados no Grupo. Por fim, o tópico 5.2 apresentará as discussões dos participantes do estudo – através de prints do grupo no WhatsApp – e suas percepções a respeito da representação da personagem no contexto social.

5.1 SELEÇÃO DO JÚRI: FORMAÇÃO DO GRUPO FOCAL

A terceira fase de operacionalização da nossa metodologia da pesquisa corresponde a um recorte empírico, através do planejamento de um Grupo Focal (COSTA, 2005). Essa opção de análise atrela a teoria nas pesquisas sobre produtos ficcionais, a fim de identificar a mediação dos seus significados. Thompson (2008) afirma que, na nossa cultura, as relações com os produtos ficcionais são formas simbólicas geradas, transmitidas e recebidas com a intermediação do poder midiático. Nessa perspectiva, a valoração dos bens simbólicos culturais guarda estreita relação com os mecanismos comunicativos. O fato de seus significados serem sutis e difusos, ou algumas vezes explícitos, demanda análises que avaliem suas configurações em circuitos interativos. Nesse sentido, propomos investir na interação dos espectadores, colocando em discussão os episódios da série numa aproximação com os significados que serão construídos. A metodologia do Grupo Focal, como um desdobramento da análise temática, sinaliza os “usos sociais” (MARTÍN-BARBERO, 2009) do produto ficcional em estudo, expandindo o trabalho de compreensão narrativa.

Para Costa (2005) tal procedimento constitui uma ferramenta relevante de pesquisa qualitativa que “auxilia a identificar temáticas, tendências e o foco dos fenômenos; a desvendar problemas, ampliando a consciência do que se investiga” (COSTA, 2005, p.180). Com essa finalidade, promove-se o diálogo com o tema de investigação para conhecer as percepções valorativas dos participantes. Em síntese, a metodologia prevê “uma reunião de pessoas, selecionadas por instâncias sociais, níveis intelectuais e faixas etárias semelhantes” (COSTA, 2005, p. 185) para um debate organizado e conduzido pela autora deste trabalho.

Para a formação do Grupo Focal, propomos as seguintes estratégias: a) *O planejamento* (recortes dos episódios e formato de exibição); b) *A definição do público participante* (escolha do grupo e explicação dos propósitos do estudo); c) *A organização do roteiro-base* (organização do instrumento com os questionamentos que irão nortear o processo e as condições de sua aplicabilidade); d) *A realização do grupo* (através do aplicativo WhatsApp, para facilitar a comunicação, exibição dos episódios e captação das discussões) para registro, análise das falas e posterior referência na apresentação dos resultados da pesquisa.

O Grupo Focal foi formado com seis participantes de ensino superior, uma vez que jovens universitários têm o hábito de acompanhar seriados, indicando um repertório significativo acerca do gênero estudado. Além disso, foi questionado se os participantes conheciam a narrativa e/ou a personagem, para facilitar a escolha dos integrantes do GF. Pensamos que a adoção desses critérios ilustra a popularidade da teleficção americana na sociedade brasileira e possibilitam a percepção das estratégias narrativas em suas condições complexas. Todos os participantes da pesquisa preencheram o formulário com o *Termo de Livre Consentimento* para autorização de fala – apropriado a trabalhos de natureza científica – que será anexado ao *final do trabalho*, e forneceram alguns dados para apresentação do perfil dos participantes. Os nomes dos participantes foram substituídos pela nomenclatura *participante 1, 2, 3, 5, 6 e 8*, para manter suas identidades em sigilo. A assinatura do Termo garante a lisura da dinâmica de investigação e evita transtornos de ordem ética, uma vez que os participantes são comunicados, antecipadamente, sobre a pesquisa, o debate e o teor dos questionamentos que lhes serão dirigidos, evitando-se, assim, qualquer constrangimento.

Apresentamos aos participantes uma breve contextualização teórica sobre a pesquisa, a realização do Grupo Focal e o aprofundamento analítico de cada temporada que seria analisada, no sentido de introduzir a exibição da série/personagem e nortear o debate subsequente. Em seguida, apresentamos os recortes selecionados para a análise dos participantes, apresentando o enfoque geral da trama e a personagem. Portanto, as cenas e os fragmentos definidos na etapa de Análise Temática (MOTTA, 2013).

O grupo foi formado através do WhatsApp, nomeado como “Grupo Focal – Annalise Keating”, sob a mediação da autora deste trabalho, que atuou como moderadora do diálogo, a fim de facilitar as intervenções e interlocuções, mas sem qualquer emissão de juízo de valor sobre os conteúdos expostos durante o processo interativo. Após a exibição dos episódios, apresentamos *seis questões* norteadoras sobre as representações

da personagem Annalise Keating e os conflitos apresentados na narrativa seriada, no intuito de que os participantes articulem, por escrito, suas impressões sobre a personagem para auxiliar o curso da análise em suas relações conceituais. As questões apresentadas foram: 1) Após a exibição dos trechos da personagem Annalise Keating, os quais podemos observar diversos conflitos que fazem parte do nosso contexto social, como esses conflitos contribuem para construção da personagem?; 2) Na desconstrução de estereótipos criados para as mulheres, sobretudo para as mulheres negras, colocadas em papéis de pouca ou quase nenhuma representatividade, de que forma a fluidez da personagem contribui para quebra dos estereótipos da mulher negra dentro da ficção seriada?; 3) De que forma as dores que atravessam a personagem Annalise Keating conseguem atrair e criar conexões de identificação com o espectador?; 4) A trama aborda a complexidade e as múltiplas versões de uma personagem negra, ora forte e imponente, ora frágil e sobrecarregada; trabalhando arquétipos de guerreira, mãe protetora e mãe terrível. Como essas questões contribuem para a representação da mulher negra na sociedade?; 5) Por abordar questões como orientação sexual, exploração da sexualidade, alcoolismo, depressão e racismo, sob uma perspectiva feminina, a narrativa consegue transparecer questões do cotidiano social?; 6) A personagem Annalise Keating contribui para representatividade da mulher negra?

Após a exibição dos recortes dos episódios, foram solicitadas as respostas das questões, no intuito de que os participantes pudessem manifestar, por escrito, as impressões sobre a série. Tal procedimento foi pensado para permitir a avaliação e a compreensão da narrativa junto aos espectadores, como veremos no tópico a seguir.

5.2 O QUE DIZEM OS JURADOS? ANÁLISES DOS PARTICIPANTES

Assim, conforme mencionado acima, as questões foram disponibilizadas no grupo e enviadas após a exibição dos 18 trechos selecionados, o que facilitou a interação e o debate sobre a personagem. Destaca-se, também, que os participantes responderam todas as questões enviadas ao GF, não apresentando nenhuma dúvida no decorrer das discussões. A seguir, vamos apresentar uma tabela ilustrativa com algumas informações a respeito dos participantes:

NOMEAÇÃO	SEXO/GÊNERO	COR	GRADUAÇÃO
Participante 1	Feminino	Negra	Direito
Participante 2	Feminino	Parda	Letras
Participante 3	Feminino	Negra	Jornalismo
Participante 5	Masculino	Pardo	Administração
Participante 6	Masculino	Branco	Letras

Participante 8	Masculino	Branco	Jornalismo
----------------	-----------	--------	------------

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O GF foi organizado via WhatsApp, devido à facilidade de integração possibilitada pelo aplicativo, no qual foram encaminhados os links dos episódios selecionados e as discussões propostas. Seis pessoas participaram da pesquisa, sendo duas mulheres negras e uma parda; três homens, sendo dois brancos e um pardo. Os recortes temáticos foram relativos às seis temporadas da série, a fim de analisar a representação dos conflitos importantes para a sociedade sobre a mulher negra. O Grupo Focal reitera a importância metodológica dos pressupostos teóricos sugeridos por Martín-Barbero (2009), que aconselha atrelar a teoria à empiria nas pesquisas sobre produtos ficcionais, a fim de compreender a mediação dos significados.

Após a exibição dos recortes da primeira temporada, os episódios (01x01), (01x04), (01x09) e (01x13), foi questionado aos participantes: 1) Após a exibição dos trechos da personagem Annalise Keating, os quais podemos observar diversos conflitos que fazem parte do nosso contexto social, como esses conflitos contribuem para construção da personagem? No qual obtivemos as seguintes respostas, como constam nos prints a seguir:

Figura 11: Participante 6

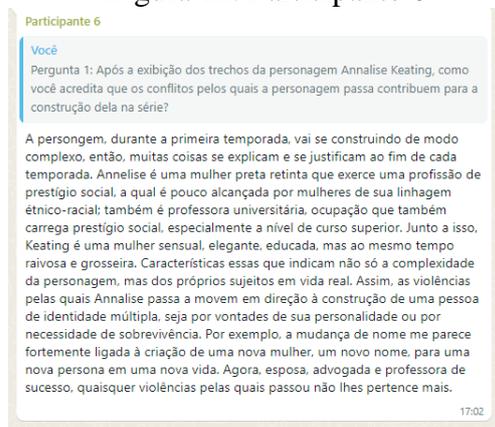
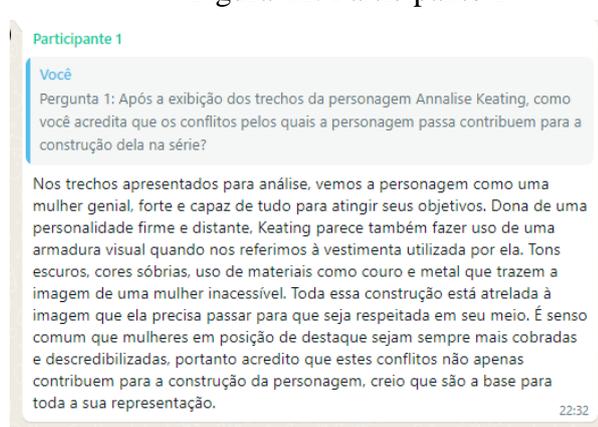
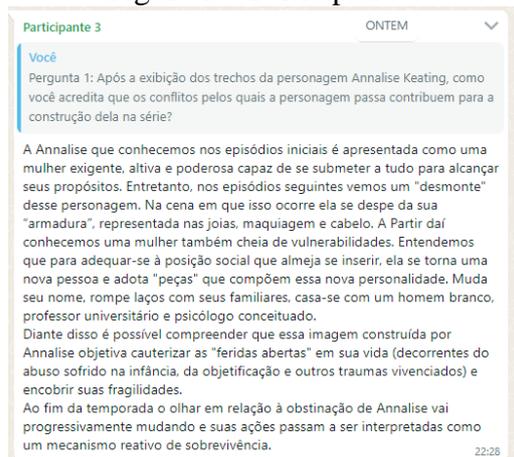


Figura 12: Participante 1



Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 13: Participante 3



Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 14: Participante 8

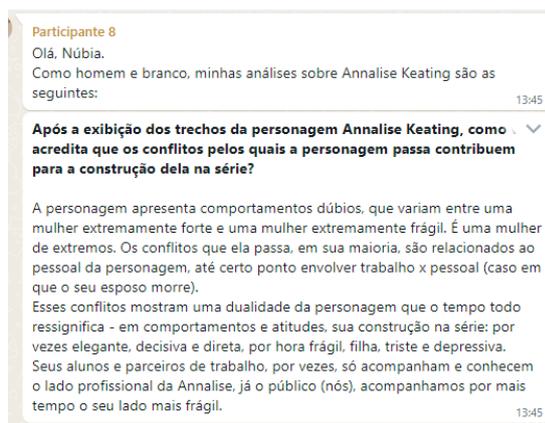
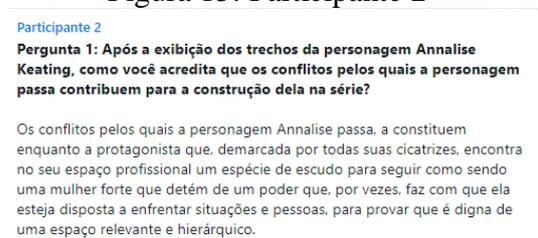
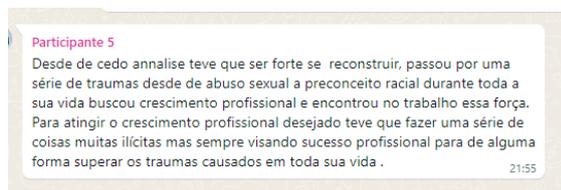


Figura 15: Participante 2



Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 16: Participante 5



Como observamos nas respostas do GF, após a exibição dos recortes da primeira temporada, os participantes perceberam como a personagem é apresentada durante a temporada, cheia de camadas complexas que exploram sua veracidade, altivez e hostilidade em meio a conflitos de cunho pessoal e profissional.

Na direção dessas constatações, ressaltamos algumas respostas, como é o caso do participante 6 que respondeu: “a personagem vai se construindo de modo complexo, então, muitas coisas se explicam e se justificam ao fim de cada temporada. Annalise é uma mulher preta retinta que exerce uma profissão de prestígio social, a qual é pouco alcançada por mulheres de sua linhagem étnico-racial; também é professora universitária, ocupação que também carrega prestígio social, especialmente a nível de curso superior. Junto a isso, Keating é uma mulher sensual, elegante, educada, mas ao mesmo tempo raivosa e grosseira. Características essas que indicam não só a complexidade da personagem, mas dos próprios sujeitos em vida real”. O que vai ao encontro às afirmações do participante 1: “Dona de uma personalidade firme e distante, Keating parece também fazer uso de uma armadura visual quando nos referimos à vestimenta utilizada por ela. Tons escuros, cores sóbrias, uso de materiais como couro e metal que trazem a imagem de uma mulher inacessível. Toda essa construção está atrelada à imagem que ela precisa

passar para que seja respeitada em seu meio. É senso comum que mulheres em posição de destaque sejam sempre mais cobradas e descredibilizadas, portanto acredito que estes conflitos não apenas contribuem para a construção da personagem, creio que são a base para toda a sua representação”. O que nos leva a entender que todos os símbolos e conflitos que englobam a personagem, vão sendo apresentados como camadas a serem desenvolvidas e explicadas ao longo da trama. Como aborda Woodward (2006), todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. No caso de Annalise, suas vestimentas e suas atitudes, fazem parte da sua forma de se integrar um espaço majoritariamente masculino, se fazendo ser temida e, conseqüentemente, respeitada.

Também é possível observar nos trechos finais apresentados, as contextualizações da personalidade de Annalise, apresentando questões pessoais e traumas do seu passado que corroboraram sua forma de ser. Como afirma o Participante 5: “Desde cedo Annalise teve que ser forte, se reconstruir. Passou por uma série de traumas desde abuso sexual a preconceito racial, durante toda a sua vida buscou crescimento profissional e encontrou no trabalho essa força”. Para a personagem, o trabalho foi uma forma de construir sua história de outra forma, indo além daquilo que podiam esperar de uma menina negra do subúrbio. Mas apesar da armadura criada pela personagem, onde enxergamos o arquétipo de guerreiro, ainda é possível enxergar suas vulnerabilidades diante das questões do passado e dos conflitos do presente. O participante 3 diz que: “Na cena em que isso ocorre ela se despe da sua “armadura”, representada nas joias, maquiagem e cabelo. A Partir daí conhecemos uma mulher também cheia de vulnerabilidades. Entendemos que para adequar-se à posição social que almeja se inserir, ela se torna uma nova pessoa e adota “peças” que compõem essa nova personalidade. Muda seu nome, rompe laços com seus familiares, casa-se com um homem branco, professor universitário e psicólogo conceituado”, mostrando que a personagem foi se moldando em camadas e facetas de acordo com sua vivência e “demarcada por todas suas cicatrizes, encontra no seu espaço profissional uma espécie de escudo para seguir sendo uma mulher forte que detém de um poder que, por vezes, faz com que ela esteja disposta a enfrentar situações e pessoas, para provar que é digna de uma espaço relevante e hierárquico”, afirma o participante 2. Contudo, é através desses conflitos que enxergamos a dualidade da personagem “que o tempo todo ressignifica - em comportamentos e atitudes, sua construção na série: por vezes elegante, decisiva e direta, por hora frágil, filha, triste e depressiva”, finaliza o participante 8.

Como observamos a narrativa apresenta uma instância ontológica que chama atenção para os estereótipos, sensibilidades, sexualidade, gênero e raça. Uma marca narrativa de tal teor propõe uma nova leitura sobre as representações femininas negras nas narrativas seriadas, à medida que questões raciais são apresentadas na trama e capturadas pelos espectadores. Como consequência, ficção e realidade se hibridizam alimentando reconhecimentos que podem ser entendidos à luz do conceito de identidade (HALL, 2004). Sendo assim, como observamos nas visões dos participantes, os conflitos da personagem contribuem sim para sua construção na trama.

Dando sequência às análises, após a exibição dos recortes da segunda temporada, os episódios (02x01), (02x09) e (02x14), foi questionado aos participantes: 2) Como você acredita personagem contribui para quebra dos estereótipos da mulher negra dentro da ficção seriada? No qual obtivemos as seguintes respostas:

Figura 17: Participante 8

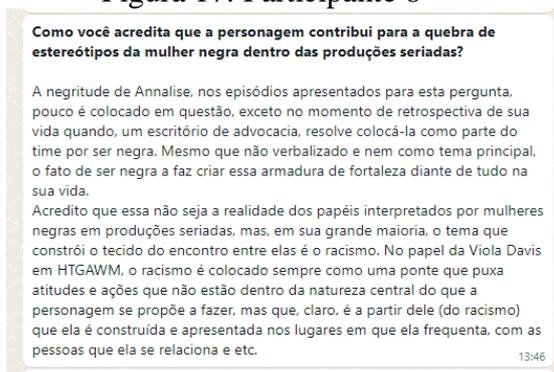
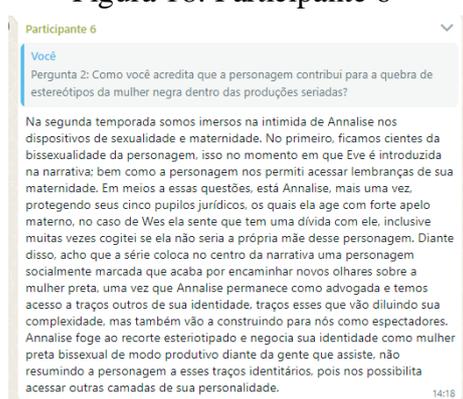


Figura 18: Participante 6



Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 19: Participante 3

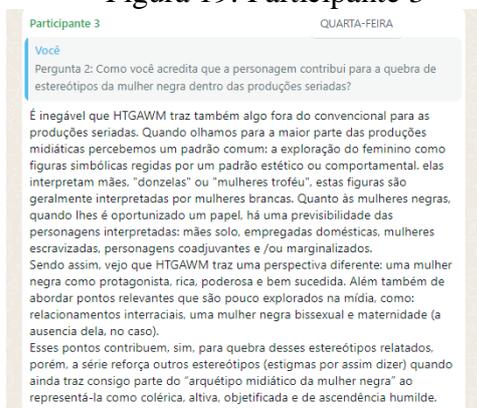
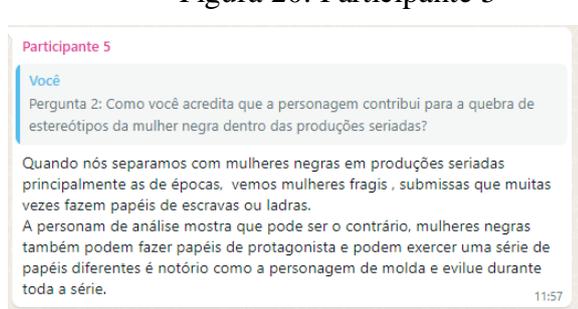


Figura 20: Participante 5



Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 21: Participante 1

Participante 1
Acredito que o estereótipo é por muitas vezes reforçado quando a advogada é apresentada como a Mulher Negra Raivosa, porém vemos a quebra do estereótipo da mulher negra submissa ou maternal. Diversas representações culturais limitam a mulher negra à subserviência, alívio cômico ou personagem secundário na história de uma pessoa branca. No entanto, Annalise é líder do seu próprio destino e apresenta diversas nuances que são inerentes à pessoa humana.

10:23

Figura 22: Participante 2

Pergunta 2: Como você acredita que a personagem contribui para a quebra de estereótipos da mulher negra dentro das produções seriadas?

Annalise acaba representando por meio da personagem tantas outras mulheres negras, já que sempre é reforçado os desencontros em várias áreas de sua vida, que, de certo modo, a encorajam a se sobressair em situações consideradas extremamente difíceis. Desse modo, é perceptível como a noção de mulher forte, que suporta tudo, mas que - por outro lado - se encontra em um contexto que possibilita desconstruir a mulher negra tida como incapaz de estar em um espaço comum aos brancos. Percebe-se como essa relação divergente de Keating se faz presente: ora a mulher preta que se sobressai dos estereótipos ora a mulher preta em uma posição igualitária a outras, como no quesito maternidade, na qual é mostrado como a perda do filho a afeta em todas as suas áreas da vida.

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Hall (2016) ratifica que no cinema norte-americano, na década de 50, “os negros poderiam entrar para o mainstream²¹ – mas só caso se adaptarem ao que os brancos tinham deles e se assimilarem as normas de estilo, aparência e comportamento dos brancos. [...], mas após o movimento dos direitos civis, nas décadas de 1960 e 1970, houve uma afirmação muito mais agressiva da identidade cultural negra sobre a representação” (HALL, 2016, p. 212). Nessa busca por representações reais da sua negritude, “a mulher se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. E quando se tratava de mulher negras, a inferioridade era ainda maior, sobrando apenas os papéis de empregadas”. (DAVIS, 2016, p. 25). Indo contra as apresentações trazidas por Davis, a personagem Annalise Keating ressignifica essa representação e quebra com o estereótipo de papéis sem representatividade.

Como afirma o participante 5: “Quando nos deparamos com mulheres negras em produções seriadas principalmente as de épocas, vemos mulheres frágeis, submissas, que muitas vezes fazem papéis de escravas ou ladras. A personagem de Annalise mostra que pode ser o contrário, mulheres negras também podem fazer papéis de protagonista e podem exercer uma série de papéis diferentes”. Corroborando essa resposta, o participante 3 declara que “HTGAWM traz uma perspectiva diferente: uma mulher negra como protagonista, rica, poderosa e bem-sucedida. Além de abordar pontos relevantes que são pouco explorados na mídia, como: relacionamentos interracialis, uma mulher negra bissexual, maternidade (a ausência dela, no caso). Quando olhamos para a maior parte das produções midiáticas percebemos um padrão comum: a exploração do feminino como figuras simbólicas regidas por um padrão estético ou comportamental. E esses pontos contribuem, sim, para quebra desses estereótipos. Porém, a série reforça outros

²¹ Mainstream é um grupo, movimento ou estilo que tem características aceitas pela comunidade e que a agrada, apresentando um conteúdo familiar e usual. Disponível em: <<https://www.meusdicionarios.com.br/mainstream>> Acesso em 15 de junho de 2023.

estereótipos (estigmas por assim dizer) quando ainda traz consigo parte do ‘arquétipo midiático da mulher negra’ ao representá-la como colérica, altiva, objetificada e de ascendência humilde”. Nesse sentido, entende-se que, apesar das multifaces da personagem, alguns padrões ainda se repetem na construção de sua persona.

Algumas questões são amplamente abordadas na segunda temporada, apresentando ao público questões centrais da personagem, que explicam um pouco sobre o porquê de ela ser tão impiedosa, obstinada, protetora, hostil e frágil diante de algumas questões. A narrativa explana sua bissexualidade, ao abordar sua relação amorosa do passado/presente com Eve, mostrando uma nova ruptura de padrões para uma protagonista negra, como afirma o participante 6: “Annalise foge ao recorte estereotipado e negocia sua identidade como mulher preta bissexual de modo produtivo diante da gente que assiste, não resumindo a personagem a esses traços identitários, pois nos possibilita acessar outras camadas de sua personalidade”. Além disso, também é abordada a gravidez e a perda do filho de Annalise, algo que a marca e machuca severamente, explicando o porquê do seu arquétipo de Grande-Mãe para com seus alunos, como aborda o participante 2: “Annalise acaba representando, por meio da personagem, tantas outras mulheres negras, já que sempre é reforçado os desencontros em várias áreas de sua vida, que, de certo modo, a encorajam a se sobressair em situações consideradas extremamente difíceis. Percebe-se como essa relação divergente de Keating se faz presente; ora a mulher preta que se sobressai dos estereótipos ora a mulher preta em uma posição igualitária as outras, como no quesito maternidade, na qual é mostrado como a perda do filho a afeta em todas as suas áreas da vida”. Apesar das adversidades enfrentadas pela personagem, “Annalise é líder do seu próprio destino e apresenta diversas nuances que são inerentes à pessoa humana”, finaliza o participante 1. Assim, importa destacar a relevância da narrativa na circulação simbólica (HALL, 2004) de comportamentos e estereotípias na composição de personagens multifacetados.

Nos recortes da terceira temporada, os episódios (03x03) e (03x12) foram apresentados aos participantes e, em seguida, feita a seguinte pergunta: 3) De que forma as dores que atravessam a personagem Annalise Keating conseguem atrair e criar conexões de identificação com o espectador? No qual obtivemos as seguintes respostas:

Figura 23: Participante 2

Pergunta 3: De que forma as dores que atravessam a personagem Annalise Keating conseguem atrair e criar conexões de identificação com o espectador?

Por meio de produções cinematográfica, em que personagens como Keating são colocadas como protagonista e que dores comuns às mulheres negras são colocadas em destaque, as conexões são feitas trazendo um processo de identificação, como é notável nas ações e situações vivenciadas por ela. A partir de como a personagem reage, por exemplo, desmontando seus anseios na bebida, as incontroláveis reações que destacam seu lado feroz, a revolta dela - mesmo em seu local de trabalho -, a maneira descontrolada que ela lida quando as coisas não fluem como ela esperava. Logo, a noção de tempo em que situações de uma infância complexa que destroem ela tempos depois, o não acreditar do pai em relação ao abuso, vivências que faz com que haja esse processo de partilha das dores de uma mulher com tantas outras.

Figura 24: Participante 3

Participante 3

Você

Pergunta 3: De que forma as dores que atravessam a personagem Annalise Keating conseguem atrair e criar conexões de identificação com o espectador?

Conhecer as dores de Annalise acaba contribuindo para a mudança da percepção do espectador sobre a personagem. No EP.1 da 1ª Temporada é nos apresentada uma mulher rígida, ativa e ambiciosa que a qualquer custo busca lograr êxito em seus trabalhos. Ao longo dos episódios conhecemos as feridas que a personagem carrega e encobre sob uma armadura de sucesso e poder que ela construiu. Essas vulnerabilidades mostram a "humanidade" de Annalise que, por mais poderosa e inabalável que aparente ser, é, assim como qualquer pessoa, suscetível a decepções, vícios, erros, traumas e solidão. O conhecimento de parte da trajetória da personagem gera no espectador o sentimento de empatia e o faz entender o que motivou muitas decisões e posturas adotadas pela Advogada.

22:30

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 25: Participante 1

Participante 1

Você

Pergunta 3: De que forma as dores que atravessam a personagem Annalise Keating conseguem atrair e criar conexões de identificação com o espectador?

Conseguimos nos enxergar nos erros e acertos da personagem. Quando Annalise mostra seu lado frágil, traz a possibilidade para o espectador compreender que mesmo aquela mulher de aparência inabalável tem as suas dores e, vez ou outra, desaba por causa delas. Podemos nos ver e nos identificar com o outro, causando o sentimento de empatia.

10:48

Figura 26: Participante 6

Participante 6

Você

Pergunta 3: De que forma as dores que atravessam a personagem Annalise Keating conseguem atrair e criar conexões de identificação com o espectador?

Na terceira temporada, já vemos a "queda" de Annalise. Suas posições de poder são desmontadas e ela está presa. Parece-me que sai Annalise e temos acesso a Anna Mae, tudo que ela poderia ter encaminhado para ser, mas não é. No instante em que a personagem está despida para nós, podemos nos questionar o quão ela é figura da realidade, suscetível ao erro, ao abandono e aos acaso. Assim, acredito que a personagem cria conexões ao ser real e transparente, ainda que possa sugerir ser egocêntrica, pois é o que também somos em maior ou menor medida.

13:17

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 27: Participante 5

Participante 5

Você

Pergunta 3: De que forma as dores que atravessam a personagem Annalise Keating conseguem atrair e criar conexões de identificação com o espectador?

De certa forma o ser humano sente empatia por pessoas que de qualquer forma se mostrem ou estejam oprimidas. No decorrer da série análise por mais que não queria deixa transparecer que muitos dos seus erros são frutos de traumas passados, no decorrer da vida passamos por vários traumas e isso nos faz se por no lugar dela e cria laços com a personam.

12:01

Figura 28: Participante 8

De que forma as dores que atravessam a personagem Annalise Keating conseguem atrair e criar conexões de identificação com o espectador?

"Tem dor suficiente nessa sala."

Em situação de poder e hierarquia, se pararmos para pensar, Annalise sempre está diante a pessoas brancas. Diferente quando se trata dela com os alunos, que aí podemos vê-la diante pessoas negras. Acredito que sua dor começa por aí. Sua dor na solidão. Annalise, por mais que esteja sempre ao lado de pessoas que a encorajam, desafiam e lhe atraem, é como se ela estivesse sozinha mesmo diante de muito barulho. A sensação que dá é que Annalise está o tempo todo sendo julgada e definida por grupos de pessoas brancas, por mais que seus conflitos pessoal também envolva pessoas negras (como é o caso do seu aluno não sei o nome dele e do seu namorado não sei o nome dele).

13:46

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

HTGAWM explora a narrativa dramática, que como classifica Sant'Anna (2008), representa outra face da paródia, uma vez que evoca informações presentes na vida social, promovendo ações de ressignificação, nas quais se lida com a dificuldade de se saber a autoria do discurso narrado, "pois os significados circulam e se intercambiam como num jogo de espelhos. Nesse sentido, a representação expõe a intertextualidade das narrativas sociais" (SANT'ANNA, 2008, p. 32). Dessa forma, as questões sociais abordadas na

narrativa, a partir da personagem Annalise, trazem dores pessoais para a personagem, mas que condizem com o cotidiano da sociedade, a exemplo do abuso sexual que sofreu enquanto criança, da perda do filho ou do racismo sofrido dentro e fora da sua profissão, “vivências que faz com que haja esse processo de partilha das dores de uma mulher com tantas outras”, como relata o participante 2. De acordo com o participante 5: “De certa forma o ser humano sente empatia por pessoas que de qualquer forma se mostrem ou estejam oprimidas. Annalise por mais que não queria deixar transparecer que muitos dos seus erros são frutos de traumas passados, no decorrer da vida passamos por vários traumas e isso nos faz nos pormos no lugar dela e cria laços com a personagem”. Ou seja, as dores enfrentadas pela personagem criam conexões com o espectador que se coloca no lugar da personagem e sente empatia por suas dores e perdas, como é posto pelo participante 6: “No instante em que a personagem está despida para nós, podemos nos questionar o quão ela é figura da realidade, suscetível ao erro, ao abandono e aos acasos. Assim, acredito que a personagem cria conexões ao ser real e transparente, ainda que possa sugerir ser egocêntrica, pois é o que também somos em maior ou menor medida”.

Nos trechos apresentados, podemos observar o declínio da personagem na sua carreira como advogada e professora, devido aos seus problemas com álcool e a morte de um de seus alunos, que era visto como um filho. Isso faz com que a personagem passe por um momento difícil que exige novamente a força e postura apresentada por Annalise. Nesse momento podemos conhecer sua outra versão, a mulher frágil Anna Mae, como relata o participante 3: “Conhecer as dores de Annalise acaba contribuindo para a mudança da percepção do espectador sobre a personagem. No EP.1 da 1ª Temporada, nos é apresentada uma mulher rígida, altiva e ambiciosa, que a qualquer custo busca lograr êxito em seus trabalhos. Ao longo dos episódios conhecemos as feridas que a personagem carrega e encobre sob uma armadura de sucesso e poder que ela construiu. Essas vulnerabilidades mostram a ‘humanidade’ de Annalise que, por mais poderosa e inabalável que aparente ser, é, assim como qualquer pessoa, suscetível a decepções, vícios, erros, traumas e solidão”. Seguindo nessa perspectiva sobre a personagem, o participante 1 afirma que: “Quando Annalise mostra seu lado frágil, traz a possibilidade para o espectador compreender que mesmo aquela mulher de aparência inabalável tem as suas dores e, vez ou outra, desaba por causa delas. Podemos nos ver e nos identificar com o outro, causando o sentimento de empatia”. Nesse sentido, como alude Anaz (2018), a compreensão da narrativa ficcional não só apela à cognição do público, como “constrói a

comunicabilidade por meio de informações e conhecimentos em rede pela (e para a audiência” (ANAZ, 2018, p. 253).

Dando continuidade ao nosso Grupo Focal, foram apresentados os episódios (04x02), (04x06) e (04x14) da quarta temporada, os quais abordam a luta de Annalise contra um sistema de justiça que encarcera uma população negra sem os devidos direitos de defesa; e um governo que limita os recursos para garantir a defesa desses presidiários. Após a exibição dos recortes, questionamos aos participantes: 4) Como as questões materna, de raça e de trabalho contribuem para a representação da mulher negra na sociedade atual?

Figura 29: Participante 1

Participante 1

Você

Pergunta 4: Como as questões materna, de raça e de trabalho contribuem para a representação da mulher negra na sociedade atual?

Vista sempre como "a carne mais barata do mercado", a mulher negra é tratada como cidadão de segunda classe, tendo em vista o gênero e a cor da pele. Quando a mulher negra sai do papel de servidão e assume o protagonismo no ambiente de trabalho, é sempre questionada de sua capacidade. No que se refere ao lado materno, às mães negras fica uma carga extremamente pesada de ter que se preocupar com questões que as mães brancas não precisam, como o racismo e a violência policial.

11:04

Figura 30: Participante 5

Participante 5

Você

Pergunta 4: Como as questões materna, de raça e de trabalho contribuem para a representação da mulher negra na sociedade atual?

Desde do início da série Annalise mostra ser um pessoa forte e centrada que possivelmente inspira mulheres que passar por problemas parecidos, seja na maternidade, trabalho ou até mesmo questões raciais.

19:26

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 31: Participante 2

Pergunta 4: Como as questões materna, de raça e de trabalho contribuem para a representação da mulher negra na sociedade atual?

Assim como nos episódios, essas questões estarão sempre como um impasse para a mulher na sociedade, levando em consideração sua participação e constituição como mãe-preta-profissional, já que portas são fechadas em momentos considerados frágeis na vida destas, que desencadeia o não acolhimento. Ainda, as expectativas do que esperam que a mulher "seja forte o tempo todo", demonstram como criou-se essa representação social dessa tríade na sociedade - desde sempre.

Figura 32: Participante 3

reflete na sociedade atual, pessoas negras muitas vezes não tem voz na sociedade, não por incapacidade de expressar-se, mas QUARTA-FEIRA ouvidos nela e muitas vezes é necessário que alguém (branco) seja o porta-voz das suas necessidades. Nessa cena da série é interessante ver não um "branco salvador da pátria", mas sim uma mulher negra, como referência e defendendo de outra, alguém que entende e compartilha das suas dores e desafios, fator que gera proximidade entre a Keating e sua cliente.]

Ao retratar a maternidade da personagem, a série busca um viés diferente do convencional (a maternidade e os desafios de maternar e trabalhar simultaneamente). Na produção é abordado o desafio de lidar com a perda do filho. Nela vemos Keating tentando lidar com o sentimento de culpa que carrega pela morte do filho Sam. A personagem acredita que sua ambição profissional ocasionou a fatalidade, e acaba usando o trabalho (excessivo) como forma de punir a si mesma. Não é incomum ver mulheres que se culpam por se dedicar ao trabalho e não à família como [a sociedade diz que] deveriam, principalmente se tratando de mulheres negras que em geral são vistas como figuras maternas.

22:33

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 33: Participante 8

Como as questões materna, de raça e de trabalho contribuem para a representação da mulher negra na sociedade atual?

As mulheres se deparam com uma série de questões complexas ao desempenharem os papéis de mãe, mulher negra e profissional. Infelizmente, em momentos de vulnerabilidade e fragilidade, muitas vezes não recebem o acolhimento adequado e encontram portas fechadas. Essas situações criam um impasse, pois enfrentam desafios adicionais que podem afetar sua capacidade de avançar e alcançar seus objetivos.

Uma das razões para esse não acolhimento está relacionada à representação social construída ao longo do tempo, assim como Annalise, que espera que as mulheres sejam fortes em todas as circunstâncias. Essa expectativa de força constante coloca uma pressão sobre elas, tornando difícil expressar suas vulnerabilidades e buscar apoio quando mais precisam. Além disso, ser mulher negra e profissional muitas vezes leva à discriminação e ao fechamento de oportunidades.

Figura 34: Participante 6

Participante 6

Você

Pergunta 4: Como as questões materna, de raça e de trabalho contribuem para a representação da mulher negra na sociedade atual?

Bem, na quarta temporada, é possível nos voltarmos a episódios do tratamento psicológico de Annalise. Assim, vemos a personagem colocando à mesa suas emoções e tentando, de alguma forma, racionalizar seus sentimentos e experiências. A maternidade de Annalise lhe é tomada, curtamente o filho num ato criminoso. Isso lhe machuca e deixa marcas. Na mesma temporada Annalise defende uma mulher preta e diz "não sou ela", mas o que vejo é que ela sabe que não é, mas PODERIA SER. Além disso, o diálogo entre as personagens Annalise e Olivia é bastante significativo, pois vemos uma outra mulher preta dizendo como acredita no potencial de Annalise. Por fim, os marcadores de gênero e raça atravessam a experiência maternal e trabalhista da personagem principal, esse atravessamento é da vida real também. Ao colocar esses elementos em embate discursivo, a série coloca em evidência uma representação da mulher negra para além da periferia, das drogas, da escravidão, dos empregos estigmatizados, logo, oportuniza novos olhares, mas nem por isso romantizados.

18:32

Como aborda Silva (2019), a representação da mulher negra no mundo do trabalho caminha no contexto do sofrimento deixado pela escravidão e a condição de opressão causada pelo machismo e sexismo, que “influíram em processos comunicativos de representação que contribuem para a manutenção do papel de subalternidade vivenciado por elas (SILVA, 2019, p. 73). Nesse sentido, a personagem Annalise enfrenta questões sexistas e machistas no seu ambiente de trabalho, questões que também passam pelo racismo, tentando a intimidar diante de casos de sua atuação ou até mesmo nas acusações feitas contra ela. “As mulheres se deparam com uma série de questões complexas ao desempenharem os papéis de mãe, mulher negra e profissional. Infelizmente, em momentos de vulnerabilidade e fragilidade, muitas vezes não recebem o acolhimento adequado e encontram portas fechadas. Essas situações criam um impasse, pois enfrentam desafios adicionais que podem afetar sua capacidade de avançar e alcançar seus objetivos. Além disso, ser mulher negra e profissional muitas vezes leva à discriminação e ao fechamento de oportunidades”, relata o participante 8. Ou seja, as questões de gênero, raça e trabalho atingem com uma carga maior as mulheres negras, por enfrentarem o dobro do preconceito nessa área.

Como relata o participante 2: “Essas questões estarão sempre como um impasse para a mulher na sociedade, levando em consideração sua participação e constituição como mãe-preta-profissional, já que portas são fechadas em momentos considerados frágeis na vida destas que desencadeia o não acolhimento”. E isso acontece devido a visão da sociedade sobre as mulheres negras, “vista sempre como "a carne mais barata do mercado", a mulher negra é tratada como cidadão de segunda classe, tendo em vista o gênero e a cor da pele. Quando a mulher negra sai do papel de servidão e assume o protagonismo no ambiente de trabalho, é sempre questionada de sua capacidade”, contribui o participante 1. E isso é questionado muitas vezes quando Annalise decide enfrentar a Suprema Corte para defender os que, assim como ela, sofrem as desigualdades da sociedade devido o tom de sua pele. Sua capacidade é posta em dúvida, mas seu desejo de mudança perpassa seus próprios medos para ultrapassar mais esse desafio. “Ao assistir me lembrei de uma que Lélia Gonzalez em "racismo e sexismo na cultura brasileira" de 1984, traz um ponto interessante: a sociedade trata os negros como "infans" (infantilizados), ou seja, incapazes de defender a si mesmos. Interessante que uma observação feita no século passado ainda reflete na sociedade atual. Pessoas negras

muitas vezes não têm voz na sociedade, não por incapacidade de expressar-se, mas por não serem ouvidos nela e muitas vezes é necessário que alguém (branco) seja o porta-voz das suas necessidades. Nessa cena da série é interessante ver não um "branco salvador da pátria", mas sim uma mulher negra, como referência e defendendo de outra, alguém que entende e compartilha das suas dores e desafios, fator que gera proximidade entre a Keating e sua cliente”, colabora o participante 3.

Um fato importante da temporada é a participação de Olívia Polpe, outra mulher negra, imponente e protagonista de uma narrativa seriada (NASCIMENTO, 2017) que evidencia e explora a mulher negra como uma mulher bem-sucedida. Como aborda o participante 6: “O diálogo entre as personagens Annalise e Olívia é bastante significativo, pois vemos uma outra mulher preta dizendo como acredita no potencial de Annalise. Ao colocar esses elementos em embate discursivo, a série coloca em evidência uma representação da mulher negra para além da periferia, das drogas, da escravização, dos empregos estigmatizados, logo, oportuniza novos olhares, mas nem por isso romantizados”. Nessa conjuntura, “a partir do momento em que a mulher negra é representada no mundo do trabalho, longe dos estereótipos e da realidade a qual lhe foi historicamente imposta, cria-se uma identificação de grande impacto social, que contribui com o desenvolvimento de mudanças práticas na realidade desse sujeito” (SILVA, 2019, p. 71) e “inspira mulheres que passam por problemas parecidos, seja na maternidade, trabalho ou até mesmo questões raciais”, participante 5.

Na quinta temporada, selecionamos os episódios (05x07), (05x13) e (05x14) os quais abordam a luta de Annalise contra a governadora e inimigos poderosos das temporadas anteriores, que ameaçam sua liberdade e de seus alunos. Mesmo prestigiada após vencer o caso contra o Estado da Pensilvânia, Annalise relata estar cansada de sempre ter que proteger os outros e lidar com homens que a machucam. Após a exibição dos recortes, enviamos a seguinte pergunta para os participantes: 5) Você acredita que as questões de sexualidade, alcoolismo, orientação sexual, depressão e racismo, transparecem questões do nosso cotidiano?

Figura 35: Participante 1

Participante 1

Você

Pergunta 5: Você acredita que as questões de sexualidade, alcoolismo, orientação sexual, depressão e racismo, transparecem questões do nosso cotidiano?

Sim. Estas questões fazem parte do nosso dia a dia e podemos ver ao nosso redor pessoas sofrendo de doenças como depressão e alcoolismo. O racismo e o preconceito contra pessoas LGBTQIAP+ infelizmente é uma realidade que parece estar longe de acabar. Caminhamos a passos muito curtos e temos a impressão de, às vezes, estarmos regredindo nesses debates. Fazendo uma intertextualidade com a série "Brooklyn 9 9", mais precisamente a fala da personagem Rosa Diaz: "Dois passos para frente e um passo para trás ainda é um passo para frente".

14:35

Figura 36: Participante 8

Você acredita que as questões de sexualidade, alcoolismo, orientação sexual, depressão e racismo, transparecem questões do nosso cotidiano?

Esses assuntos são relevantes e afetam a vida de muitas pessoas ao redor do mundo, independentemente de sua origem, cultura ou contexto social.

No caso específico de Annalise Keating, sua sexualidade e orientação sexual são exploradas ao longo da série, e Annalise luta contra o estigma e o preconceito que enfrenta como mulher bissexual. O alcoolismo é outro aspecto crucial de sua jornada, e a série retrata os altos e baixos de sua batalha contra a dependência e os efeitos que isso tem em sua vida pessoal e profissional.

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 37: Participante 3

Participante 3

QUARTA-FEIRA

Você

Pergunta 5: Você acredita que as questões de sexualidade, alcoolismo, orientação sexual, depressão e racismo, transparecem questões do nosso cotidiano?

Sim. A produção se distingue dentre as demais séries por falar abertamente sobre estes temas. Ela faz o espectador compreender que todos esses pontos circundam todas as classes econômicas indistintamente (claro, que esses temas pesam mais sobre algumas classes do que sobre outras), pois em HTGAWM a protagonista é uma mulher rica, referente e bem sucedida, mas que enfrenta questões passíveis a qualquer indivíduo. Portanto, compreendo que a série aborda temas pertinentes, atuais e reais que têm potencial de representatividade e conexão com o espectador, este acaba identificando um ou mais pontos abordados, seja em si ou em alguém do seu conhecimento.

22:35

Figura 38: Participante 2

Pergunta 5: Você acredita que as questões de sexualidade, alcoolismo, orientação sexual, depressão e racismo, transparecem questões do nosso cotidiano?

Sim, levando em consideração a noção de que nos constituímos enquanto seres diariamente, sob nossas ações e relações sociais: a sexualidade, alcoolismo, orientação sexual, depressão e racismo; de certa maneira, constituem identidades, que quando não se mantêm dentro dos padrões esperados e estereotipados em um contexto social como o nosso, adentra às questões do dia a dia, como no ambiente profissional e familiar, por exemplo.

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 39: Participante 5

Participante 5

Você

Pergunta 5: Você acredita que as questões de sexualidade, alcoolismo, orientação sexual, depressão e racismo, transparecem questões do nosso cotidiano?

Sim. O telespectador seja ele quem for uma hora ou outro se identifica com a personagem por viver situações parecidas ou iguais, seja elas questões de sexualidade, alcoolismo, depressão ou racismo.

19:29

Figura 40: Participante 6

Participante 6

Você

Pergunta 5: Você acredita que as questões de sexualidade, alcoolismo, orientação sexual, depressão e racismo, transparecem questões do nosso cotidiano?

Annalise é uma personagem multifacetada. Na quinta temporada, fica evidente o embate da figura civil frente ao Estado. Annalise é a mulher preta advogada que se coloca em situações de perigo de vida nessa temporada. Tudo agora é perigoso! E a vida é perigosa, as pessoas bebem e dirigem; não são heterossexuais ou cisgêneros, mas precisam lidar com a normatividade: estão mentalmente exaustas e cansadas, mas caminham como se não estivessem estressadas e/ou depressivas: são pretas, pardas ou indígenas violentados pelo racismo numa estrutura social na qual ninguém se reconhece racista. Enfim, nosso cotidiano é atravessado por todos esses acontecimentos, seja por sermos uma dessas pessoas, seja por convivermos com alguma delas.

18:24

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

No entendimento de Bulhões (2009), a análise das narrativas ficcionais se justifica porque são produtos que fornecem apropriações e traços mínimos de associação com o mundo social. Desse modo, “A teleficção não é um invólucro impenetrável, uma cápsula suspensa na imaterialidade: repete o real para transfigurá-lo, por tê-lo conhecido, por isso o subverte” (BULHÕES, 2009, p. 22). Como relata o participante 5, os temas abordados na narrativa, através da vivência de Annalise, trazem certa identificação com o

telespectador: “O telespectador, seja ele quem for, uma hora ou outra se identifica com a personagem por viver situações parecidas ou iguais, seja elas questões de sexualidade, alcoolismo, depressão ou racismo”. Nos recortes analisados da quinta temporada, as questões centrais de *Annalise*, como o alcoolismo, sexualidade, racismo, machismo e abusos, são exploradas para nos trazer ao íntimo da personagem, que, de certa forma, se liga ao cotidiano social. O participante 2 declara que as questões de “sexualidade, alcoolismo, orientação sexual, depressão e racismo; de certa maneira, constituem identidades, que quando não se mantêm dentro dos padrões esperados e estereotipados em um contexto social como o nosso, adentra às questões do dia a dia, como no ambiente profissional e familiar, por exemplo”. Lopes e Gómez (2012) explicam que a circulação de sentidos das tramas ocorre porque as pessoas, independentemente de classe, sexo, idade ou região, constroem inúmeros circuitos onde estes sentidos são reelaborados e ressemantizados, o que fomenta novas leituras sociais que possibilita que a ficção apresente significados entre a audiência, gerando certa familiaridade.

Para o participante 3, a produção se distingue dentre as demais séries por falar abertamente sobre estes temas. “Ela faz o espectador compreender que todos esses pontos circundam todas as classes econômicas indistintamente (claro, que esses temas pesam mais sobre algumas classes do que sobre outras), pois em *HTGAWM* a protagonista é uma mulher rica, referente e bem-sucedida, mas que enfrenta questões passíveis a qualquer indivíduo. Portanto, compreendo que a série aborda temas pertinentes, atuais e reais que têm potencial de representatividade e conexão com o espectador, este acaba identificando um ou mais pontos abordados, seja em si ou em alguém do seu conhecimento”. Nesse sentido de identificação, a personagem chama atenção para os estereótipos, sensibilidades e silenciamentos desses temas no cotidiano social e isso propõe uma nova leitura das relações humanas e sociais, à medida que os sentimentos afetivos da audiência são capturados pela empatia à trama, como relata o participante 8: “Esses assuntos são relevantes e afetam a vida de muitas pessoas ao redor do mundo, independentemente de sua origem, cultura ou contexto social. No caso específico de *Annalise Keating*, sua sexualidade e orientação sexual são exploradas ao longo da série, e *Annalise* luta contra o estigma e o preconceito que enfrenta como mulher bissexual. O alcoolismo é outro aspecto crucial de sua jornada, e a série retrata os altos e baixos de sua batalha contra a dependência e os efeitos que isso tem em sua vida pessoal e profissional”. Colaborando com a discussão sobre a sexualidade da personagem, o participante 1 destaca que “o racismo e o preconceito contra pessoas LGBTQIAP+ infelizmente é uma realidade

que parece estar longe de acabar. Caminhamos a passos muito curtos e temos a impressão de, às vezes, estarmos regredindo nesses debates. Fazendo uma intertextualidade com a série "Brooklyn 9 9", mais precisamente a fala da personagem Rosa Diaz: "Dois passos para frente e um passo para trás ainda é um passo para frente". Nessa instância, é possível dizer que em HTGAWM há um protocolo de transcrição do cotidiano social e como consequência, ficção e realidade se hibridizam alimentando reconhecimentos que podem ser entendidos à luz do conceito de identidade (HALL, 2004).

Levantando uma questão mais estrutural da sociedade, o participante 6 destaca que: "Annalise é uma personagem multifacetada. Na quinta temporada, fica evidente o embate da figura civil frente ao Estado, Annalise é a mulher preta advogada que se coloca em situações de perigo de vida nessa temporada. Tudo agora é perigoso! E a vida é perigosa, as pessoas bebem e dirigem; não são heterossexuais ou cisgêneros, mas precisam lidar com a normatividade; estão mentalmente exaustas e cansadas, mas caminham como se não estivessem estressadas e/ou depressivas; são pretas, pardas ou indígenas violentados pelo racismo numa estrutura social na qual ninguém se reconhece racista. Enfim, nosso cotidiano é atravessado por todos esses acontecimentos, seja por sermos uma dessas pessoas, seja por convivermos com alguma delas." Nesse sentido, ele apresenta como a sociedade está integrada nas questões abordadas em nossa pesquisa e como a questão do racismo é algo enraizado, tanto na vida da personagem como da sociedade em si.

Por fim, apresentamos os recortes finais da personagem, com os episódios (06x01), (06x12) e (06x15), os quais trazem o fim da batalha de Annalise contra as diversas acusações de assassinatos; sua luta pessoal para superar os seus medos e viver sem ter que mascarar o seu verdadeiro eu para se encaixar na sociedade; e sua força e representatividade para mulheres que a cercam. Após a apresentação dos trechos, realizamos a seguinte pergunta ao GF: 6) A personagem Annalise Keating contribui para representatividade da mulher negra?

Figura 41: Participante 2

Pergunta 6: A personagem Annalise Keating contribui para representatividade da mulher negra?

Sim, pois, além de retratar as dores da raça, mostra as possibilidades de se autoconhecer e de se reconhecer enquanto importante para a sociedade. A personagem representa tantas outras mulheres silenciadas. Annalise aproveita de um espaço que a permite dar voz e trazer como outras delas se sentem em relação a ser mulher preta em uma sociedade racista. A personagem vive em uma retaguarda que mostra como ela sendo sempre atacada, precisando se proteger e, que por isso, vivencia tanto desencontros na história.

Os episódios finais em que ela fala que sempre usou uma máscara para ser aceita por todos, representa bem isso.

Ao falar "o que eu sou é ser uma sobrevivente" para todos no julgamento e, em seguida, se liberta e expõe a verdadeira Keating: de negrinha do colégio, a abusos, perdas, relação com alcoolismo, depressão à sua versão de preta, ambiciosa, brava, mas também triste, sensível... exausta. Logo, quantas mulheres negras são retratadas nessa cena, que transparece a constante luta da mulher para realmente Ser, independente, livre de máscaras.

20:27

Figura 42: Participante 3

Participante 3

Você

Pergunta 6: A personagem Annalise Keating contribui para representatividade da mulher negra?

Sim, apesar de ser uma personagem fictícia, Annalise Keating (Anna Mae Harkness) vivencia um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres reais. Machismo, racismo, objetificação, solidão, maternidade (ou a ausência dela), a disparidade competitiva no mercado de trabalho, a cobrança social e de si mesma a fim de satisfazer expectativas depositadas por outrem. Tantos pontos semelhantes entre todas nós mulheres negras que nos unem, faz-nos enxergar umas nas outras e nos empodera.

Através da sua protagonista a série constrói um espaço profícuo que possibilita discussões que ultrapassam as telas do universo das narrativas seriadas ao trazer nela um feminismo inclusivo e interseccional e suscita reação dentro do campo social de empoderamento e busca equidade.

22:36

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 43: Participante 8

A personagem Annalise Keating contribui para representatividade da mulher negra?

Sem sombra de dúvidas! A representatividade de Annalise Keating é importante porque mostra às mulheres negras que elas também podem ocupar posições de destaque, ter voz e serem protagonistas de suas próprias histórias. Ao ver uma personagem como Annalise na televisão, as mulheres negras podem se sentir valorizadas, empoderadas e inspiradas a perseguir seus próprios objetivos e superar adversidades.

14:18

Figura 44: Participante 1

Participante 1

Você

Pergunta 6: A personagem Annalise Keating contribui para representatividade da mulher negra?

Eu acredito que ela representa bem a mulher negra em suas batalhas, dores e vivências. O fato da série fugir do estereótipo da mulher negra submissa, subserviente ou personagem secundária inspira as mulheres que assistem e traz uma representatividade positiva.

14:40

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Figura 45: Participante 5

Participante 5

Você

Pergunta 6: A personagem Annalise Keating contribui para representatividade da mulher negra?

Sim. Diante de todas as adversidades da vida de annalise ela mostra força, coragem e resiliência, isso de certa forma contribui bastante para a representatividade de mulheres negras fazendo com que elas se inspirem.

20:36

Figura 46: Participante 6

Participante 6

Você

Pergunta 6: A personagem Annalise Keating contribui para representatividade da mulher negra?

Com toda certeza! Na verdade, toda e qualquer personagem contribui para a representação da mulher negra. Afinal, tanto temos personagens negras em papéis estigmatizados quanto de prestígio, mas também temos brancas... onde há brancas temos a possibilidade de questionar do motivo de não haver negras ou se negras também não poderiam fazer esses papéis. A representação também está na falta, na exclusão, na negação. Keating contribui para a uma representação da mulher negra para além de estigmas, bem como para a compreensão humana dessa mulher negra, que é brava, triste, egoísta, gananciosa, tudo que todo ser humano é em alguma medida. Annalise é uma mulher negra da vida real, mas nem toda vida real sempre oportuniza a existência e perseverança de outras Annalises.

18:41

Fonte: Print retirado do Grupo Focal

Como objetivo central deste trabalho, buscamos entender como o papel da personagem Annalise Keating desconstrói o que as narrativas seriadas forneciam para as mulheres negras – papéis cômicos e inferiorizados – trazendo uma nova representação de como a mulher negra pode e deve ser vista pela sociedade, em papéis de destaque, relevância e sucesso. Buscamos entender como a personagem contribui para a representatividade feminina negra, através da narrativa, e questionamos os participantes

se isso realmente era possível. Como relata o participante 8: “A representatividade de Annalise Keating é importante porque mostra às mulheres negras que elas também podem ocupar posições de destaque, ter voz e serem protagonistas de suas próprias histórias. Ao ver uma personagem como Annalise na televisão, as mulheres negras podem se sentir valorizadas, empoderadas e inspiradas a perseguir seus próprios objetivos e superar adversidades”, o que vai ao encontro da teoria de Pierce (2008), que representar é estar no lugar de outro, de tal forma que, para uma mente interpretante, o signo é tratado como sendo o próprio objeto (SANTAELLA e NOTH, 1999; PEIRCE, 2008).

Apesar de ser uma personagem fictícia, Annalise Keating vivencia um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres reais, como relata o participante 3: “O machismo, racismo, objetificação, solidão, maternidade (ou a ausência dela), a disparidade competitiva no mercado de trabalho, a cobrança social e de si mesma a fim de satisfazer expectativas depositadas por outrem. Tantos pontos semelhantes entre todas nós mulheres negras que nos unem, faz-nos enxergar umas nas outras e nos empodera. Através da sua protagonista a série constrói um espaço profícuo que possibilita discussões que ultrapassam as telas do universo das narrativas seriadas”. Essa identificação entre as mulheres negras e a personagem, colabora com a nossa ideia de pesquisa da representatividade da personagem e do conceito de Hall (2004) sobre como as experiências e sentidos culturalmente compartilhados entre os indivíduos, permitem que a representação social aconteça e novas identificações sejam (re)criadas. Tanto o participante 5, quanto o 3, acreditam que Annalise representa bem a mulher negra em suas batalhas, dores e vivências. “O fato de a série fugir do estereótipo da mulher negra submissa, subserviente ou personagem secundária inspira as mulheres que assistem e traz uma representatividade positiva”, dessa forma, “isso contribui bastante para a representatividade de mulheres negras fazendo com que elas se inspirem”. Por fim, compreende-se que para todos os participantes do Grupo Focal, Keating contribui para a representação da mulher negra para além de estigmas, “bem como para a compreensão humana dessa mulher negra, que é brava, triste, egoísta, gananciosa, tudo que todo ser humano é em alguma medida. Annalise é uma mulher negra da vida real, mas nem toda vida real sempre oportuniza a existência e perseverança de outras Annalises”, relata o participante 6.

Apesar da quebra de estereótipos, da desconstrução sobre os papéis narrativos da mulher negra, é importante ressaltar que alguns estereótipos ainda são abordados na trama, como o da mulher negra raivosa aparece na maioria das vezes como uma forma de

oprimir e deslegitimar, ou o papel da mulher que enfrenta todo e qualquer problema, que está sempre forte diante das adversidades. Apesar de serem questões reais do cotidiano, essas ações continuam a se repetir para essas personagens.

Diante do que apresentamos nessa análise, vislumbra-se sobretudo uma mulher negra, intelectual, com carreiras de sucesso (advogada e professora), que protagoniza uma série midiática e que se distancia do gênero do humor, onde os negros acabavam sendo inseridos, assim como rejeita um papel de subalternidade. Uma mulher negra que se permite aventurar em relações que fogem da heteronormatividade e que não se prende a rótulos. Que lida com perdas e dores que fazem parte da vivência feminina, como o abuso e a perda de um filho, e que embora seja possível associá-la a alguns clichês que seguem rotulando as representações das mulheres, continua sendo uma figura atípica, única, por todas as problematizações que foram feitas através da nossa análise e dos nossos participantes. Além disso, a personagem abre espaço para a compreensão de que o trabalho pode ser uma forma de resistência da mulher negra. Por fim, entende-se que a personagem tem potencial de representatividade feminina negra, tanto no âmbito social quanto no profissional.

6 A SENTENÇA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender de que forma a representatividade da personagem Annalise Keating (*How To Get Away With Murder*) contribui para a desconstrução de estereótipos relacionados à mulher negra. Para isso, iniciamos com a discussão a respeito do feminismo tradicional, feminismo negro e interseccionalidade, a fim de debater a condição da mulher e expor as desigualdades de gênero e raça na sociedade. Para embasar estas discussões, foram utilizadas autoras como Lélia Gonzalez, Angela Davis, bell hooks e Kimberlé Crenshaw, que nos possibilitaram entender opressões vivenciadas pelas mulheres, principalmente pelas mulheres negras. No capítulo seguinte, buscamos apresentar os conceitos de representação e identidade de Hall e como essas representações eram feitas sobre as mulheres negras nas narrativas seriadas. Por fim, foram selecionados episódios que trazem conflitos importantes da personagem para servir como objeto de análise de um Grupo Focal, para compreender sua representatividade e desconstrução estereotipa.

A análise narrativa e a interlocução com o GF – mesmo com o formato online – nos permitiram constatar que *Annalise Keating* nos permite captar novas leituras sobre questões sociais importantes do nosso cotidiano, como o racismo, machismo, problemas com álcool, depressão, sexualidade, perdas e realização no trabalho. Nessa perspectiva, a análise dos episódios sinaliza um drama que explora as relações humanas, captando situações que moldam os sujeitos e definem reconhecimento e identificação. Como enfatiza Martín-Barbero (2004), os significados construídos pela ficção requisitam um “reordenamento dos sentidos da cultura” a partir da análise das suas mediações. O que nos leva a pontuar a importância dos estudos ficcionais para compreensão de questões sociais e quebra de estigmas sobre representações femininas, tendo em vista a relevância e engajamento com a audiência²², proporcionando novas leituras de mundo a partir das narrativas ficcionais.

Nas análises das temporadas, observamos como a protagonista vai sendo apresentada ao público, de início, uma mulher temida, referênciada, forte, que faz de tudo para obter vitórias no seu trabalho e tenta passar o mesmo para os seus alunos. Ao longo

²² A questão do engajamento da audiência constitui-se em um dos principais diferenciais das séries dramáticas bem-sucedidas, na medida em que significa não só esforços cognitivos acima da média por parte do espectador para a compreensão da narrativa, mas também atitudes ativas por parte dele em relação à série, como participação em grupos de discussão, pesquisas de informações e colaboração em enciclopédias virtuais (wikis), por exemplo. Tal ação pode resultar na produção de expressivas quantidades de informações e conhecimentos em rede pela (e para a) audiência.” (ANAZ, 2018, p. 15).

da narrativa, a personagem apresenta questões importantes do seu passado que a moldaram para ser vista como essa mulher agressiva, imponente, mas que também é frágil. Uma mulher negra, de origem humilde, que sofreu abuso sexual dentro da própria casa, o que a fez crescer sem confiança nas outras pessoas. O fato dela ser uma mulher bissexual, mesmo que seja um aspecto que é inserido com sutileza, também alavanca o debate sobre sexualidade e rompe alguns preconceitos estabelecidos pelas produções seriadas. Além disso, a personagem vive uma alcoólatra em recuperação, algo pouco explorado no âmbito midiático, principalmente em relação às mulheres e ainda mais quando se trata de alguém bem-sucedido. A trama mostra como a bebida serve como válvula de escape para personagem, que precisa lidar com tantas perdas terríveis, como a do seu filho, seu marido, seu aluno estimado e os problemas nas suas relações para com outras pessoas.

Annalise Keating é, de fato, uma personagem complexa, que foge dos padrões sociais e ficcionais. Sua atuação edifica um novo padrão feminino, principalmente por ser um único personagem que abrange tantas minorias em sua estrutura. Mesmo que ainda apresente alguns estereótipos, como o da mulher raivosa, contempla questões de muita relevância para o universo feminino, como foi possível observar diante das discussões dos participantes do Grupo Focal.

Durante as análises, conseguimos observar um padrão de reconhecimento nas respostas das participantes femininas, que abordaram em diversos momentos como as questões apresentadas pela personagem integram o cotidiano social, a respeito das pressões e opressões que uma mulher negra enfrenta, tanto no seu local de trabalho como no ambiente familiar. Já em relação aos participantes masculinos, conseguimos obter o entendimento da representatividade da personagem, mas de forma mais suscinta, sem tanta profundidade em relação às dores e identificação individual, apresentando um olhar mais coletivo. Logo, as mulheres nos parecem indicar uma leitura atravessada por sua individualidade e os homens por uma coletividade, indicando como a personagem feminina alcança o público feminino de modo mais direto e, provavelmente, mais profundo.

Ademais, é oportuno indicar que a pesquisa poderia ampliar sua análise em relação a individualidade da personalidade, abordando de forma mais aprofundada como seu exterior é montado e desmontado de acordo com o período de força ou fragilidade que a personagem enfrenta. Algo que poderá ser aprofundado em outros trabalhos da academia.

Por fim, compreendemos que, por meio da discussão teórica e analítica, o trabalho se apresenta positivo no que tange à representação de mulheres negras para a quebra de estereótipos, influência na autoestima e reconhecimento das mulheres negras enquanto indivíduos potentes da sociedade. Sendo assim, os objetivos deste trabalho foram alcançados, assim como sua contribuição para futuras pesquisas no campo da representação e das narrativas seriadas.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Sonia E. A “globalização” dos feminismos latino-americanos – tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio. In: Cultura e Políticas nos Movimentos Sociais Latino-Americanos – Novas leituras. Editora UFMG, Belo Horizonte, p. 383 – 426, 2000.
- ANAZ, Sílvio Antônio Luís. **Atributos de séries dramáticas de sucesso e engajamento da audiência.** Significação, São Paulo, v.45, n.50, jul./dez, 2018.
- ARAUJO, José Zito de Almeida. **A negação do Brasil:** O negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac, 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 [1949].
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, p.133-184, jul./dez. 1995.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BULHÕES, Marcelo. **A ficção nas mídias:** um curso sobre a narrativa nos meios audiovisuais. São Paulo: Ática, 2009.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A História cultural:** entre práticas e representações. 2ª Ed. Lisboa: Difel, 2002.
- CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações.** Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.
- COSTA, Maria Eugênia Belczac. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.
- CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the intersection of race and sex:** A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. Chile: U. Chi. Legal F., 1989.
- _____. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.* Revista Estudos Feministas, v.10, n.1, p. 171-188, Florianópolis, jan. 2002.
- DALCASTAGNE, Regina. **Para não ser trapo no mundo:** as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. In: Estud. Lit. Bras. Contemp., Brasília: 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S231640182014000200014&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 25 de maio de 2023.
- DALAGO, Renan da Silva; OLIVEIRA, Rodrigo Pessoa; BOTOSO, Altamir. **Os arquétipos de Annalise:** uma viagem pela personagem de Viola Davis em How To Get

Away With Murder. Encontro Nacional de Produção Científica. 2017. Disponível em <chrome-extension://efaidnbmninnibpcapjcgclclefindmkaj/https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/1404/1/epcc--79521.pdf >. Acesso em: 28 de abril. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. - São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE FILHO, João. **Força de expressão**: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, n. 28, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3333/2590>>. Acesso em 24 de maio. de 2023.

FILHO, João Freire. **Mídia, estereótipo e representação das minorias**. Revista ECO-Pós, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1120>. Acesso em: 16 de abril. 2023.

FONSECA JÚNIOR, W. C. **Análise de Conteúdo**. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 280-303.

GONZALEZ, Lélia. **A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social**. Raça e Classe. a. 2, n.5, Brasília: MNU, nov./dez. 1988.

_____. **Cultura, etnicidade e trabalho**: efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher. Comunicação apresentada no VIII Encontro Nacional da Latin American Studies Association, realizado de 05 a 07 de abril em Pittsburgh (USA), 1979a (mimeo).

_____. **Mulher negra**. In Afrodiáspora: Revista estudos do mundo negro, ano 3 n 6 e 7, Ipeafro, abril/dezembro de 1985.

_____. **O papel da mulher negra na sociedade brasileira**: Uma abordagem político econômica. In: Spring Symposium the Political Economy of the Black World, Center for Afro American Studies. Los Angeles: UCLA, 10-12 de maio de 1979b (mimeo).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

_____. *Raça, O Significante Flutuante*. Liv Sovik (tradução) em colaboração com Katia Santos. Z Cultural, Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Ano VIII, 2, 2015.

_____. *Cultura e representação* / Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260 p.: il.; 21 cm.

HOOKS, bell. 1ª edição 1981, **Não sou eu uma mulher**. Mulheres negras e feminismo. Disponível em: <https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf>. Acesso em 14 de maio. de 2023.

HORKEIMER, Max.; ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Disponível em:

<https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf?1349572420>. Acesso em 13 de maio. de 2023.

JESUS, Carla Silva de. **A mulher preta nos jornais impressos: uma análise da construção discursiva nas páginas de A Tarde e Massa.** 2017. Monografia. (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Perrópolis: Vozes, 2000.

KAPLAN, Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco (Orgs). **Transnacionalização da ficção televisiva nos países ibero-americanos:** Anuário Obitel. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MACEDO, A. G. **Pós-feminismo.** Revista Estudos Feministas, v. 14, n. 3, p. 813-817, 2006.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** 5. ed. São Paulo: SENAC-SP, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org). **Telenovela: internacionalização e interculturalidade.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Uma aventura epistemológica.** Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Matrizes. São Paulo, v.2, n.2, jul./dez. 2009.

_____. **A comunicação na educação:** São Paulo: Contexto, 2014.

MITTEL, Jason. **Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea.** Matrizes. São Paulo: Ano 5, nº 2 jan./jun. 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Editora UNB, 2013.

NASCIMENTO, Luana Camará Mikaella Maciel Gomes. **A Dona da História: o papel de Shonda Rhimes e suas protagonistas na terceira era de ouro da televisão americana.** Rio de Janeiro, 2017.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: gêneros cinematográficos.** Covilhã: LabCom Books, 2010.

MOREIRA, Núbia R. **O feminismo negro brasileiro: um estudo do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro e São Paulo.** Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, 2007.

PINTO, Céli. **Feminismo, História e Poder.** Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

RANDAZZO, Sal. **A criação de mitos na publicidade: como publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

RIBEIRO, Julia Chagas. **O poder das mulheres na representação midiática: percepções da audiência sobre personagens das séries de Shonda Rhimes.** 2017. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/178483>>. Acesso em 25 de maio de 2023.

- RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/Livros/RIBEIRO%20Djamila.%20O%20que%20e%20lugar%20de%20fala.pdf>>. Acesso em 08 de jun. de 2023.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e cia** - 8ªed. São Paulo: Ática, 2008.
- SANTOS, Josiane Paixão dos. **Representação, interseccionalidade e mundo do trabalho:** a mulher negra na ficção seriada. 2019. Monografia. (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Santa Cruz do Sul, 2019.
- SARMENTO, Rayza. **O feminismo no jornalismo.** Viçosa: Cadernos Pagu, 2020.
- SILVA, Letícia da. **A representação do papel feminino na série how to get away with murder:** uma análise da personagem Annalise Keating. 2019. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, 2019.
- SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Cultura das séries:** forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. Galáxia. São Paulo, n. 27, jun. 2014.
- SILVEIRA, R. S. & Nardi, H. C. (2014). *Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha. Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe.), 14-24.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SHOHAT Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2008.
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor:** estruturas míticas para escritores. Tradução de Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ANEXO 1. FORMULÁRIO DISPONIBILIZADO AOS PARTICIPANTES DO GRUPO FOCAL

Perfil dos participantes

Formulário elaborado para colher informações a respeito dos participantes da pesquisa intitulada "UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS E DA REPRESENTATIVIDADE DA PERSONAGEM ANNALISE KEATING EM HTGAWM

Informe seu sexo/gênero: *

Marcar apenas um oval.

Masculino

Feminino

Outro:

Informe sua idade: *

Marcar apenas um oval.

acima de 18

acima de 25

acima de 30

Cidade onde reside: *

Marcar apenas um oval.

Negro(a)

Branco(a)

Amarelo(a)

Pardo(a)

Curso ou área de formação: *

Qual sua renda mensal? *

Marcar apenas um oval.

menos que um salário-mínimo

um salário-mínimo

até dois salários-mínimos

Já conhecia a personagem Annalise Keating? *

Marcar apenas um oval.

sim

não

Deseja receber uma cópia de suas respostas? *

Marcar apenas um oval.

Sim

Não

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

HTGAWM: Uma análise dos conflitos e da representatividade da personagem Annalise Keating

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

A seguir, você irá assinalar o item "sim", autorizando a sua participação voluntária na pesquisa intitulada **"UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS E DA REPRESENTATIVIDADE**

DA PERSONAGEM ANNALISE KEATING EM HTGAWM", desenvolvida pela pesquisadora Núbia Alves da Silva, como trabalho de conclusão de curso, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob orientação da Prof^ª Dr^ª Robéria Nádia Araújo Nascimento.

Dito isso, estás ciente de que os procedimentos (formulários, questionários e/ou entrevistas) não terão custos e desconfortos para você, também não tendo riscos envolvidos. Assim, você autoriza os responsáveis pela pesquisa a conservar, sob sua guarda, os resultados da pesquisa, assim como a utilizar estas informações sobre o participante em reuniões, congressos e publicações científicas, uma vez que sua identidade estará mantida em sigilo.

Também está ciente que terá direito a respostas de quaisquer dúvidas que possam surgir durante a sua participação na pesquisa. Em hipótese alguma, você será identificado e poderá retirar este consentimento em qualquer momento da investigação, sem qualquer penalização.

Este termo de consentimento lhe foi apresentado, entendendo que seu conteúdo foi compreendido.

Campina Grande- PB, Junho de 2023.

Núbia Alves da Silva, residente na Rua Pedro de Almeida, 778, Bananeiras/PB - (83)991943910.

* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail *

1. Lido o termo de consentimento e estabelecidos os parâmetros da investigação, *

você concorda em participar da pesquisa?

Marcar apenas um oval.

sim